FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA–UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS DA TERRA–NCET
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA–DGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA–PPGG

JEFFERSON HENRIQUE CIDREIRA

AS INVENÇÕES DE ISOLAMENTO E DO SER AMAZÔNICO EM EUCLIDES DA CUNHA, NOS MEMES E NO ESPAÇO VIVIDO

PORTO VELHO–RO
2020

JEFFERSON HENRIQUE CIDREIRA

AS INVENÇÕES DE ISOLAMENTO E DO SER AMAZÔNICO EM EUCLIDES DA CUNHA, NOS MEMES E NO ESPAÇO VIVIDO

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia, área de concentração: Ambiente e Território na Pan-Amazônia, linha de pesquisa: Território e Sociedade na Pan-Amazônia, Universidade Federal de Rondônia, como requisito necessário à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva

PORTO VELHO–RO
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

C568 Cidreira, Jefferson Henrique.

As invenções de isolamento e do ser amazônico em Euclides da Cunha, nos memes e no espaço vivido. / Jefferson Henrique Cidreira. -- Porto Velho, RO, 2020.

192 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Josué da Costa Silva

Tese (Doutorado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Amazônia. 2.Euclides da Cunha. 3.Invenções. 4.Memes. 5.Espaço Vivido. I. Silva, Josué da Costa. II. Título.

CDU 821.134.3(81)

Bibliotecário(a) Luã Silva Mendonça CRB 111/905

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ATA DE REUNIÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

JEFFERSON HENRIQUE CIDREIRA

A Banca de Defesa de Doutorado presidida pelo Orientador e Presidente **Prof. Dr. Josué da Costa Silva** e constituída pelos examinadores: **Profa. Dra. Maria das Graças S. Nascimento Silva** - Examinadora Interna – PPGG-UNIR, **Profa. Dra. Maria Madalena de Aguiar Cavalcante** - Examinadora Interna – PPGG- UNIR, **Prof. Dr. Daniel da Silva Klein** – Examinador Externo – Departamento de História/Universidade Federal do Acre e **Prof. Dr. Marcos Aurélio Marques** – Examinador Externo – Faculdade Sapiens/TIDD/PUC-SP, reuniram-se em **28 de julho de 2020**, às 9h30min, através de **Videoconferência - Google Hangouts Meet** – Link: https://meet.google.com/gae-qfrm-upd, para avaliar a Tese de doutorado intitulada: **"AS INVENÇÕES DE ISOLAMENTO E DO SER AMAZÔNICO EM EUCLIDES DA CUNHA, NOS MEMES E NO ESPAÇO VIVIDO"** do doutorando **Jefferson Henrique Cidreira** - Matrícula: 20171000990. Após a explanação do pós-graduando e arguição pela Banca Examinadora, a referida **TESE** foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada **APROVADO**. O Candidato terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua Tese, sob pena de invalidação, pelo Colegiado, do processo de Defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 83 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Tese revisada e a comprovação do cumprimento dos demais créditos, conforme Regimento Interno. ***Este documento tem validade de 90 dias a contar desta data.***

Porto Velho-RO, 28 de Julho de 2020.

Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Orientador e Presidente

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Examinadora Interna – PPGG-UNIR

Profa. Dra. Maria Madalena de Aguiar Cavalcante
Examinadora Interna – PPGG-UNIR

Prof. Dr. Daniel da Silva Klein
Examinador Externo – Departamento de História/UFAC

Prof. Dr. Marcos Aurélio Marques
Examinador Externo – Faculdade Sapiens/TIDD/PUC-SP

Documento assinado eletronicamente por **JOSUE DA COSTA SILVA**, **Presidente de Comissão**, em 03/08/2020, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Daniel da Silva Klein**, **Usuário Externo**, em 12/08/2020, às 10:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **MARIA DAS GRACAS SILVA NASCIMENTO SILVA**, **Docente**, em 12/08/2020, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Marcos Aurelio Marques**, **Usuário Externo**, em 20/08/2020, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **MARIA MADALENA DE AGUIAR CAVALCANTE**, **Docente**, em 21/08/2020, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0459266** e o código CRC **169E1B4F**.

À minha mãe: ontem e hoje

Inveja eu sentia, era uma criança que queria ser igual às outras que me rodeavam na escola. Com seus tênis de marca, suas pulseiras e cordões, roupas, com suas falas que traziam lugares, cor, densidade, fascínio daquilo que os olhos não viram, daquilo que não podia ter naquele momento, algo distante, mas nunca irreal. A utopia, aqui movia, jamais algo inatingível. Queria ser aceito, notado, mas não fazia parte daquele mundo, o meu era um pouco aquém, porém de humilde era sensato, tinha um objetivo sempre em mente, tinha suas palavras guardadas no coração: "cresça e vire gente, nunca dependa do seu pai".

Ah! mulher sábia, de caráter, humilde e sensata, tu tinhas razão.

Hoje, criei asas, e só o céu é o limite então. A cada conquista, tu só sorrias e falavas: "graças a ti, meu Senhor Jesus!". Da aprovação da graduação que eu queria e ela tinha medo de ver seu filho um "hippie" tornar-se, era sua crença, mas não via que os tempos mudaram, professor se tornava então. Com os anos e aprovações em concursos ela chorava e agradecia mais feliz do que eu. Então um dia veio o mestrado, ela se orgulhara e compartilhara a felicidade de poder me ver crescer. Sentia as cores, as densidades, as geografias que sonhava conhecer. Deus sempre fiel mesmo sendo eu falho, mais uma aprovação, o tão sonhado doutorado, minha mãe, com sua eterna humildade e orgulho dos seus filhos, só sabia a Deus agradecer.

Hoje o dia é dela, mas não só hoje, pois todos os dias ela deixou de realizar-se para meu irmão e eu podermos ter coisas que ela nunca teve, mas sua felicidade encontrava-se ao nos ver sorrir, lutar, vencer. (JHC, 2017)

(Em memória) as pessoas especiais em minha vida: meu tio amado, Willians Celestial Matos e ao meu grande amigo, Luiz José de Freitas. Vocês fazem muita falta!

AGRADECIMENTO (S)

Agradecer é um ato de alegria, pois, nos percursos sinuosos que pairaram em nós, sempre houve mãos estendidas e, também, as que se encolheram quando necessitávamos para se embrenhar, se lançar nessa caminhada ainda desconhecida, mas desejada, sonhada, não para uma autoafirmação e soberba, porém, para crescimento, para poder olhar para trás e ver de onde vim, da família humilde, das dificuldades, de dar orgulho aos meus pais, porque nunca desistiram do meu irmão e de mim, e possibilitaram irmos adiante, mesmo tendo que passar necessidades. Todavia, nos disseram: “estudem, vão, consigam aquilo que eu e seu pai não pudemos terminar!”.

Agradecer é um ato de reconhecimento às pessoas que não mediram esforços para nos ajudar a ir além e é também agradecer aos que não assim quiseram, contudo, fizeram enchermos de ânimo para mostrarmos que nunca, foi algo em vão, foi luta, foi sangue, foram lágrimas e a eles agradeço, pois, verão o quão aplicável o axioma que José Fiorin asseverou: “é maravilhoso! A coisa mais importante dizer sempre é: eu me enganei”.

Sendo assim, e podendo também ser traído pela memória que, às vezes é falha, posso esquecer-me de alguém que foi essencial, logo, de antemão, peço perdão. Entretanto, vamos lá!

A Deus, acima de tudo!

À mãe Maria Liberdade, batalhadora, espelho de maternidade que qualquer filho quer ter, pelo carinho, pelo amor. Te amo!

Ao pai Saint’ Clair Cidreira, por ter me corrigido e assim ensinado os valores morais para ser um bom homem e por ter cuidado de mim. Te amo!

Ao meu irmão Saint’ Clair Cidreira Jr., por ter sido um “super-herói“ para mim, meu espelho, o qual sempre me direcionou ao caminho certo a ser trilhado, e o meu amado sobrinho e quase um filho, Saint’ Clair Neto, meu companheiro de debates sobre filmes, animes, etc., e, agora, à Maísa, a princesa linda do tio. Amo vocês!

Aos meus primos que amo muito e, que, sem eles, essa tese não seria possível, pois eles, no apagar das luzes, conseguiram minha liberação para ir residir em Porto Velho com a cabeça tranquila para estudar, uma vez que, como sempre, pessoas fizeram de tudo para impedir a minha ida ao doutorado.

Obrigado de todo coração, Janexon Matos e Jamineida Matos. Agradeço também ao meu querido tio Solino, pois também se esforçou para eu ir. Obrigado.

À banca, professores doutores Daniel Klein, Maria Madalena, Maria das Graças e Josué da C. Silva, e, em especial ao Daniel Klein e Marcos Aurélio Marques, pelos diálogos sempre presentes a todo o momento.

A todos os meus amigos, em especial ao Francisco Tiago, Rodrigo Fortes, Bosco, professora Dra. Gracinha e ao Nilton Nonato, amigos de todas as horas.

Aos professores do PPGG, por terem desenvolvido experiências de vida através das suas vivências e leituras proporcionadas, debates e orientações.

Aos colegas de classe: minha amicíssima Alessandra Manchineri, aos meus amigos e irmãos Rogério Nogueira (Rô) e João Almeida de Barros Lima Neto (o cara que me presenteou com o que eu mais queria – o livro do Dardel), à Dhuliani C. Bonfanti, Larissa Zuim, Helen Rose Oliveira da Silva, Elizabete do Nascimento Cavalcante, à querida e tão doce Tânia Olinda Lima, ao Reginaldo Conceição da Silva, Giovanni Marini, Hérlon de Moura Soares, Denis Brito, Gean Magalhães, Vinicius Dantas Silveira, enfim, a todos da turma 2017, tanto do mestrado, quanto do doutorado, obrigado pela amizade, pela ajuda, pelos debates. Levarei sempre todos no coração.

Aos amigos que conheci no PPGG e aprendi a amar: Darlene Costa da Silva, Moisés Daniel de Souza dos Santos, Liziane Souza Silva, Gilberto Paulino, Janete Farias Mendonça, Paulo César Barros Pereira, Ednilson Gomes da Silva, Bárbara Elis Nascimento Silva, Francisco Ribeiro e Charlot Jn Charles. Ah! e à Amélie, Flora e Frida, que aliviaram a saudade dos meus filhos e me alegraram o coração quando esse sangrava pela saudade de casa.

Ao amigo e interlocutor, desde a graduação, prof. Dr. Daniel Klein, professor do curso de História da Universidade Federal do Acre- UFAC, pelo incentivo e a ajuda nas horas mais oportunas ainda no projeto.

A um amigo, incentivador, professor da UFAC e interlocutor, Marcio Cavalcante (Marcinho, em memória), senão fosse ele, não teria entrado nessa empreitada. Obrigado!

Ao outro irmão que ganhei para toda a vida, meu amigo professor Dr. Francisco Marquelino Santana. Obrigado, meu grande amigo e interlocutor!

À minha interlocutora, orientadora muitas vezes, porém sempre amiga e preocupada comigo, professora Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva. A ti meu eterno agradecimento, pois, nas horas mais difíceis em que a depressão foi minha única companhia, a senhora me ajudou. Também por me ter sempre com carinho fraternal, quase maternal; pelas discussões e debates que me ajudaram muito nessas tessituras, além dos sorrisos em todas às horas.

Ao professor Dr. “Dandão” e a minha eterna professora, mãe, amiga, Dra. Simone de Souza Lima, amigos e interlocutores que acreditaram em mim!

A uma amizade verdadeira que nasceu em dois dias e será à vida inteira. Minha amiga, minha interlocutora, parceira de poesias e das dores da vida, às pontes poéticas do Norte ao Sul, professora. Dra. Tanize Tomasi.

Ao grande professor Dr. Nilson Fraga pela amizade, humildade e interlocuções. Meu muito obrigado de coração.

À amiga do PPGG Isildamar B. Guimarães, colega que sempre cuidou de mim nos momentos em que tive minhas crises e nunca desistiu de mim.

Ao professor Adnilson Almeida, pela humildade, amizade, interlocuções bem presentes sobre seus conceitos de marcadores territoriais e sobre a geografia.

Aos alunos da graduação em Geografia da UNIR, que fizeram os diálogos acontecerem por causa dos estágios docências e, dessa maneira, pude trocar experiências, ensinar e aprender muito.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNIR-PPGG.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES.

Por fim, onde já me escapam as lembranças e a memória é reduzida ao esquecimento, quero agradecer a todos que estiveram de maneira direta e indireta nesses percursos, que torceram por mim, que se preocuparam comigo e que sempre me disseram: “Você consegue!”

O mundo termina geralmente por assemelhar-se ao paraíso ou às utopias que os homens imaginam; seus valores enraízam-se, suas escolhas aí sua legitimidade; o ambiente que moldam torna-se, assim, conforme às suas preferências e às sua aspirações.

Paul Claval.

RESUMO

AS INVENÇÕES DE ISOLAMENTO E DO SER AMAZÔNICO EM EUCLIDES DA CUNHA, NOS MEMES E NO ESPAÇO VIVIDO

Desde o século XVI, colonizadores, cientistas e viajantes, começaram a atribuir à Amazônia imagens fantasiosas, exóticas, selvagens. Todavia, foi com o advento do período republicano brasileiro, outros discursos ecoaram, inventados por um paradigma dominante, o capitalismo. Mas como a figuração do outro instituiu construtos discursivos em relação à Amazônia? Ou seja, como as ideias do outro reforçaram e "influenciaram" o discurso de constituição de uma imagem de isolamento à região amazônica Ocidental, que foi empreendida por um Brasil recém republicano que buscava uma identidade nacional através de tessituras 'genuinamente' brasileiras? Seguindo essa premissa, nosso objetivo centra em mostrar como num Brasil República, que ansiava e ecoava o *progresso*, o *desenvolvimento*, a *civilização* e uma identidade nacional para seu Território, passa a partir de uma escrita brasileira, a (re) inventar e/ou solidificar à Amazônia, espaço e ser, vista como isolada, atrasada, onde o homem estava destinado a não produzir cultura e como esses discursos pejorativos e estereotipados pelo outro, ainda ecoam através de novas linguagens. Além disso, é desejo nosso mostrar outra invenção, efeito de verdade erigido por meio da relação fenomenológica entre o sujeito e seu lugar, um espaço vivido. Assim, a preposição de tese reside nas (re) invenções da Amazônia, seu ser e espaço, em Euclides da Cunha, notável autor que abraçou os ideais de progresso e civilização da República do Brasil, mediante aos seus escritos, quando chefiara a Comissão de Reconhecimento ao Alto Purus (1904-1905) e o livro que reunira suas impressões, *À margem da História* (1909); nos *memes*; e no espaço vivido. Tem como área de análise a Amazônia brasileira, parte Ocidental, formada pelos estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Pará, todavia, incluímos, também, o estado do Amapá. O recorte temporal data de 1905 a 2020. A análise recorreu às acepções dos Estudos Culturais de Homi Bhabha (1998) e Paul Claval (1995; 2001); interdisciplinares de Patrick Charaudeau (2010); a Análise discursiva de Mikhail Bakhtin (1981; 1995; 1999; 2003) e Michel Foucault (1972; 1979; 1987; 1988; 1994; 1996; 2001) e os textos fenomenológicos de Martin Heidegger (1991; 2000; 2002; 2005; 2006; 2015); Eric Dardel (2011); Gaston Bachelard (1993); Yi-Fu Tuan (1983; 1986); Acosta (2016). Por meio dessa gama teórica, pudemos figurar as invenções do outro, de diferente povoação, exógenas, que disseminaram e continuam a apresentar o ser e o espaço das Amazônias como bárbaros, atrasados, onde o homem está destinado a não ter cultura, inferno verde, paragem de isolamento; além de desnudar, resistir, imanar os ecos da relação íntima entre natureza e o ser-e-estar-no-mundo, sem determinismos, que se tornam cruciais na presença de um bem viver a partir do existencialismo do ser amazônico e suas vivências recíprocas com o mundo que o circunda, elemento crucial para desmistificar olhares alheios, imagens retorcidas, permitir discursos endógenos serem audíveis, causando uma invenção como efeito de verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Euclides da Cunha. Invenções. Memes. Espaço vivido.

ABSTRACT

THE INVENTIONS OF ISOLATION AND THE AMAZON BEING IN EUCLIDES DA CUNHA, MEMES AND LIVING SPACE

Since the 16th century, colonizers, scientists and travelers began to attribute fanciful, exotic, wild images to the Amazon. However, it was with the advent of the Brazilian republican period, other discourses echoed, invented by a dominant paradigm, capitalism. But how did the figuration of the other institute discursive constructs in relation to the Amazon? In other words, how did the other's ideas reinforce and “influence” the discourse of constituting an image of isolation to the Western Amazon region, which was undertaken by a recently republican Brazil that sought a national identity through ‘genuinely” Brazilian fabric? Following this premise, our objective is to show how in a Brazil Republic, which yearned for and echoed progress, development, civilization and a national identity for its Territory, it starts from a Brazilian script, inventing and/or solidifying the Amazon, space and being, seen as isolated, backward, where man was destined not to produce culture and how these pejorative and stereotyped speeches by the other, still echo through new languages. Furthermore, it is our wish to show another invention, an effect of truth erected through the phenomenological relationship between the subject and his place, a lived space. Thus, the preposition of the thesis resides in the inventions of the Amazon, its being and space, in Euclides da Cunha, notable author who embraced the ideals of progress and civilization of the Republic of Brazil, through his writings, when he headed the High Purus Recognition Commission (1904-1905) and the book that gathered his impressions, On the margins of History (1909); in memes; and in the lived space. Its area of analysis is the Brazilian Amazon, Western part, formed by the states of Acre, Amazonas, Rondônia and Pará, however, we also include the state of Amapá. The time frame dates from 1905 to 2020. The analysis used the meanings of the Cultural Studies by Homi Bhabha (1998) and Paul Claval (1995; 2001); interdisciplinary studies by Patrick Charaudeau (2010); the discursive analysis of Mikhail Bakhtin (1981; 1995; 1999; 2003) and Michel Foucault (1972; 1979; 1987; 1988; 1994; 1996; 2001) and the phenomenological texts of Martin Heidegger (1991; 2000; 2002; 2005; 2006 ; 2015); Eric Dardel (2011); Gaston Bachelard (1993); Yi-Fu Tuan (1983; 1986); Acosta (2016). Through this theoretical range, we could figure out the inventions of the other, from a different population, exogenous, that disseminated and continue to present the being and space of the Amazon as barbarians, backward, where man is destined to have no culture, green hell, isolation hover; in addition to stripping, resisting, emanating the echoes of the intimate relationship between nature and being-and-being-in-the-world, without determinisms, which become crucial in the presence of a good life based on the existentialism of the Amazonian being and their reciprocal experiences with the world around him, a crucial element to demystify the eyes of others, twisted images, to allow endogenous discourses to be audible, causing an invention as an effect of truth.

KEYWORDS: Amazon. Euclides da Cunha. Inventions. Memes. Lived space.

RESUMEN

LAS INVENCIONES DE AISLAMIENTO Y SER AMAZONICO EN EUCLIDES DA CUNHA, MEMES Y ESPACIO VIVO

Desde el siglo XVI, los colonizadores, científicos y viajeros comenzaron a atribuir imágenes extravagantes, exóticas y salvajes al Amazonas. Sin embargo, fue con el advenimiento del período republicano brasileño, otros discursos se hicieron eco, inventados por un paradigma dominante, el capitalismo. Pero, ¿cómo hizo la figuración de las otras construcciones discursivas del instituto en relación con el Amazonas? En otras palabras, ¿cómo reforzaron e "influyeron" las ideas del otro en el discurso de constituir una imagen de aislamiento en la región amazónica occidental, que fue emprendido por un Brasil recientemente republicano que buscó una identidad nacional a través de textos brasileños "genuinamente"? Siguiendo esta premisa, nuestro objetivo es mostrar cómo en una República de Brasil, que anhelaba e hizo eco del progreso, el desarrollo, la civilización y la identidad nacional de su territorio, pasa de un guión brasileño a inventar y/o solidificando el Amazonas, el espacio y el ser, vistos como aislados, atrasados, donde el hombre estaba destinado a no producir cultura y cómo estos discursos peyorativos y estereotipados por el otro, todavía resuenan a través de nuevos idiomas. Además, es nuestro deseo mostrar otro invento, un efecto de verdad erigido a través de la relación fenomenológica entre el sujeto y su lugar, un espacio vivido. Por lo tanto, la preposición de la tesis radica en las invenciones de la Amazonía, su ser y espacio, en Euclides da Cunha, un autor notable que abrazó los ideales de progreso y civilización de la República de Brasil, a través de sus escritos, cuando dirigió la Comisión de Reconocimiento de Alto Purus (1904-1905) y el libro que reunió sus impresiones, Al margen de la historia (1909); en memes; y en el espacio vivido. Su área de análisis es la Amazonía brasileña, la parte occidental, formada por los estados de Acre, Amazonas, Rondônia y Pará, sin embargo, también incluimos el estado de Amapá. El período de tiempo data de 1905 a 2020. El análisis utilizó los significados de los Estudios Culturales de Homi Bhabha (1998) y Paul Claval (1995; 2001); estudios interdisciplinarios de Patrick Charaudeau (2010); el análisis discursivo de Mikhail Bakhtin (1981; 1995; 1999; 2003) y Michel Foucault (1972; 1979; 1987; 1988; 1994; 1996; 2001) y los textos fenomenológicos de Martin Heidegger (1991; 2000; 2002; 2005; 2006 ; 2015); Eric Dardel (2011); Gaston Bachelard (1993); Yi-Fu Tuan (1983; 1986); Acosta (2016). A través de este rango teórico, podríamos descubrir los inventos del otro, de una población diferente, exógena, que diseminó y continúa presentando el ser y el espacio de las Amazonas como bárbaros, hacia atrás, donde el hombre está destinado a no tener cultura, infierno verde vuelo estacionario de aislamiento; Además de desnudar, resistir, emanar los ecos de la relación íntima entre la naturaleza y el ser-y-ser-en-el-mundo, sin determinismos, que se vuelven cruciales en presencia de una buena vida basada en el existencialismo del ser amazónico y sus experiencias recíprocas. Con el mundo que lo rodea, un elemento crucial para desmitificar los ojos de los demás, imágenes retorcidas, que permiten que los discursos endógenos sean audibles, provocando una invención como efecto de la verdad.

PALABRAS CLAVE: Amazonía. Euclides da Cunha. Invenciones Memes Vivió el espacio.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

CLTEMA- Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas.

CAETA- Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia.

DNI- Departamento Nacional de Imigração.

GEPCULTURA- Grupo de Estudos e Pesquisas, Modos de Vida e Culturas Amazônicas.

IHGB- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

SEMTA- Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia.

UFAC- Universidade Federal do Acre.

UNIR- Fundação Universidade Federal de Rondônia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- *Mapa do Vice-Reino do Peru:* Alto Peru (amarelo) e Baixo Peru (verde), 1810. Fonte: Extraído do mapa de Eduardo Ydiaquez. Disponível em< http://www.mirabolivia.com> acessado em 03.05.2019. [Adaptado pelo autor].

Figura 2- *Mapa da Bolívia antes da Guerra com o Acre em 1891.* Fonte: https://pt.wikipedia.org Acessado em 05.05.2019. Baseado no arquivo de Wikicommsn: Aequivo Handatlas de 1891. (Pruxo, 2007). [Adaptado pelo autor].

Figura 3- *A redenção de Cam.*
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Modesto_Brocos
"Le nègre passant au blanc, à la troisième génération, par l'effet du croisement des races".

Figura 4- *Charge* Cabra Sarado. Fonte- O MALHO, ano II, nº 20, de 31/01/1903, p. 7. Acervo FBN.

Figura 5- *Charge* Limpando águas. Fonte- O MALHO, ano IX, nº 432, de 24/12/1910, p. 19. Acervo FBN.

Figura 6- Cartazes vinculados pelo Governo Getúlio Vargas. Fonte: Fotos: Reprodução, divulgação e edição de Imagens: Everaldo Silva in: http://desimbloglio.blogspot.com/2012/10/publicidade-e-imagem-idealizada-da.html

Figura 7- *Charge* Formação do Mundo Novo. Fonte- O MALHO, ano III, nº 117, de 10/12/1904, p. 18. Acervo FBN.

Figura 8- Itinerários euclidianos. Fonte: Fonte: Revista Dom Casmurro, 1946. *In*: https://amazonialatitude.com/2019/07/16/a-terceira-margem-do-texto-euclides-da-cunha-e-a-amazonia.

Figura 9- Euclides da Cunha, em destaque, e parte do grupo a caminho ao Alto Purus, com dedicatória aos familiares em 1905. Fonte: http://www.euclides.site.br.com/ [Adaptado pelo autor].

Figura 10- Euclides saltando de uma embarcação com a cabeça protegida dos mosquitos por uma espécie de uma cobertura improvisada, 1905. Fonte: TOCANTINS, Leandro (reprodução). *Euclides da Cunha e o Paraíso perdido.* Manaus, 1966.

Figura 11- Mapa da Bacia do Purus e trajeto da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus chefiada por Euclides da Cunha. Fonte: Dhuliane, 2019.

Figura 12- Retrato de Euclides da Cunha feito por Candido Portinari. Fonte: Revista *Dom Casmurro*, 1946. Disponível em http://www.euclides.site.br.com/

Figura 13- *Meme* “o Brasil visto pelos brasileiros”. Fonte: Domínio público nas redes sociais. Elaborada por Juninho.

Figura 14- *Meme* da visão do Amazonas. Fonte: Domínio público nas redes sociais. Elaborada pela página Memedroid.

Figura 15- *Print* *“*Visão homogênea da Amazônia”. Fonte: Página oficial da Century no facebook.

Figura 16- *Meme* Enquanto isso no Acre. Fonte: Domínio público nas redes sociais. Elaborada pela página South America Memes.

Figura 17- *Meme* Visão do Amapá. Fonte: Página do Nogueira. Elaborada pela página Surrealista, 2016.

Figura 18- *Meme* Visão de Rondônia. Fonte: Revista Rua.

Figura 19- *Meme* Eis que você é da Amazônia. Fonte: South America Memes.

Figura 20- Contemplação do rio Acre na capital acreana. Fonte: Banco de dados do autor.

Figura 21- Pessoas reunidas no calçadão da Gameleira-Acre. Fonte: Ascom-UFAC.

Figura 22- Por do sol em Xapuri- Acre. Fonte: Denilson Almeida, 2020.

Figura 23- Arte visual de um menino à beira do açude. Fonte: Artista plástico Leandro Costa, 2016.

Figura 24- Passeio até o Aeroporto Internacional Plácido de Castro, Rio Branco. Fonte: Grupo da Equipe Capivara.

Figura 25- Reunião dos Motoclubes. Fonte: Página dos Abutres 1%.

Figura 26- Trabalho Social nos bairros. Fonte: Página dos Abutres 1%.

Figura 27- Bacia amazônica. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hidrografia_do_Brasil. Acesso em: 01.05.2020

Figura 28- Pesca sustentável do Pirarucu no rio Solimões-AM. Fonte: O progresso.

Figura 29- Ribeirinhos do rio Envira, no município de Feijó-AC. Fonte: Denilson Almeida, 2020.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO- PERCURSOS E (DES) CAMINHOS: DO ONTEM AO AQUI E DO AQUI AO ONTEM

INTRODUÇÃO 24

1 DÉMARCHES TEÓRICAS: DO PENSAMENTO À CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS 31

1.1 MÉTODO COMO ARTE E A TRANS/ INTER/ DISCIPLINARIDADE: TESSITURAS 33

1.2 A INVENÇÃO DA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA E CULTURAL EM EUCLIDES DA CUNHA E NOS MEMES 39

1.3 A FENOMENOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER E ERIC DARDEL NO PROCESSO DE INVENÇÃO DO SER E ESPAÇO AMAZÔNICO 57

2 BREVES CONTEXTOS E VISÕES DE AMAZÔNIA NOS PRIMEIROS ANOS DA PRIMEIRA REPÚBLICA 68

2.1 BREVES CONTEXTOS HISTÓRICOS: A REPÚBLICA E OS IDEAIS DE PROGRESSO 69

2.2 IMAGENS RETORCIDAS: UM OLHAR SOBRE A AMAZÔNIA ATRAVÉS DAS CHARGES.....80

2.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SERINGUEIROS NA AMAZÔNIA.....87

2.4 A MULHER AINDA À MARGEM DIANTE DOS EMPREENDIMENTOS REPUBLICANOS DE PROGRESSO? 94

3 AS INVENÇÕES DA AMAZÔNIA E DO SER: EM EUCLIDES DA CUNHA E NOS MEMES 106

3.1 NAVEGANDO PELAS TESSITURAS EUCLIDIANAS 108

3.2 ECOS EUCLIDIANOS: “OUTRAS” VISÕES DE AMAZÔNIA, INTERLOCUÇÕES E DESCONTINUIDADES 126

3.3 UM OLHAR SOBRE A AMAZÔNIA A PARTIR DA MÍDIA CULTURAL *MEMES* 135

4 UMA OUTRA INVENÇÃO: A PARTIR DO ESPAÇO VIVIDO 148

4.1 UM BEM VIVER PELA (S) CIDADE (S) AMAZÔNICA (S) 149

4.2 UM BEM VIVER PELA (S) FLORESTA(S) AMAZÔNICA (S).....163

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU PONTO DE PARTIDA PARA OUTRAS (GEO) GRAFIAS? 171

REFERÊNCIAS 176

APRESENTAÇÃO

Percursos e (des) caminhos: do ontem ao aqui e do aqui ao ontem

Nesses trajetos, evoco aqui o passado, ou melhor, a memória, assim como já dizia Marilena Chauí, “a memória é a evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125), sendo assim, é salutar revisitá-la fazendo lembrar-me da infância árdua, porém dignificante, dos meus pais extremamente trabalhadores. Minha mãe era secretária escolar e, para melhorar no orçamento da casa, trabalhava os dois períodos na escola estadual Maria Gouveia Viana, em Rio Branco, capital do Acre. Já o pai era mecânico habilidoso que teve que sustentar logo cedo sua mãe e irmãos e, posteriormente, junto à esposa, sustentar-nos (meu irmão e eu).

Nessa caminhada, meus pais me levavam para seus trabalhos, ora estava na escola junto a minha mãe, onde aprendi e fui inspirado à docência, ora estava trabalhando como ajudante na oficina do pai, lavando peças de carros com gasolina, as engraxando, varrendo o galpão, dentre outros serviços.

A preocupação em educar e evitar as más companhias em minha infância e adolescência era inegável, mas, maior ainda, era ensinar a integridade e esforço em trilhar meus próprios caminhos rumo às conquistas. Como filho mais novo, estudava pela manhã na escola municipal Pe. Antônio Diogo Feijó, hoje estadual, onde fiz todo o Ensino Infantil e Ensino Fundamental I. Ainda neste período, no ano de 1993, fomos morar na zona rural de Rio Branco-AC, aos oito anos, aonde tinha que pegar dois ônibus para chegar ao colégio no horário, acordando sempre às 4h45min., para ajudar o pai a tirar leite das poucas vacas que tínhamos e, em seguida, levar para vender na mercearia do senhor Luiz.

Em 1995, adentrei no Colégio Acreano, escola estadual, onde conclui o Fundamental II e o Ensino Médio no ano de 2001. No ano seguinte, entrei no curso de História Diurno da Universidade Federal do Acre-UFAC. Em 2005, quando já estava concluindo o curso de História, começava a vislumbrar as questões das imagens instituídas à Amazônia acreana, porém ainda sem dar a importância merecida.

Entretanto, a graduação em História pela UFAC fez com que novos olhares de mundo fossem delineados, aprendendo, inicialmente, a questionar uma narrativa feita de cima, que excluía a massa, suas culturas e suas histórias, além de questionar uma “história historizante”, positivista.

A primeira interlocução começa com a trajetória e ascensão da Escola dos Annales (1929) que, segundo Burke (1997), vem apresentando um problematizar da pesquisa, “história-problema”, substituindo as narrações tradicionais e factuais de acontecimentos; propondo o analisar e/ou descentralizar uma história política, dando ênfase às atividades humanas, a percursos sociais, culturais, etc., além de inserir uma novidade: a interdisciplinaridade, uma colaboração entre as disciplinas como a sociologia, antropologia, geografia, linguística entre outras.

Neste percurso acadêmico, fui apresentado, a cada dia, a novos diálogos, novéis paradigmas, principalmente, quando adentrei no Mestrado *Linguagem e Identidade* e no trajeto de bolsista de Iniciação Científica nas atividades do Projeto de Extensão intitulado “As fronteiras do Literário – Estudo de Cultura, Memória e Oralidade, a partir das críticas Pós-coloniais”, em 2011. Mais a frente, como docente junto ao curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Acre, onde as obras lidas foram abrindo novas possibilidades de enxergar o mundo e/ou questioná-lo, com teorias pós-coloniais e decoloniais.

Destaca-se a minha então orientadora do Mestrado, a professora Dra. Simone de Souza Lima, a qual me apresenta novas teorias e o poder das interlocuções entre a literatura, a história e a geografia. Em nossas interloções, Simone apresentou um novo rumo à pesquisa que, essencialmente, era somente de cunho historiográfico.

Ela permitiu unir a história trazida pelo meu projeto à crítica literária e à Análise do discurso para que pudesse meditar sobre os discursos proferidos pelos governantes nos anos 1970-1980 e sobre uma contrarreação aos discursos do Estado, a pecuarização. Entretanto, algo novo nascia.

Enquanto historiador, resolvi trazer algo até então novo para os meios de comunicação do Acre, que foi traçar sua evolução e desenvolvimento até a chegada da Rádio Difusora Acreana-RDA. Então, regredi no tempo e fiz um apanhado em jornais locais e relatórios de governo nos museus do Acre e da

Biblioteca Nacional-RJ, desde 1903, trazendo uma espécie de gênese desses meios de comunicação e transporte para a inserção e/ou colonização do Acre e o papel social da RDA interligando o Território acreano, as zonas rurais e urbanas. Ademais, pude apresentar outros pontos historiográficos que, até então, não se tinham registros.

É o caso de da desconstrução de uma afirmação errônea por alguns estudiosos; que a Comissão Rondon havia entrado em terras acreanas com seus telégrafos. Haja vista que a inserção do telégrafo em Território acreano só foi possível, anos depois, a partir de uma evolução tecnológica por meio dos radiotelégrafos, telégrafos sem fios - por ondas -. Além disso, tracei uma linha temporal de inserção dos meios de comunicação e transportes ao Território da Amazônia Sul Ocidental.

Até então, o projeto se encaminhava para seu desfecho, contudo, foi proposto, em orientação, pensar nos diversos povos que (des) povoaram[1] o Acre, como as migrações nordestinas e, posteriormente, os "sulistas" ou "paulistas" e os conflitos pela posse da terra e a expulsão dos indígenas e seringueiros na década de 1970.

Após a conclusão do Mestrado em Letras pela UFAC, as vozes tão enfáticas ecoavam mais alto em minha mente ainda mais pelos incessantes episódios dessas visões de Amazônia, seja pela imprensa televisiva, seja em jornais eletrônicos e impressos que noticiavam estereótipos à Amazônia; e um isolamento acreano pela iminente cheia do rio Madeira em 2014. Em especial, pelas redes sociais: *Facebook*, *Whatsapp*, a partir dos *memes,* nas quais as pessoas de outros lugares do Brasil, principalmente do Sul e Sudeste, faziam e fazem comentários pejorativos: "Onde fica o Acre? É em Roraima?", "O Acre existe?", "Na Amazônia só tem índio?" "E os animais de estimações são onças e cobras em 'Porto Velho?'", "Aí é tão atrasado que não tem nem internet ou ainda enquanto o restante do Brasil comemora o ano de 2019, o "Pará" ainda está em 2017", etc.

[1] A utilização dos parênteses, na maioria das vezes, é para mostrar o duplo sentido do termo, que pode conotar tanto despovoar e povoar, pois mostra pontos de vistas diferentes também, porém que, ao novo ver, a palavra conota-se nos dois significados aqui atribuídos. Falamos (des) povoamento tanto para mostrar que houve uma migração de pessoas oriundas do *Norte* e/ou Nordeste brasileiro que povoaram a região amazônica, em destaque, os seringais acreanos; quanto para avultar um despovoamento do povo indígena, pois estes foram expulsos de suas terras, foram violentados, foram excluídos da história pela exploração da Seringa pelo capital.

Mediante a estes discursos, resolvi indagar-me sobre uma espécie de “origem”, sobre que isolamento é esse instituído à Amazônia, em destaque à Amazônia acreana.

É neste momento que esse tema renasce e ganha ímpeto com a aprovação no *Curso de Pós-Graduação em Geografia: Território e Sociedade na Pan-Amazônia-UNIR*, nível doutorado *e*, notoriamente, nas atividades e discussões do *GEPCULTURA- grupo de estudos e pesquisas, modos de vida e culturas amazônicas,* da Universidade Federal de Rondônia- UNIR. Neste, procura-se desenvolver estudos, análises sobre as representações socioculturais dos povos da Amazônia, identificando o saber local, formação cultural, etc., tendo como orientador e coordenador do grupo o professor Dr. Josué da Costa Silva.

É destaque que, através de diálogos e debates acalorados com meu orientador e outros pesquisadores, minha análise se torna mais robusto, haja vista que passei a refletir em como um paradigma dominante, o capitalismo, em nome da República e dos ideais de *progresso* e *desenvolvimento*, procura envolvendo estes construtos, vai moldando, hegemonizando pensamentos ao longo de séculos sobre um espaço, um território e, dessa forma, sobre sua estrutura socioespacial coadunado com o olhar do outro a partir dos discursos e/ou imagens atribuídas para a Amazônia mediante a seus interesses.

No decorrer desses trajetos, a ideia se torna mais concisa com os debates presentes nas disciplinas, simpósios, nas orientações e nas leituras sobre as representações e/ou pensamentos pejorativos instituídos ao espaço Pan-amazônico e à sua população.

No Grupo de Estudos e Pesquisas, Modos de Vida e Culturas Amazônicas, a partir da minha inserção como pesquisador, localizei o interesse em desnudar os discursos pejorativos instituídos à Pan-Amazônia como “verdades” doravante a um “espaço vivido”, numa acepção fenomenológica, fazendo uma (re) construção desse lugar a partir do olhar do ser amazônico, seus modos de vida, suas culturas, suas diversidades e a produção de conhecimento através dessa relação íntima com a natureza.

Levando sempre em conta, nesse relacionamento o *Bem viver* nas Amazônias, de suas culturas: indígenas, ribeirinhas, seringueiras, rezadoras, parteiras, etc., sem as sombras da determinação do capital, ou seja, uma

relação não pautada pelo paradigma dominante, o qual cria uma “objetificação” ou “coisificação” da natureza e das relações sociais, uma vez que observamos que nesse *Bem viver* não há determinismos, são ligações inversas do que é apregoado pela forma positivista, determinista.

Somando-se a esta visão, é importante destacar o eu em trânsito, a contar do momento que, para cursar as aulas do doutorado, tive que mudar de cidade, de Rio Branco-AC para Porto Velho-RO.

Todavia, nem tudo foram flores, como professor da Educação do Estado do Acre e tendo direito de um afastamento para estudo fora, uma vez que, ainda não havia doutorado, os ‘administradores’ políticos não concederam-na. Tirei a licença-prêmio, com muita luta e resistência, para fazer as primeiras disciplinas. No final da licença, ligaram-me pedindo o retorno. Pedi a desistência do curso de Pós-Graduação, porém, meu orientador não permitiu.

Foram dias e noites permeadas por lágrimas, orações e saudades do lar e de meus pais. No último dia, já me preparando para um retorno, fui agraciado com a ajuda de meus primos, que conseguiram o meu afastamento.

A angústia então foi dissipada, dando lugar à alegria e o retorno de uma jornada ainda recém-nascida: disciplinas, interdiscursividades, leituras, artigos, simpósios, nova moradia e experiências.

As experiências foram enriquecendo e/ou norteando o caminho da pesquisa. Os vários diálogos e trocas de conhecimentos com uma cultura diferente, apesar de bem próxima, fez com que adentrasse nas discussões com mais ênfase com os professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGG, alunos da graduação e da Pós-Graduação.

Nessa vivência de quase dois anos em Porto Velho, fez surgir novas percepções de lugar e também as semelhanças das visões e/ou discursos atribuídos pelo outro para este território.

Foi no estágio docência que afluiu ainda mais, a partir do ensinar e aprender, nessa relação de ouvir e dialogar com os alunos da graduação de Geografia da Universidade Federal de Rondônia- UNIR. Nas três disciplinas ministradas no 6.º período, no 2.º e no 1.º semestre da Geografia, respectivamente, tanto licenciatura quanto bacharelado, foi possibilitado a mim, tendo as falas dos alunos como agentes que vivem o seu espaço, ou “seres-que-estão-no-mundo” rondonienses, a refletir que as figurações do outro não

são restritas ao Acre, porém às Amazônias.

Essa reflexão é alargada, ainda mais, através de participações e organizações, de nível Internacional e Nacional, em Simpósios, Seminários, Encontros, apresentações de trabalhos, mesa-redonda; cooperação e atuação na Revista do Programa de Pós-Graduação de Geografia-UNIR, *Presença Geográfica*; dos estágios na docência de Ensino Superior e da escrita de seis livros: de poesias/literaturas; História e Geografia.

Nesse transitar, que não é de mão única, recebi, também, os ensinamentos e aprendizados através das discussões, debates e experiências múltiplas que sinalizaram novos caminhos por onde poderia seguir, um pavimentar nessa reconstrução de conhecimentos, de invenções. Logo, aqui vou eu.

INTRODUÇÃO

A região amazônica pertencente ao Norte do país, como lugar de heterogeneidade, ou melhor, as “Amazônias” têm sido um tópico muito presente na agenda dos encontros, simpósios, colóquios, seminários e Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em escala planetária. Os olhares de pesquisadores, críticos e teóricos espraiam-se pelas camadas discursivas as mais diversas possíveis: cultura, geografia, literatura, historiografia, filosofia, antropologia, textualidades indígenas, corpos negros, falas brancas, diáspora, hibridismo, mestiçagem, fronteira, margem, deslocamento, entre-lugar, regional, nacional, global, dentre tantas outras vertentes de leitura.

Para evitar uma discussão muito geral e abstrata, as tessituras empreendidas se debruçam sobre a problemática: como a figuração do outro instituiu construtos discursivos em relação à Amazônia? Ou seja, como as ideias do outro reforçaram e “influenciaram” o discurso de constituição de uma imagem de isolamento à região amazônica Ocidental, que foi empreendida por um Brasil recém-republicano que buscava uma identidade nacional através de tessituras ‘genuinamente’ brasileiras?

Vale ressaltar que a construção da ideia de uma Amazônia geograficamente isolada, se deu através da formação de um complexo discursivo de objetivação da região, desde o século XVI, com viajantes, cientistas, comerciantes, vista como “inferno verde”, “deserto ocidental”, “exótica” etc. Contudo, foi no século XX, que essa figuração se tornou mais nítida.

Seguindo essa premissa, nosso objetivo centra em mostrar como num Brasil República, que ansiava e ecoava o *progresso*, o *desenvolvimento*, a *civilização* e uma identidade nacional para seu Território, passa a partir de uma escrita brasileira, a (re) inventar e/ou solidificar à Amazônia, espaço e ser, vista como isolada, atrasada, onde o homem estava destinado a não produzir cultura e como esses discursos pejorativos e estereotipados pelo outro, ainda ecoam através de novas linguagens. Além disso, é desejo nosso mostrar outra invenção, efeito de verdade erigido por meio da relação fenomenológica entre o sujeito e seu lugar, um espaço vivido.

Assim, a preposição de tese reside nas (re) invenções da Amazônia, seu ser e espaço, em Euclides da Cunha, nos *memes*, e no espaço vivido. Tem como área de análise a Amazônia brasileira, parte Ocidental, formada pelos estados do Acre,

Amazonas, Rondônia, Pará, todavia, incluímos, também, o estado do Amapá. O recorte temporal data de 1905 a 2020.

Para ampliar os horizontes dessa pesquisa, adentramos nas especificidades da *Análise discursiva*, sobre os efeitos de verdade sobre a região, procurando, assim, analisar textos relativos à literatura, *charges, memes*, ou seja, narrativas com o prisma do "outro"; e escritos, imagens e relatos orais com a visão de dentro da Amazônia, pela relação imbricada entre o sujeito e a natureza, que, segundo Silviano Santiago (2000), reconheçam, absorvam o texto do "outro" e criem um entre-lugar, para que possamos figurar outra invenção através do espaço amazônico e do seu ser, do seu olhar, que embata as outras criações discursivas cimentadas em cânones literários.

Entretanto, outro questionamento nos surge, quais invenções solidificaram essas figurações de *isolamento* à região?

Esse é, portanto, o ponto de partida que definimos, meditar nas tessituras euclidianas, através da Comissão de Reconhecimento ao Alto Purus (1904-1905), e o livro póstumo que reuniu suas impressões, *À margem da História* (1909), e outros escritores como Alberto Rangel (2001), Leandro Tocantins (1966; 1983; 1984; 1992; 2001; 2003) e Daniel Piza (2009), que partiram de suas orquestrações o tomando com a função-autor.

De acordo com Michel Foucault, em seu texto *O que é um autor?* (2001), existe uma reflexão de que há autores que fundam características tão marcantes que dão origem e/ou consolidam discursos. Além, é claro, de analisar a mídia cultural *memes* no prisma dos estudos de Mikhail Bakhtin (1981; 1995; 1999; 2003) e Michel Foucault (1972; 1979; 1987; 1988; 1994; 1996; 2001).

Concernente à visão de outro local e as atribuições estereotipadas, Homi Bhabha (1998), ao observar e analisar as maneiras de existências, os costumes, e, logo, o *espaço* (grifo nosso), emite suas percepções, suas representações erguidas em suas culturas de origem, carregadas de juízos de valores, por consequência, interferindo na compreensão do lugar e dos modos de vida estranhos a sua cultura.

Segundo Sandra Pesavento (2008), tais processos vão se estabelecendo (em representar o outro) como uma espécie de construção da realidade a partir de parâmetros de sentido, do olhar do outro, que participa de um processo de atribuição de significado ao mundo. Para Lima (2014) essa visão que foi construída, forjada, teve como intuito empregar processos civilizatórios, trazer a "modernidade", o

“progresso” à região, contudo, acabou atribuindo a ela uma identidade homogênea, insulada. Sendo assim, tais significados, tanto no campo da geografia, história e da literatura foram instituídos pelo olhar do outro- de outro lugar, com outra cultura, com outros valores.

Observamos então, que tais discursos proferidos são carregados de poder e interesses, de representar a Amazônia como homogênea, lugar de “atraso”, de “ruínas”, enfim, uma “terra sem história”. Como nos afirma Foot Hardman ao analisar as obras *À margem da História* e *Um paraíso perdido,* de Euclides da Cunha, na região amazônica, “um vazio histórico, em fantasmagorias palidamente refletidas no percurso sinuoso e *tumultuário* desses ‘rios em abandono’ [...] fantasmagoria então projetada como ‘terra sem história’” (HARDMAN, 2009, p. 62).

A primeira invenção destacada aqui neste trabalho, partindo da conjuntura socioespacial e política da Primeira República, seus discursos de *progresso* e modernidade e a inserção de uma identidade nacional, tem como análise as tessituras do autor Euclides da Cunha.

Cunha era engenheiro, republicano, defensor das ideias liberais e do progresso. A partir dessas perspectivas (que refletem sua visão de mundo) e de sua viagem ao Purus, formulou umas das mais significativas análises sobre a região amazônica: “terra sem história”, “selvagem”, “rincão solitário” (ALBUQUERQUE, 2015).

Nela, o homem “amazônico” está à mercê do rio e da natureza, um “Judas ahsverus”, condenado a não ter cultura e a nada produzir, isolado na imensidão daquele “deserto verde”, envolto de perigos, sendo avesso ao *progresso da civilização*.

Como um intelectual que seria lido, ouvido e reproduzido pelos anos seguintes, assim como o foi, deixou de herança ecos em outros escritores, que continuaram a hegemonizar a região e representá-la isolada. Logo, nossa proposta ampara-se em examinar o tema das figurações instituídas à Amazônia - como “inferno verde”, lugar de insulamento.

Diante das mutações e descontinuidades da história, observamos outra invenção da Amazônia que acontece pela disseminação dos *memes,* no século XXI, que continuam a visibilizar a região como isolada geograficamente, culturalmente, economicamente, enfim, socialmente.

Todavia, emerge a ideia de deixar o ser e o espaço das Amazônias falarem

por si só, figurar uma visão endógena que embata e mostre uma outra invenção a partir de dentro. Para isso, nos servimos dos textos fenomenológicos de Martin Heidegger (1991; 2000; 2002; 2005; 2006; 2015); Eric Dardel (2011); Gaston Bachelard (1993); Yi-Fu Tuan (1983; 1986) e Acosta (2016).

Há uma relação íntima entre o ser amazônico e a natureza, um resignificando a vida do outro, e a partir dessa correlação entender as percepções, os valores, os sentimentos que convidam o "homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social" (DARDEL, 2011, p. 5) e tomar consciência, desaguar num bem viver.

Assim, nos capítulos que se seguem, elucidaremos as problemáticas para entendimento dessas invenções no tempo e espaço dos construtos discursivos sobre as Amazônias.

No capítulo I, intitulado **Démarches teóricas: do pensamento à construção dos sentidos**, traçamos diálogos com o contexto geográfico, histórico, social e cultural da Amazônia e, assim, para uma escolha e/ou consolidação do **Método como arte e a trans/ inter/ disciplinaridade: tessituras**, no subtópico 1.1; para tencionarmos os paradigmas científicos perante o fenômeno, isto é, para empregarmos um dialogismo entre as coexistências de técnicas, métodos e autores de modo a ter maior lucidez perante o objeto da pesquisa.

Dessa forma, apresentamos no item 1.2, **a invenção da Amazônia: uma análise discursiva e cultural em Euclides e nos memes**, o fio condutor inserido na Análise do Discurso a partir de Mikhail Bakhtin (1981; 1995; 1999; 2003), Michel Foucault (1972; 1979; 1987; 1988; 1994; 1996; 2001), além de outros, para demonstrar essas invenções do ser e do espaço amazônico, de como foram construídas, cimentadas discursivamente, e, até hoje, permeiam grande parte do mundo e dos brasileiros de outras regiões do país, ou seja, as cartografias imaginárias que foram sendo tomadas pelos efeitos de verdade, em destaque, Euclides da Cunha e os *memes*, sobre esta porção do Brasil

Dentre as diferenças método(lógicas) existentes, que nos permitiram uma possibilidade de diálogo, um ponto de semelhança que conduz nosso pavimentar, encontramos no subtópico seguinte, 1.3, chamado de: **A fenomenologia de Martin Heidegger e Eric Dardel no processo de invenção do ser e espaço amazônico***,* um campo aberto que nos salta como arte do "fazer cotidiano", através do existencialismo humano e sua relação embrionária com o ambiente que o circunda.

Impregna-se um no outro, manifestando e/ou destacando essa reconfiguração entre o sujeito e a natureza, por meio do seu local, seu terreno que leva a desaguar em um bem viver e, como, assim, vai se descortinando à visão do outro e/ou emergindo um construto distinto, uma (re) criação e/ou cartografias amazônicas a partir da fenomenologia de Martin Heidegger, Eric Dardel e Yi-Fu Tuan.

Dando seguimento às nossas tessituras, no capítulo 2, intitulado **Breves contextos e visões de Amazônia nos primeiros anos da primeira República**, são elucidadas a conjuntura temporal e espacial do país, os novos desejos econômicos e sociais de um paradigma dominante, explanados, principalmente, no subtítulo 2.1, **Breves contextos históricos: a república e os ideais de progresso**, onde os interesses desse foram solapando sujeitos e lugares em prol de uma civilização, de um progresso que, na verdade, trouxe ruínas, explorações.

No tópico 2.*2,* **Imagens retorcidas: um olhar sobre a Amazônia através das charges**, é possível notar as primeiras visões estereotipadas do outro, dos preconceitos e dos desejos de poder, no seu interesse econômico sobre a região. Logo, fez surgir, no seguinte ponto, 2.3, **Algumas considerações sobre seringueiros na Amazônia**, outro personagem, os migrantes, os quais viraram seringueiros destinados à produção do látex e a (des) colonização da floresta.

Foram explorados, enganados e, nessa condição também praticaram violências, resistências, modos de vida. Além desses, outros importantes seres foram silenciadas nesse palco, as mulheres. No item 2.4, **A mulher ainda à margem diante dos empreendimentos republicanos de progresso?**, esclarecemos a importância do feminino para a construção da história amazônica, sua arte cotidiana de resiliência e resistência perante o esquecimento que o *desenvolvimento e a civilização* lhe trouxe, diante da ferocidade de uma sociedade patriarcal, dos roubos, dos estupros e da condição que emerge como guerreiras cruciais para a economia, a cultura, a educação dentro das teias do paradigma dominante.

Após essa arguição do contexto sociocultural e econômico em que estavam imersos o território brasileiro e seu povo, no capitulo III, denominado **As invenções da Amazônia e do ser: em Euclides da Cunha e nos *memes***, expomos os dizeres que construíram o indivíduo e seu ambiente como isolados, avessos ao *progresso*, inferno verde, homem sem cultura, etc. No topo dessa criação, destacamos no item 3.1, **Navegando pelas tessituras euclidianas**, a figura do consagrado autor

Euclides da Cunha como o fundador da enunciação de imagens retorcidas, negativas sobre esse ser e espaço amazônico através dos resultados de sua expedição a serviço do Governo ao Purus, no Acre, no ano de 1905, e de sua obra, *À margem da história* (1909).

Partindo da acepção foucaultiana do posto de autoria, Cunha cimenta uma invenção de *isolamento* à região que ganha a alcunha de verdade, fazendo com que outros, após ele, por meio de interações e dialogismos, tal como Alberto Rangel; Leandro Tocantins e Daniel Piza, o tomassem como ponto de partida para a instauração e (re)fundações dessas figurações, o que é bem elucidado no ponto 3.2*,* nomeado de **Ecos euclidianos: "outras" visões de Amazônia, interlocuções e descontinuidades**.

No tópico seguinte, 3.3, **Um olhar sobre a Amazônia a partir da mídia cultural memes**, vamos elucidar sobre os *memes,* século XXI, como construtos que incorporam unidades linguísticas, signos que têm significados, carregam contextos históricos e sociais, simbologias imersas nas conjunturas de produção, os quais irão compreender suas edificações carregadas de sentidos, ideologias por meio dos discursos que exalam "los valores, costumbres e ideologías que prevalecen en um espacio de afinidad específico, que se verán reflejados en los actos comunicativos que ahí ocurran" (PÉREZ SALAZAR, 2017, p. 104), que (re) inventam, mais uma vez, o ser e o espaço amazônico.

Por fim, no capítulo IV, intitulado **Uma outra invenção: a partir do espaço vivido**, apresentamos uma visão endógena, ou seja, visagem de dentro, dos moradores dessa localidade. Para isso, é imprescindível o ser lançado ao ambiente, como alguém que age nele, habita e vive mediante os ressignificados mútuos oriundos dessa relação- ser e natureza -, conforme nos afirmou Dardel (2001, p. 6), "entre o homem e a terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser", uma vez que "o homem procura a terra, ele a espera e a chama com todo seu ser" (DRADEL, 2011, p. 44).

A partir dela, os seres se reconhecem, produzem afetividade, emoções com seu mundo circunspecto. No tópico 4.1, denominado **Um bem viver pela (s) cidade (s) amazônica (s),** articulamos esse ser-no-mundo embasado em Heidegger (2015), como um ser-aí, presença que se imbrica com a natureza, não a reduzindo, mas visibilizando sua importância em seu íntimo, fazendo com que pessoas passem a produzir lugares, numa acepção fenomenológica, a qual se dá através da

compreensão e estabelecimento humano junto aos ambientes, suas experiências vividas nesse espaço que resulta, também, em uma boa existência.

Logo, passamos a analisar as cidades amazônicas como circunscrições de práticas empáticas e sentimentais que acionam locais íntimos, felizes, que transportam o ser ao seu *viver bem*; além das resiliências e resistências que vêm de embate as outras invenções que foram e são exógenas, fazendo ecoar um próprio construto como efeito de verdade, uma (re) invenção do sujeito e do seu terrestre amazônicos.

No item 4.2, nomeado **Um bem viver pela (s) floresta (s) amazônica (s),** a caminhada é semelhante ao do subtítulo 4.1, entretanto, intentamos para as ligações do homem do campo com sua paragem, fixando-se para seus modos de vida que endossam os prismas dos indivíduos amazônicos desaguando num bem viver e, assim, embatem as outras invenções a partir dessas relações cotidianas de cumplicidade, empatia, felicidade, paz, cordialidade, amor, dependência com o seu mundo, com os demais sujeitos e animais resultando numa outra invenção.

.

CAPÍTULO I

DÉMARCHES TEÓRICAS: DO PENSAMENTO À CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

FONTE: http://www.acercandoelmundo.com/contenidostemas/contenidos.asp?id=271

La investigación es um largo sendero
com muchas bifurcaciones
donde se debe tomar una decisión
[...] Nenguna regla,
ninguen algoritmo puede decidir
cuál es la decisón justa.

J. Kriz.

Este no significa necessariamente tene
r que afrontar cada problema com única técnica:
es más sabio no confiar em uma sola técnica
'para observar nuevos aspectos del fenômeno'
que interesa y tener em cuenta.

S.E. Toulmin.

La calidad de um científico
se demuestra menos por su fidelidad
a um método universal que por su sensibilidad
a las exigencias específicas de un problema.

A. Marradi.

Este capítulo vai elucidando a démarche proposta em nossa escrita, pois a torna palpável, um caminho pavimentado para darmos os primeiros passos em direção ao percurso de ideias e suas tensões entre teoria e prática a partir de uma multiplicidade, da transdiscursividade ou dialogismos.

Perante a isto, no construir científico, observa-se a importância do método como arte, de suas transformações, de suas diversas técnicas para obter novos aspectos do fenômeno que se quer trazer a luz.

Logo, iniciamos nossa jornada teórico-metodológica se utilizando das tran/interdisciplinaridade entre autores e as ciências que permitiram análises por outros prismas de investigação nos fazendo aportar nas (re) invenções da Amazônia em Euclides da Cunha, nos *memes*, e através de um espaço vivido a partir das descontinuidades históricas.

As primeiras invenções têm como base analítica as discussões de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, ancoradas nos estudos sobre linguagem, uma Análise do Discurso.

A terceira invenção tem como alicerce a filosofia de Martin Heidegger e Eric Dardel, no que concerne às relações de cumplicidade entre o ser e seu mundo através da vivência do seu espaço circundante, no caso, o amazônico, e da imanência de enunciações desta relação que vão falando por si sós.

1.1 Método como arte e a trans/ inter/ disciplinaridade: tessituras

As interlocuções foram cruciais ao possibilitar à escolha do método, é notório, antes de tudo, esclarecê-lo e, numa via de mão dupla, mostrar os efeitos de verdade trazidos diante daquilo que nos se apresenta.

Esse movimento de construção do método deve-se aplicar quanto à "reglas muy sólidas [...] (que) imponem pára todos reglas ciertas" (MARRADI, 2002, p. 119). Por conseguinte, há uma preposição, uma vontade de desmistificá-los principalmente pelos êxitos das disciplinas matemáticas, físicas, e a crítica à unidade de um método universal, conforme elucidado por Marradi (2002):

> Seguindo esa imagem de método se llega frecuentemente a considerar objetos y problemas cognitivos sólo como si estuviesen reflejados em um prisma, a tomar esas imágenes deformadas por la realidad y a perder la ocasión de conecer esa realidad más cerca, penetrándola com mayor profundidad. (MARRADI, 2002, p. 113)

Nesse sentido, o autor nos coloca inseridos dentro do fazer científico, não como meros expectadores, mas como artistas imersos que se utilizam das técnicas mais apropriadas que, segundo Gallino (1978, p. 712-713), são definidas como "complejo más o menos de proceder reconocido por una coletividad, transmitido o transmisible por aprendizage, elaboradado com el fin de desarrollar uma actividad manual e intelectual", tendo como finalidade o uso para fazermos análises críticas mais próximas de conceber o conhecimento sobre um fenômeno, ou seja, devemos estar inseridos no trajeto de pesquisa, onde podemos recriar e utilizar esses instrumentos para aprofundarmos as investigações e trazermos à luz o "objeto" de estudo.

São nessas condições de recriação que Marradi usa a metáfora do artista ao se referir ao papel do pesquisador, no qual, nós investigadores, diante daquilo que se quer elucidar, se tornamos artistas recriando e utilizando técnicas, instrumentos (ao contrário da cristalização de um método como único) que possam ser usados diante da natureza, dos problemas da pesquisa, para se conhecer o "objeto", o seu lugar socioespacial ao qual está inserido, a fim de torná-lo mais claro possível, uma vez que cada investigação é:

> Um largo sendero com muchas bifurcaciones donde se debe tomar una decisión [...] Nenguna regla, ningún algoritmo puede decidir cuál es la decisón justa. El investigador cuanto más conciba el método como um sucesión rígida de pasos, más decisiones tomará sin reflexionar y sin darse cuenta (KRIZ, 1988, p. 81-113)

Diante do exposto, ter que adotar quais técnicas- já que para Marradi (2002) método seria a arte de escolher mecanismos que são/serão mais apropriadas para tornar claro o fenômeno- "no significa necessariamente tener que afrontar cada problema **com única técnica**: es más sabio no confiar em una sola técnica 'para observar nuevos aspectos del fenômeno' que interesa y tener em cuenta" (MARRADI, 2002, p. 113, grifo nosso).

Com tal preposição, observamos uma abertura e/ou diálogo com Charaudeau (2010), no que concerne a trans/interdisciplinaridade utilizada como uma técnica possível para apreender e explicar o fenômeno, uma vez que se deve "saber mantener la tensión de la complejidad fenoménica y la apertura a dimensiones que permitan aumentar la complejidad de los esquemas conceptuales" (CRESPI, 1985, p. 343 *Apud* MARRADI, 2002, p. 114). Nesta definição, nos é possibilitado refletir sobre os *senderos*[2] que se podem transitar no fazer científico e na escolha de "u outro sendero [...] o bien combinar varios senderos" (MARRADI, 2002, p. 119) no nosso trajeto metodológico a ser utilizado.

Reverbera-se a nós, mais uma vez, a possibilidade de pavimentar nossa caminhada teórico-metodológica para debruçarmos em criações da Amazônia num duplo sentido, mesmo diante de tantas outras invenções possíveis desde Neide Gondim, Bherta Becker, Carlos Walter Porto Gonçalves, Simone de Souza Lima e outros.

No primeiro sentido, utilizaremos uma metodologia aportada na Análise do Discurso para mostrar uma invenção a partir do outro, de diferente espaço, de outras ideologias e interesses políticos, como cenário, num momento inicial, o paradigma dominante que envolve a recém-promulgada República brasileira e dos discursos progressistas/republicanos de Euclides da Cunha (1905) e, num outro ensejo, nas

[2] Em sua tradução para o português temos o significado de trilhas. Entretanto, ao modo de conceber, apreender e interpretar, percebemos que pode significar, num sentido conotativo, a aplicação e/ou utilização das técnicas, método.

descontinuidades[3] e (re) aparecimentos de construtos discursivos através dos *memes* (nos dias atuais). É salutar destacar que estes conceberam seus efeitos de verdades não por um espaço vivido, sem se aprofundar nele como um ser-e-estar-no-mundo e, dessa forma, figuraram à região “terra sem história”, “inferno verde”, lugar de isolamento, atraso, etc.

E num segundo sentido, a invenção e/ou desnudamento, será embasada num prisma das enunciações do ser que vive seu ambiente; que experimenta esse local, se relaciona com ele, é lançado nele numa relação quase simbiótica (entre o ser e a terra). Dessa maneira, utilizaremos a fenomenologia heideggeriana e dardeliana, com o desígnio de figurar outras imagens, outros enunciados de “dentro”, ecoar suas vozes antes emudecidas.

Em suma, Marradi (2002) nos faz refletir e nos conduz quanto ao nosso papel metodológico, oqual, enquanto investigadores, devemos escolher os caminhos tendo sempre em mente a natureza do espaço, o tempo onde estamos inseridos e as técnicas, suas tensões e/ou diálogos trans/inter/disciplinares (se necessário) a serem empregadas perante nossa inserção e aprofundamento com o propósito de se aproximar mais perto de uma verdade sobre o “objeto”, consonante recorda Toulmin, “la calidad de um científico se demuestra menos por su fidelidad a um método universal que por su sensibilidad a las exigencias específicas de un problema” (TOULMIN, 1972, p. 150).

Por fim, sua contribuição para esta tessitura recai quando ele incita que nosso dever está em resistir, no embate e na necessidade de se libertarmos das amarras políticas, ‘academicistas’ que vêm determinar qual método usar, quais teóricos, qual escolha seguir no fazer científico. Por conseguinte, devemos introduzir outras técnicas de acordo com a necessidade e a realidade que se exibe diante de nós para assegurarmos outras interpretações e/ou maneiras de explicar o fenômeno, mais próximas de seu sentido de ser, como é e como se apresenta, o que nos permite garantir outro papel: o de enfrentar essas amarras, pois, como já afirmado anteriormente, *cada investigación es um largo sendero com muchas bifurcaciones donde se debe tomar una decisión, tener que afrontar o problema.*

---

[3] Para o filósofo Michel Foucault isso significa que não há uma naturalização dos acontecimentos, ou seja, eles mudam, se legitimam de acordo com os dispositivos de cada época, ou seja, seus interesses, desejos, poderes.

À guisa dessas discussões, vê-se uma pluralidade de saberes por meio do avanço do conhecimento sendo necessária sua articulação, o que pôde ser notabilizado, segundo Patrick Charaudeau (2010), na pós-modernidade, entre os anos de 1970-80, em que pesquisadores da época, tais como Claude Lévi-Strauus, Edgar Morin, Foucault e outros, não deixaram de navegar entre as diferentes disciplinas.

A intenção inserida nesta pesquisa se assemelha a de Charaudeau (2010), porque não objetivamos abraçar a totalidade das variadas ciências humanas e sociais, ao contrário, pretendemos interagir, dialogar, manter interlocuções entre as diversas vertentes, suas perspectivas através de uma “co-construção dos saberes que atravessam as disciplinas constituídas” (CHARAUDEAU, 2010, p. 7) tencionando-as para uma “espécie de coexistência de vários prismas teórico-metodológicos para a apreensão e/ou interpretação do fenômeno de estudo por meio de uma interação dos saberes de diferentes disciplinas” (CHARAUDEAU, 2010, p. 6) sem perder seu rigor e verossimilidade científica.

O intuito teórico e metodológico coaduna com os pressupostos por Marradi (2002), em perceber problemáticas nas práticas de análise que se interessa pela maneira como se constroem e se organizam os sistemas de pensamento em saberes, ou seja, empregar um/uns método(s) e/ou abordagens que possa(m) superar os métodos calcificados e permitir um exame ou apresentação mais próxima da realidade, qualitativamente, à superação através da interdisciplinaridade, para trazer à luz a um “objeto”.

Num dialogismo com e entre esses autores, observamos que em Charaudeau há uma preocupação do arrolamento de poder de um paradigma, onde condenava a uma não aceitação de uma trans/pluri/ inter/disciplinaridade, por uma monodisciplina. Além de evidenciar uma rivalidade de pesquisadores das ciências humanas e sociais, relacionando com o que destaca Maturana e Varela (1995), a despeito de questões de violência e ódio de não aceitar o outro, assim como as disciplinas e/ou correntes teórico-metodológicas predominantes.

Essas correntes, por vezes, serviram de empecilho para o diálogo entre as diferentes disciplinas, “num jogo de rivalidade entre os pesquisadores das ciências humanas e sociais [...] que parecem servir somente aos seus fins e acabam por impedir uma compreensão global dos fenômenos estudados” (CHARAUDEAU, 2010, p. 2), e em decorrência dessa postura, houve e ainda há um “’isolamento’ de

algumas correntes teóricas em detrimento de outras" (CHARAUDEAU, 2010, p. 2). Contudo, apesar dessa tensão, de acordo com Claval (2001), não impediu Morin, Foucault e outros de transitarem entre diferentes disciplinas.

Por consequência, Charaudeau abre aos campos de pesquisa e da produção do conhecimento uma interdisciplinaridade, com o desejo de estabelecer tensões, conexões que possibilitem novos instrumentos de análises e interpretações de várias disciplinas, tal qual ele mesmo define, "interdisciplinaridade é o esforço que diferentes disciplinas empreendem para articular conceitos entre si, instrumentos e resultados" (CHARAUDEAU, 2010, p. 11). Essa interdisciplinaridade tem como objetivo diálogos, cooperações e trocas sem deixar de lado o rigor crítico de fazê-la, haja vista que "essa é uma condição do espírito dela própria, o de aceitar algumas simplificações (e não deformações) para estabelecer essas ligações entre as disciplinas" (CHARAUDEAU, 2010, p. 4).

Claval (1995; 2001), sem dúvidas, nos sintetiza, amortiza as tensões entre as várias disciplinas, o caráter individualista e egoísta de uma disciplina frente à outra, não as reduzindo, mas mostrando a importância delas para a construção do conhecimento. As fronteiras antes rígidas se dissolvem, se tornam, neste instante, fronteiras vívidas e permeáveis, o transitar não é impedido, claro, com seus cuidados devidos, suas reflexões e críticas, sempre tensionando ao debate, às interlocuções, à uma transdisciplinaridade.

Sinalizando à prática que ele chama de *démarches* das ciências e/ou do constructo do conhecimento mediante uma *virada cultural* da disciplina, que vai tento seu ápice a partir da pós-modernidade. Segundo o autor,

> Para quem deseja compreender os problemas que se apresentam aos geógrafos, não basta que se desenvolva na disciplina: o cenário científico alterou-se profundamente. As fronteiras entre história, a sociologia [...] linguística, de um lado, ecologia de outro lado, e as humanidades por último, foram, em parte, apagadas. Não é mais impossível ignorar o que acontece nos domínios vizinhos, porque todos são afetados pela crítica da modernidade, pelo questionamento da soberania da razão e pela crescente atenção prestada à língua e à lógica dos discursos. (CLAVAL, 1995, p. 316-317)

Tal a firmação, já era fortemente sinalizada na década de 1970, por intermédio de teóricos como Michel Foucault, Armand Frémont, Roland Barthes, Jacques Derrida entre outros. Segundo Claval (2001), Frémont, por exemplo, faz do

exame literário, em sua obra *A região, espaço vivido* (1976), como um romancista e/ou analista literário, fazendo uma leitura geográfica através dessa análise literária. Somando-se a este modelo, o autor retoma em *A geografia Cultural* uma "ênfase sobre a língua e sobre a maneira como as pessoas falam do mundo ou falam o mundo" (CLAVAL, 2001, p. 55).

Partindo de tais acepções neste caminho construtivo, efetuaremos uma análise discursiva sobre os enunciados e/ou invenções da Amazônia, dos estereótipos que surgem/surgiram nas diversas alocuções, sejam imagéticos, textuais, etc. Entretanto, aqui, em essencial, faremos de "objeto" os discursos euclidianos e seus construtos de um *isolamento* da/para as Amazônias, em destaque à Amazônia acreana[4] e, em seguida, com um mesmo caráter, sobre os *memes,* nessa teia de descontinuidades.

Neste exato momento, introduziremos a Análise do Discurso e a geografia cultural e, posteriormente, para figurar outra *invenção* amazônica, utilizaremos da fenomenologia de Heidegger e Dardel a qual, nesse sentido, corrobora para um enfrentamento dessas figurações a partir da dimensão existencial, do mundo vivido e experimentado pelo ser, compactuando com a crítica que Claval (2001) traz às representações e apreensões de uma proporção socioespacial, as quais vêm ajudar ou criar uma forma, uma estrutura de apresentar ou dar uma realidade a uma localidade, todavia, sem deixar de tecer os traços, as afetividades, as experiências da relação dos seres, homem e natureza, excluindo-a.

É interessante pensar nesta interdisciplinaridade para tratar a escolha e/ou coexistência de Michel Foucault e Martin Heidegger. Foucault, a título de esclarecimento, afirmou sua aproximação com Heidegger quando fala:

> Certamente Heidegger foi para mim o filósofo essencial. [...] Todo meu futuro filosófico foi determinado por minha leitura de Heidegger. [...] É provável que se não tivesse lido Heidegger não teria lido Nietzsche. Tinha tentado ler Nietzsche nos anos cinquenta, mas Nietzsche sozinho não me dizia nada. Enquanto que Nietzsche e Heidegger, aí sim, este era o choque filosófico. Mas nunca escrevi nada sobre Heidegger e nada escrevi sobre Nietzsche além de um pequeno artigo. São, contudo, os autores que mais li. Creio que é importante termos um pequeno número de autores com os quais se pensa, com os quais se trabalha, mas sobre os quais não se

[4] Como já mencionamos no nosso transitar pela teoria e prática, nossas observações e nossos campos, as imagens que figuram para o Acre são, muitas vezes, tão nítidas e presentes para as outras Amazônias, como a amapaense, rondoniense, etc. Dessa forma, percebemos que esses discursos tornaram e ainda tornam a Amazônia como homogênea, muitas vezes sem acepções de divisas territoriais, por seguinte, culturais e sociais.

escreve. (FOUCAULT, 1994, p. 703)

O que se percebe entre os autores, além do dialogismo, é uma crítica às origens, ao ser metafísico da modernidade, já que Heidegger empreende uma "destruição da metafísica", como veremos mais a frente, e esse é o abrir à genealogia foucaultiana, conforme afirma Figueiredo, é legado heideggeriano na obra de Foucault "à crítica empreendida por Martin Heidegger às metafísicas do sujeito. [...] Não tenho dúvidas que somente a destruição da metafísica abriu espaço para a obra de genealogista realizada por Foucault" (FIGUEIREDO, 1995, p. 140). Destarte, é justamente o que abre para Foucault a questão de multiplicidade, do ato de pensar interdisciplinar, de práticas que se manifestam em determinada conjuntura tempo-espacial como efeitos de verdade. Entretanto, é válido lembrar que Foucault é um filósofo que não reconhece aliados e pensa por diferenciação.

1.2 A invenção da Amazônia: uma análise discursiva e cultural em Euclides da Cunha e nos *memes*

As imagens sobre a Amazônia são delineadas desde o século XVI, juízos desfocados pelo outro, de um diferente contexto socioespacial e cultural, ou seja, por colonizadores, aventureiros, pesquisadores e cientistas europeus que figuraram a Ela um lugar exótico, cheio de mistérios e lendas.

Simone de Souza Lima, em seu livro *Amazônia Babel* (2014), traça uma análise desses prismas a partir das conquistas sobre a Amazônia. Os empreendimentos civilizatórios justificados pela fé e pela salvação das almas dos "índios", vistos como selvagens frente ao colonizador europeu, criando, assim, como Simone mesma afirma, uma "lógica da *Episteme* Ocidental que propunha a divisão do mundo em termos de *civilizado e selvagem, desenvolvido e subdesenvolvido*" (LIMA, 2014, p. 27). Ideia essa ancorada nas *epistemologias do Sul*, que vem como crítica a esses discursos colonialistas e imperialistas, e as essas vigas sustentadoras de poder e verdade em prol do *Norte,* do paradigma dominante, o qual ainda existe nos dias atuais.

Lima (2014) prossegue delineando análises ficcionais sobre os relatos de viagem do frei Gaspar de Carvajal (1541), em especial, mostrando a invenção do mito das guerreiras mulheres- as Amazonas -, e das representações nestas

narrativas que dão à região Pan-amazônica um *status* de paraíso, porém, povoada por monstros (analogia aos indígenas). Isto é, mitos que, desencadeariam, neste período em destaque, figurações depreciativas, além de uma espécie de justificação para a exploração das drogas do sertão[5], que eram produtos oriundos da floresta: madeiras nobres, frutos, óleos, ervas, látex, e outras riquezas, numa "espécie de *poética da violência/ruína verde* amazônica que, de certa forma, é resultado [também] de tantos europeus e de Euclides da Cunha" (LIMA, 2014, p. 67).

Ancorados ainda nesta acepção das tantas invenções amazônicas, destacamos o livro *A invenção da Amazônia* da historiadora Neide Gondim, de 1994. Para ela, "a Amazônia não foi descoberta, sequer construída; na realidade, foi inventada" (GONDIM, 1994, p. 9), sempre é invenção. É importante evidenciar que o contexto histórico de Gondim também reporta aos primeiros séculos, aos colonizadores e viajantes europeus, tendo, dessa maneira, um contexto histórico e temporal específico.

A autora traça o imaginário que permeava os "descobridores": lugares cheios de perigo, monstruosidades, povos estranhos. Dessa forma, quando se dá o contato com o "Novo mundo", esse "imaginário fez-se acompanhar e influenciou a visão do europeu" (GONDIM*,* 1994, p. 10*)*. Soma-se a isto, a questão de conceber, ou melhor, criar uma imagem, julgar os povos não europeus a partir do prisma, da cultura europeia, já que se erigem verdades e as respostas "encaixavam-se na vertente infernal", vista pelas lentes desfocadas do europeu e de seu lugar de "superioridade" cultural, de sua civilidade frente aos *bárbaros* (GONDIM, 1994, p. 10).

A partir de tais conjecturas, é notório destacarmos uma evidência que se tornou cada vez mais concreta, com o passar dos séculos (do XVI ao XXI), que é a incidência dessas visões estereotipadas ainda hoje, a partir da linguagem que, "se propaga, se expande, se repetindo, se reduplicando indefinidamente" (MACHADO, 2000, p. 113). E nesse desenrolar, percebemos "ao reencenar o passado que, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição" (BHABHA, 1998, p. 21). De certo, a tradição cultural ligada a uma estrutura de poder

[5] "As chamadas drogas do sertão abarcavam uma série de produtos como o guaraná, o anil, a salsa, o urucum, a noz de pixurim, pau-cravo, gergelim, cacau, baunilha e castanha-do-pará. Todas essas especiarias tinham alto valor de revenda no Velho Continente e, com isso, logo o contrabando apareceu nessas áreas". (*In*: https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/drogas-sertao.htm. Acesso em 28 de julho de 2020).

vem se perpetuando, introduzindo-se por meio de formas de controle numa espécie de agenciamento identitário, cultural, que parte de um lugar frente ao outro.

Mais esclarecedor é, pensarmos que essas inserções estão ligadas em adesão com o contexto socioespacial, histórico, com as relações de poder e de desejo que se têm e o lugar de onde provêm esses constructos que vão se solidificando.

Bhabha (1998) falando acerca dessas discriminações e estereótipos, nos faz fixar mais ainda nossos passos analíticos diante deste caminho das invenções sobre um espaço e seu ser, tanto observado no discurso colonial, quanto no discurso republicano, que ainda é atrelado aos interesses de poder, do paradigma dominante, como tão bem elucidou Galeano (1994) sobre essa questão, chamando-os de dominantes para dentro e dominados para fora.

Observa-se que nesse discurso discriminatório se apresenta "rigidez, ordem imutável, desordem, degeneração e **repetição demoníaca**" (BHABHA, 1998, p. 105, grifo nosso), a julgar que o "estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está no 'lugar' já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido" (BHABHA, 1998, p. 105).

Pelos séculos perpassando pelas "Índias" (referindo-se ao Brasil "descoberto", invadido e saqueado pelos portugueses); por um Brasil colonial; Imperial e, agora, Republicano, observamos essas *desordens, degenerações,* (re) criações e *repetições demoníacas* de acordo com os contextos históricos e temporais.

Seguindo essa linha, o período temporal onde reside nosso escopo de análise é o início do século XX e os dias atuais (século XXI), mais precisamente quando Euclides da Cunha é nomeado pelo governo republicano, em especial, pelo ministro Barão do Rio Branco, como chefe da comissão de reconhecimento ao Purus para finalizar as disputas pela Amazônia acreana, empreitada que ocorre a partir de 1905, e a propagação dos construtos da linguagem através dos *memes*.

O termo *meme* foi cunhado pelo autor do livro *O gene egoísta* (1976), Richard Dawkins e significa, segundo o autor, algo imitado ou uma transferência de ideias de uma pessoa para a outra por meio da repetição, derivado do grego *mimeme.* Seu uso na internet não entra em consenso entre os pesquisadores, entretanto, Natália Botelho (2015) especula-se que tenha sido usado pela primeira vez na internet por volta do ano de 1998, no site www.memepool.com e, em seguida, no começo dos anos 2000 com Jonah Peretti, criador do site *Contegious Media.*

São nestas descontinuidades que as imagens sobre a Amazônia tornam-se mais vívidas, no início do século XX e depois no século XXI. A partir de 1905 essas efígies são validadas principalmente pelo viés de um Brasil República e de um de seus maiores representantes, o conhecido autor de *Os sertões* (1902), Euclides Rodrigues da Cunha que, por meio de interlocuções com linhas positivistas, naturalistas e deterministas do século XIX, atribui a este espaço um *isolamento.*

É válido realçarmos que essa termologia vai transcendendo sua simples grafia, pois dela emanam outros significados, conotações, num ir além do geográfico, haja vista que transcursa se revestindo do elemento cultural, econômico e político, isto é, de tudo o que é avesso aos ideais norteadores do paradigma dominante: o *progresso*, a *civilização* e o *desenvolvimento*. Desse modo, ressignificando e atribuindo à Amazônia um lugar de atraso, infernal, monótona, lugar do caos, do selvagem, do abandono, à margem da história, de grandes distâncias a percorrer, do longo tempo a se gastar, opondo-se a uma lógica capital de que "tempo é dinheiro".

A palavra isolamento que, etimologicamente, vem da união de dois termos: "isolar", originária do francês *isoler* que significa "tornar solitário, separar, deixar só" (CUNHA, 1997, p. 448), e "mento", que "vem do latim, *mentum* e denota ação ou resultado da ação expressa; instrumento de ação" (CUNHA, 1997, p. 513), passa a ser empregada, aqui, como uma categoria envolta de uma multiplicidade de sentidos, ou seja, referindo-se a outros significados, englobando-os. Uma vez que, não é um ato de separação que se pretende, mas sim, intervenção, e sua justificação, em prol da nação e, claro, de seus interesses e desejos.

Logo, tudo o que é funesto, nocivo e concorrente aos ideais de *progresso*, de *desenvolvimento* e *civilização*; atrasado; terra sem história; caos; lugar (de) selvagem; abandono; à margem da história; inferno verde; inferior; monótono; é *isolamento*.

A escrita euclidiana, a partir de então, ganhava um lugar de destaque de onde emanava o discurso de *isolamento* da região, conferindo a ele um papel de autoria. Segundo Tocantins (1966), tanto Euclides quanto sua obra *À margem da História* representavam um memorável inventário sobre a geografia e o homem da região. Uma escrita de um autêntico brasileiro falando sobre sua nação com "menos influência" europeia, a partir da forma como ele teria se encontrado com sua verdadeira "personalidade diante da natureza amazônica. Personalidade que,

servindo-se de sua própria intuição e experiência intelectual adquirida, quase sempre acerta o prognóstico acerca da Amazônia" (TOCANTINS, 1966, *apud* PACHECO, 2013, p. 3).

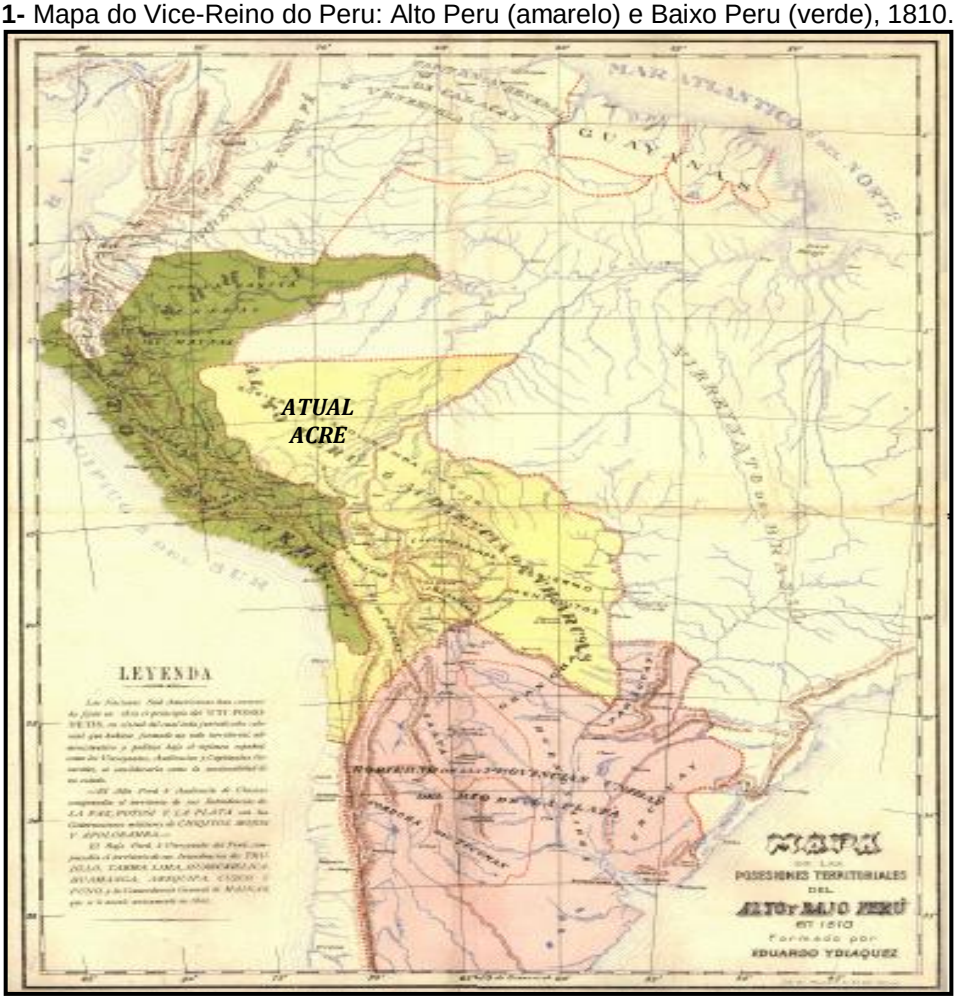
Torna-se necessário voltarmos no tempo, antes da expedição euclidiana, para entender a "questão do Acre". Em 1903 é assinado o tratado de Petrópolis[6] entre Brasil e Bolívia, o qual consistia na sua anexação como Território brasileiro, tendo em vista que desde a divisão do mundo entre Espanha e Portugal, perpassando por outros tratados internacionais tais como a Bula Papal *Inter Coetera* (1493), o Tratado de Tordesilhas (1494), o Tratado de Madri (1750), o Tratado de El Pardo (1761), o Tratado de Santo Ildefonso (1777) e o Tratado de Badajós (1801), que o território conhecido como Acre nunca pertenceu ao Brasil e, antes, nem a Portugal, pois pertencia à Espanha.

É importante destacarmos que no período colonial, mais precisamente entre os anos de 1559 e 1776, o atual território da Bolívia pertencia ao Vice Reinado Espanhol do Peru, por meio disso, conforme nos elucida Eduardo Carneiro (2015a), declarando o drama que era uma delimitação das terras "acreanas", conforme é aludido na figura 1, uma vez que,

> O drama da delimitação territorial amazônica entre os dois países incaicos fica mais bem compreendido se levado em consideração o fato de que no período colonial, entre 1559 a 1776, a atual região boliviana pertencia ao Vice-Reino Espanhol do Peru. A partir de então, o Alto Peru ou a Audiência de Charcas, como era conhecida, passou a ser administrada pelo recém-criado Vice-Reino Espanhol de La Plata. Em 1810, com o início do processo de independência do Vice-Reino de La Plata, a região foi anexada novamente pelo Vice-Reino do Peru. Tão logo o Vice-Reino se reestabeleceu, embora por pouco tempo, o Charcas foi outra vez reincorporado a ele. Mas em 1813, devido às revoltas liberais, o Vice-Reino da Prata já em pleno processo de fragmentação, não conseguiu mais exercer soberania sobre o Charcas. Consequentemente, Vice-Reino do Peru, novamente integrou a região. (CARNEIRO, 2015a, p.126)

[6] Para maior entendimento sobre a disputa das terras que viriam a constituir Acre, indicamos a leitura do livro do professor doutor Eduardo de Araújo Carneiro, *A fundação do Acre*: uma história revisada da anexação, 2015.

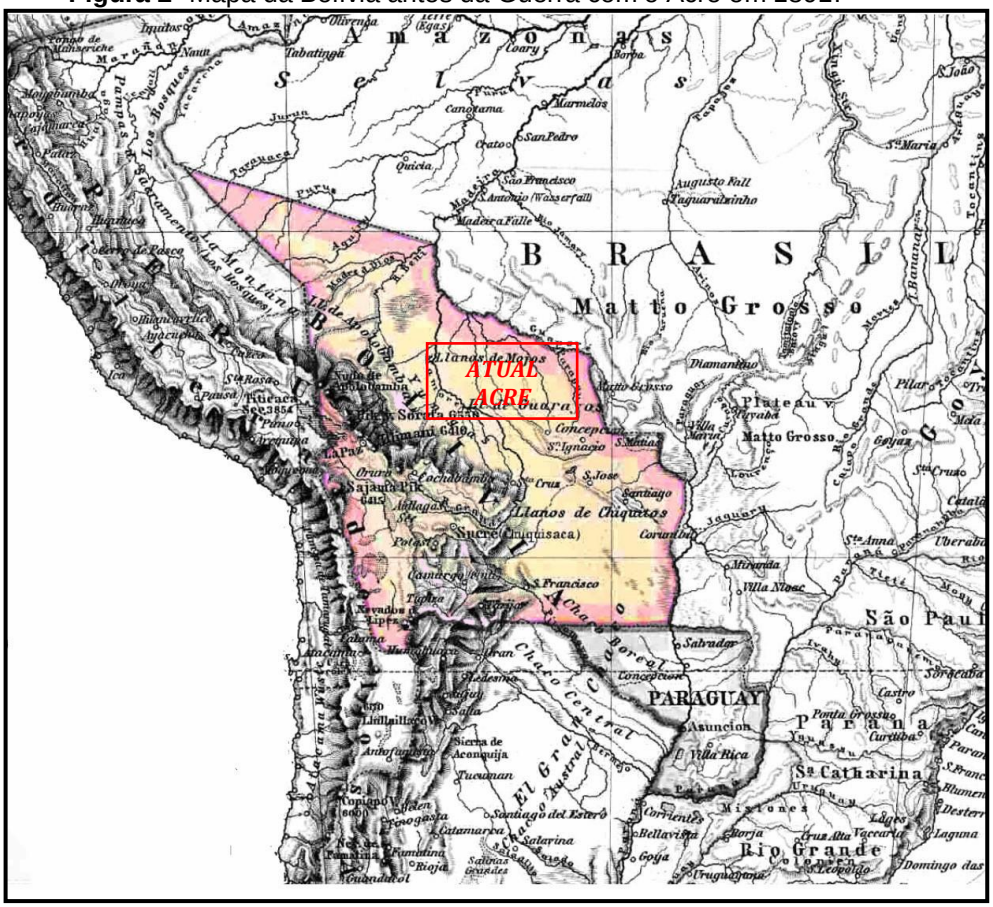
Figura 1- Mapa do Vice-Reino do Peru: Alto Peru (amarelo) e Baixo Peru (verde), 1810.



Fonte: Extraído do mapa de Eduardo Ydiaquez.
Disponível em< http://www.mirabolivia.com> acessado em 03.05.2019. [Adaptado pelo autor].

Na figura 1, notamos a unificação de Peru e Bolívia em um reinado espanhol e, ainda, destacamos a região correspondente ao que seria a Amazônia Sul Ocidental, demonstrando aquilo que Carneiro (2015a) elucidara anteriormente, pois com tais unificações e, em seguida, entre os anos de 1811 e 1825, ocorreram dissoluções, lutas pela independência contra o colonialismo espanhol. Em 1867, por exemplo, temos outro tratado, agora assinado entre Brasil e Bolívia, já “independentes”, o Tratado de Ayacucho, o qual reconhecia e/ou testificava o desinteresse brasileiro por estas terras já que reconhecia como território boliviano (CARNEIRO, 2015a; 2015b). Conforme ilustra a figura 2.

Figura 2- Mapa da Bolívia antes da Guerra com o Acre em 1891.



Fonte: https://pt.wikipedia.org Acessado em 05.05.2019.
Baseado no arquivo de Wikicommsn: Arquivo Handatlas de 1891.
(Pruxo, 2007). [Adaptado pelo autor].

Na verdade, tais terras não eram de interesse de ninguém, e se compunham como “tierras no discobiertas”, assim como eram conhecidas, pois não almejavam o povoamento, uma vez que não haviam apresentados, ainda, suas riquezas econômicas, principalmente com a “descoberta” da seringueira e do ouro negro[7].

Pelo lado boliviano, tinha-se a direção e/ou correntezas dos rios que se constituíam contrárias às suas navegações para se chegar a este território, além do medo dos “índios brabos”; pelo lado peruano, alguns entravam para explorar o Caucho - árvore que também dá o látex, porém não de igual qualidade e quantidade -, já que se precisava cortá-lo, desmatá-lo para extraí-lo, à vista disso, tiravam o leite e voltavam às suas terras sem um ideário colonizador; e pelo lado brasileiro começava-se a migração por volta de 1852 e 1877, da população “nordestina”,

[7] A termologia ouro negro significa o mesmo que látex ou ouro branco. Tal expressão é conhecida assim, devido o processo de defumação feito pelo seringueiro na formação de pelas de borracha.

sobretudo de um contingente cearense, em busca de enriquecimento, da fuga do flagelo da seca, da fome e pobreza, dos campos de concentração instalados no Ceará.

O interesse sobre a região muda quando se descobre a potencialidade para a economia mundial do ouro negro, o que vai desencadear lutas pelas “terras de ninguém” entre Brasil, Bolívia e Peru.

É neste contexto que Eduardo Carneiro (2015a) fala das lutas desencadeadas dentro dos seringais contra os bolivianos, desmistificando a epopeia heroica de uma dita “revolução” e dando destaque para a resolução dessas questões pelo meio diplomático, para o qual, foi o grande responsável da anexação da Amazônia acreana ao Brasil.

Fato ocorrido com a assinatura do Tratado de Petrópolis (1903), o qual reconhecia as terras como brasileiras, mediante ao pagamento indenizatório (ou como chamam, compra), e a construção de uma ferrovia que possibilitasse acesso boliviano a portos comerciais. Segundo Souza (2005, p. 165), “o governo Federal Brasileiro (sic) gastou cerca de 34.446:270$200 Réis (Trinta e quatro milhões, quatrocentos e quarenta e seis mil, duzentos e setenta réis e duzentos centavos)” com as despesas da indenização ao *Bolivian Syndicate* e à Bolívia.

O próprio autor esclarece que, em apenas oito anos de administração do Governo Federal, o lucro foi de mais de cinquenta e cinco milhões de réis. “O governo Federal do Brasil, em **oito anos**, recuperou o dinheiro gasto com a anexação do Acre, pelos impostos cobrados da produção da borracha, mas mesmo assim continuou com o Acre sob o seu controle. Afinal, o Acre era **boa fonte** de renda para o Brasil” (SOUZA, 2005, p. 165).

Contudo, outro entrave se sucederia, as reivindicações dos peruanos pelas terras acreanas, uma vez que estes não sairiam de mãos abanando e também queriam concessões, assim como foram feitas para os bolivianos, o que se iniciaria com a expedição chefiada por Euclides e se resolveria em 1909 com sua anexação à Amazônia brasileira.

Após breve contextualização histórica, é neste momento que retornamos a Euclides da Cunha. O ministro Barão de Rio Branco, para solucionar esse novo entrave, escolhe o autor de *Os sertões* para chefiar a comissão que demarcaria essa divisa entre brasileiros e peruanos. É justamente em Euclides, por meio de suas visões de mundo, seus interlocutores, interesses, ideologia, e seu “lugar” e, do

paradigma dominante que o revestia com sua áurea, que desenrolará o que denominamos de reinvenção da Amazônia, através da análise de seus escritos sobre a região amazônica, *À margem da História* e *Um paraíso perdido* (2006; 2000, respectivamente), tessituras póstumas que foram lançadas em 1909.

Cunha vinha de uma formação militar tendo como interlocutor primeiro das ciências matemáticas por grande influência do professor Benjamin Constant, o qual, igualmente, lhe apresentara os textos de Augusto Comte, o que foi bastante aceito e o engendrou numa linha positivista.

Ainda no Brasil Império, Euclides já flertava com ideias republicanas, em seguida, frequentou a escola Militar e Politécnica, onde seguiu carreira militar e engenharia.

> Indiferente ao mesmo hostil ao mundo. Nessas ocasiões é que ele se intereiva dos acontecimentos nacionais e então o frêmito que o agitava era mesmo daquela geração de cadetes que escutavam Benjamin Constant e sonhavam com a República. (RABELLO, 1966, p. 29)

Oriundo de uma família patriarcal, seu pai era dono de terras, viveu mais dos seus poucos anos de vida no Rio de Janeiro, tendo as aspirações liberais, republicanas com as ideias de progresso, modernidade e civilidade que a capital Rio de Janeiro e os “espaços privilegiados”, os quais ele frequentava, lhe proporcionavam.

No final do século XIX, Euclides acompanha a guerra de Canudos onde, anos depois, escreve o livro *Os sertões* (1902), que o confere um *status* de grande escritor; autor, assim como já afirmara o editor de *Os sertões* por meio do grande sucesso de vendas do livro. “Em oito dias, a metade da edição já havia se esgotado. Nunca na vida de livreiro vira acontecido igual” (RABELLO, 1966, p. 169). Por conseguinte, coube aos jornais enunciar o estrondoso sucesso e o reconhecimento do autor “[...] os maiores críticos já haviam emitido o seu juízo: livro de mestre” (RABELLO, 1966, p. 169), o que o validara a entrar à Academia de Letras Brasileira no ano seguinte.

Mediante a esses prismas e o seu contexto sócio-histórico, ideais e aspirações, Euclides pinta a Amazônia com um extrato de realidade inquestionável por quem era, por quem significava, e para quem ele convinha, sempre por meio de suas lentes embaçadas carregadas de interesses, de sua cultura, de

interdiscursividades, de ideologias, de um outro lugar e dos ideários republicanos, a quem servia.

Não foi à toa que a escolha de Euclides como chefe da comissão de reconhecimento ao Purus foi efetivada pelo Barão de Rio Branco, uma vez que ele, muitas vezes, se servira deles (literários) “para orientar melhor a opinião pública. E eles bem que se prestavam a essa manobra política exterior do Brasil. Ademais, Euclides era um autor consagrado”, conforme Rio Branco mesmo havia afirmado (RABELLO, 1966*,* p. 253). O que mostrava um Euclides que corroborava, mas que, também, era um instrumento para os interesses políticos republicanos envoltos por um paradigma dominante.

Desta forma, a expedição euclidiana ao Purus, em terras amazônicas, ganha notoriedade a partir de seus relatos e cartas, publicações em jornais, em especial, no jornal *O Estado de São Paulo*, hoje conhecido como *Estadão* (para o qual já escrevia desde 1904, antes de sua expedição amazônica, imprimindo, desde já, algumas de suas visões que foram se consolidar nos textos póstumos sobre a Amazônia)[8] e, em seguida, através da publicação do livro *À margem da história* (1909), onde figuraram as mais fecundas tessituras que iriam solidificar como discursos numa ordem de verdade sobre a região, inventando-na como lugar de *isolamento*.

Euclides concebe ao espaço amazônico figurações de *isolamento* que são remodeladas e tomam forma nas expressões: *terra sem história, caos, onde o homem estava destinado a não produzir história, lamas, pântanos cheios de mosquitos, febre e doenças mortais.* Assim como nos relembra Milton Hatoum,

> Nos ensaios de À margem da história, sua visão sobre a Amazônia é pendular: a natureza é portentosa, o clima dotado de uma ‘função superior’. No outro extremo do pêndulo **prevalece uma visão negativa, em que a natureza é destruidora, pois o caos, a desordem e a inconstância são fatores de degradação humana**. Algumas frases, de forte efeito retórico, resumem sua visão: ‘A natureza soberana e brutal, em pleno expandir de suas energias, é adversária do homem. (HATOUM, 2009, s/n, grifo nosso)

E esse homem a quem se refere Euclides, é o migrante, o que mostra a sua

[8] Os textos publicados pelo jornal *O Estado de São Paulo* foram reunidos em um livro intitulado *Contrastes e Confrontos* disponível em https://sanderlei.de/PDF/Euclides-da-Cunha/Euclides-da-Cunha-Contrastes-e-Confrontos.pdf. Acesso em 15 de abril de 2019.

anulação e/ou não reconhecimento, assim como para os indígenas[9], suas culturas, modos de vida. Logo, essa *natureza destruidora e desordem* vão sendo impostas a tudo o que vai de encontro ao tão sonhado progresso político, cultural, social e econômico republicano, seus desejos.

Dessa forma, a partir do discurso euclidiano, reforça-se e (re) inventam enunciados, "novas" representações são atribuídas à região, homogeneizando-a, uma vez que o poder pretende isso: a uniformização e a anulação da diferença, tornado-a um lugar do *inferno verde*, do *caos*, enfim, de *isolamento*, que vai se delineando e tem suas bases fortalecidas e/ou (re) figuradas nos interesses do paradigma em voga.

Ora, partindo de uma análise discursiva à análise, os pressupostos de Michel Foucault são evocados, visto que é um autor que se interessa e destaca como os discursos são historicamente construídos e legitimados de acordo com cada contexto. Para ele o discurso não é algo sempre repetido ou velho, ele é novo, pois parte do contexto espacial e temporal em que está inserido.

Por esse motivo, discorremos sobre uma invenção discursiva, haja vista que não se trata mais das alocuções que "inventaram-na" no século XVI a partir dos colonizadores, cientistas etc. Trata-se, nesse instante, de uma (re) invenção através dos desejos capitalistas acerca da região, e de tudo o que é avesso aos ideais de *progresso*, *desenvolvimento*, *civilização* da república brasileira.

Há, agora, um discurso que parte de uma nova ordem política, de um Brasil "independente", o Brasil republicano que, tem como ambição forjar uma identidade nacional "própria", constituir um empreendimento *(des) colonizador*[10] à Amazônia. Contudo, através de "influências" do outro e/ou interlocuções, dos seus interesses, (re) inventam-na e a colocam numa ordem discursiva que a permeia até hoje, de

---

[9] Euclides (2000, p. 98), quando menciona sobre indígenas, remonta a eles como selvagens, destituídos de cultura e civilização. Os emudeceu, os negou, em grande parte, pois, quando os menciona novamente, é apenas para reafirmar o caráter heroico dos migrantes, pois "vão em busca do **selvagem que devem combater e exterminar** ou escravizar, para que do mesmo lance tenham toda a segurança no novo posto de trabalhos e braços que lhos impulsionem. [...] Há, realmente, neste lance, **um traço comovente de heroísmo**. O homem perdido na solidão absoluta vai procurar o bárbaro, levando a escolta única das dezoito balas de seu rifle carregado" (CUNHA, 2000, p. 162, grifo nosso).

[10] Dessa informação e/ou citação acima de Euclides, percebemos outro traço desse empreendimento capital, a *(des) colonização*, pois, ao mesmo tempo, que os migrantes, em especial da região *Nordeste* do Brasil, colonizavam a Amazônia, também a descolonizavam pela violência contra os indígenas, assim como visto nas tessituras Euclidianas e, que, para o autor, era um ato de heroísmo. Por isso a utilização do termo *(des) colonizador/a*, por esse duplo pertencimento.

isolamento. Ora, o que vemos é que a vontade de se diferenciar da coroa portuguesa, do Império brasileiro por uma busca de uma “identidade nacional” gerou outro discurso, também, colonizador. Ou seja, à *vontade descolonizadora num momento transformou em desejo colonizador em outro*.

Sob essa égide, Euclides entra como uma espécie de *desterritorializador* de mitos, de lendas, do exotismo amazônico, das obras de cientistas europeus, de acordo com Tocantins (1966) e Pacheco (2013), pois passa a figurar uma representação “das próprias instituições de um saber de experiências” (TOCANTINS, 1966, p. 14), muito mais próxima d*a* realidade brasileira em análise, “uma verdadeira personalidade diante da natureza amazônica. Personalidade que, servindo-se de sua própria intuição e experiência intelectual adquirida, quase sempre acerta o prognóstico acerca da Amazônia” (TOCANTINS 1966; PACHECO, 2013). Entretanto, o que não perceberam é que ele teria reforçado mitos e criado outros efeitos de verdade como o de *isolamento*.

Michel Foucault, sobre essas questões discursivas, nos elucida suas ligações com o poder e interesses e, mesmo, os construtos desses discursos historicamente. De igual importância, Bakhtin também mostra os enunciados, as palavras como arenas de conflitos ideológicos, de seu uso frente ao outro, das várias vozes que as atingem, e dos contextos sócio-históricos que nelas [palavras] permeiam.

Esses autores apresentados permitem um diálogo para mostrar essas relações de poder, quais os interesses estão em jogo e, como, a partir da utilização desses discursos, se (re) inventam imagens de um lugar, uma vez que os sujeitos, numa acepção bakhtiniana (1995), são constituídos por outras vozes, por seus contextos históricos e sociais, suas ideologias, por fim, seus enunciados são tomados por dialogismos que, influenciam a enunciação da palavra que sempre é vista como social.

É essencial, antes de darmos prosseguimento às nossas análises, trazermos aqui aquilo que nos disse Foucault (2001) quando questionado sobre a utilização de teóricos “distantes” como se fosse uma regra fixa da/pela academia, o poder que Ela traz, os espaços rígidos que não se podem atravessar por suas fronteiras: entre eles (autores) e as disciplinas e/ou o sempre questionar do uso destes como se não pudéssemos manter o diálogo, ou “não servissem”, ou “melhor é utilizar este do que aquele”.

Coadunando a essa percepção foucaultiana, Paul Claval e Patrick

Charaudeau são autores que sinalizam às interlocuções, diálogos de autores e disciplinas diversas. Dessa forma, enfatizam ainda mais nossa empreitada e nos permitem a aproximação e diálogos possíveis em nossos caminhos, nossa escrita. Dessa maneira, Foucault esclarece:

> Fizeram outra objeção: você forma, disseram-me, famílias monstruosas, aproxima nomes tão manifestamente opostos, coloca um ao lado de outro, e isso contra o jogo mais evidente dos parentescos e das semelhanças naturais. Também aí, eu diria que a objeção não me parece convir, pois jamais procurei fazer um quadro genealógico das individualidades espirituais, não quis um arquétipo intelectual do cientista [...] não quis formar nenhuma família, nem santa e nem perversa, busquei simplesmente – o que era mais modesto – **as condições de funcionamento de práticas discursivas específicas**". (FOUCAULT, 2001, p. 267-268)

Para Michel Foucault (1996), guardada as diferenças teóricas com Bakhtin, e buscando *as condições de práticas discursivas específicas,* - uma vez que o primeiro se interessa pela ordem disciplinar, uma genealogia do saber que são ligados sempre à esfera de interesses, desejos, disciplina e poderes, ordem discursiva etc.; enquanto o segundo nos mostra a questão ideológica, os discursos de outrem e os contextos sócio-históricos que refundam discursos, porém, retomadas suas particularidades, quanto ao dialogismo, os interesses de quem pronunciam as palavras, elucidando-a não como uma forma abstrata, temos nestes diálogos e/ou condições de funcionamento que o "**discurso renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inocente**, e que reaparece sem cessar, em todo seu frescor, a partir das coisas, dos sentimentos e pensamentos" (FOUCAULT, 1996, p. 23, grifo nosso).

Dessa maneira, vimos o discurso euclidiano, tendo como base de apreciação as conjecturas de Foucault e Bakhtin, como um (re) inventor da/para a Amazônica. Para dar mais congregação a esta ideia, Simone (2014), por intermédio de uma interlocução foucaultiana, porém, mais direcionada para o mito das mulheres guerreiras – as Amazonas -, nos é reapropriada e inserida também nessa nova conjuntura discursiva, uma vez que reafirma que "as histórias dos lugares nada mais são do que *práticas discursivas constituídas historicamente* sendo a *invenção* dos imaginários transpassados de outras partes do mundo" (LIMA, 2014, p. 64) e, também, de outras partes do Brasil a partir de discursos, como o de Euclides, e de tantos outros tendo ele como interlocutor, *referência.*

Tão forte é essa afirmação que, Nuno Vieira (1934), crítico literário, nos é evocado para mostrar a “influência” nos escritos de outros romancistas, escritores, pois, para ele, Euclides da Cunha é o maior responsável por quanto disparate se tem escrito sobre o vale amazônico. Lima (2014, p. 67) revela como elemento chave de uma visão determinista que permeia as escrituras pós-euclidianas entrando em sintonia com a perspectiva bakhtiniana, onde se reafirma que sempre existem “enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras da arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 294).

“Depois de Euclides, escritores como Alberto Rangel, Inglês de Souza (em menor escala), Leandro Tocantins historiador, poeta e contista refundam as imagens/símbolos da desmedida e do exagero, [do *isolamento]*” (LIMA, 2014, p. 68, grifo nosso), não só do exagero colonial, mas também, das figurações da “tão casta e doce” República e seus empreendimentos visando o “bem-estar” nacional, o *progresso* e a *civilização* para as terras amazônicas.

Nessa ocorrência, percebemos ou pactuamos com aquilo que Bakhtin nos trouxe sobre o enunciado e, em especial, para uma análise sobre os enunciados euclidianos. De acordo com ele,

> [...] Pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; **e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada em minha expressão**. (BAKHTIN, 2003, p. 294, grifo nosso)

Destacamos o terceiro aspecto concomitante com o discurso de Euclides, pois é ela [palavra] que *dá o tom de autoridade*, ela confere uma legitimidade que dá ao enunciador o título de um novo discurso, um inventor, pois *a palavra confere dele, de uma situação determinada*, ou seja, de um tempo e espaço específico e dos interesses que o envolvem como uma áurea, onde o autor opera com ela uma (re) invenção, pois deságua em *sua expressão, é dele*, e ainda onde *as pessoas se baseiam, imitam, seguem*.

No texto de Michel Foucault, *O que é um autor?* É conferido pontos e/ou eixos que enfatizam ainda mais a Euclides da Cunha esse “título” de (re) inventor da

Amazônia, em destaque à Amazônia Sul Ocidental.

Foucault (2001) traz uma reflexão sobre o que é um autor, seu papel. Nesse aspecto, para Michel Foucault, há autores que fundam características tão marcantes que dão origem e/ou solidificam discursos. A função do autor é um resultado de "uma operação complexa que constrói um certo ser da razão que se chama autor [...] tenta-se dar um *status* realista: instância 'profunda', poder 'criador', um 'projeto', um lugar originário" (FOUCAULT, 2001, p. 279). Observa-se que, assim como Bakhtin, Foucault não exclui *essas operações* fundadas em épocas e contextos particulares e tipos de discursos circundantes, numa cadeia de interlocuções e trans/interdiscursividades. Já que o autor, para o filósofo francês, sempre é esse momento histórico definido e ponto de encontro de certo números de acontecimentos (FOUCAULT, 2001, p. 280) fazendo o autor ser um sujeito do discurso.

Ainda de acordo com ele, vemos certa dependência e até provável ligação para como conferiam a obra ao autor, onde o autor dava o ar de veracidade, dessa maneira, o *autor é definido como um certo nível constante de valor*. Foucault (2001, p. 277-278) vai mostrando que os discursos literários não podem ser mais aceitos senão providos da função autor, assim remonta-se para a época medieval, "onde um valor de verdade, uma aceitação na condição da obra ser marcada pelo nome de seu autor".

Em sua própria *démarche*, o filósofo francês vai observando que a função-autor está ligada ao sistema institucional, esferas de controle e poder – como o espírito do paradigma dominante que envolve a República brasileira recente -, e que vai pertencendo a uma ordem discursiva a cada temporalidade e espaço. Para ele:

> Na ordem do discurso, pode-se ser o autor de bem mais que um livro – de uma teoria, de uma tradição, de uma disciplina dentro de uma disciplina dentro das quais outros livros e outros autores poderão, por sua vez, se colocar. - Eu diria, finalmente, que esses autores se encontram em uma posição 'transdiscursiva'. (FOUCAULT, 2001, p. 283-284)

É nessa direção que nossa ideia se torna basilar, pois Euclides, seus discursos, se tornam terra firme para outros autores se debruçarem em suas tessituras a partir de interloções, como assevera Bakhtin, e/ou por meio da transdiscursividade, como afirma Foucault. E assim como para a idade média

(fazendo uma analogia) e também para os textos literários, como são os textos euclidianos, seu nome traz o ar de veracidade às seus construtos de um espaço imaginado, mas não *vivido* por ele, o que veremos com maior rigor adiante.

Dando prosseguimento e, assim, chegando ao *clímax* dessas tessituras, Foucault observa que no século XIX surgiram autores que ele chamou de *fundadores de discursividade*. Esses autores têm de particular o fato de que eles "não são somente os autores de suas obras, de seus livros, eles produzem alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos" (FOUCAULT, 2001, p. 284).

De tal modo, vão se estabelecendo uma possibilidade infinita de discursos a partir dos escritos euclidianos, o que confere a Euclides da Cunha, de igual modo, uma posição de *instaurador de discursividade.* Dado devido aos seus discursos não se tornarem apenas certo números de analogias, mas tornar "possível (e tanto quanto) um espaço para outra coisa diferente dele e que, pertence ao que ele fundou". Ou seja, fala-se do autor dos *Os sertões*, conferem a ele um *status* de destaque, de verdade como efeito, por ser Euclides da Cunha esse autor renomado, assim como já mencionamos anteriormente nas citações de Lima (2014), Nuno Vieira (1934) e Tocantins (1966).

Outros os têm como referência, como ponto de partida de suas escritas, como interlocutor em suas tessituras, assim como Alberto Rangel (2001), Leandro Tocantins (entre os anos 1953 e 1985), Daniel Piza (2010) e tantos outros. Outrossim, há, também, diversos textos que partem dele, entretanto, para refutá-lo, criticá-lo, assim como os autores Foot Hardman (2009); Milton Hatoum (2009)[11], Simone de Souza Lima (2014), etc.

Euclides, por via dessa concepção foucaultiana, se solidifica ainda como um fundador, um inventor, pois a "obra desses instauradores não se situa em relação à ciência e no espaço que ela se circunscreve; mas a ciência ou a discursividade que se relaciona a sua obra como as coordenadas primeiras" (FOUCAULT, 2001, p. 287), fato que vimos em Pacheco (2013), Alberto Rangel (2011), Tocantins (1966), e nos lembra da afirmação do historiador Carlos Alberto Alves de Souza em decorrência de uma mesa redonda na XVI Semana de História, realizada no ano de 2013 pela Universidade Federal do Acre- UFAC. Segundo ele,

[11] No caso de Milton Hatoum, apesar de tecer algumas críticas, ainda se percebe traços de uma Amazônia vista como exótica, conforme afirma Foot Hardman (2009, p. 32).

> Os escritos euclidianos foram de fato legitimadores para a ciência que se fazia na academia, muitos professores e alunos dos anos 1970 e 1980, traziam seu discurso como base para a construção do conhecimento, tidos como verdades, o que influenciou nas escritas das teses dessa época, por mais que a intenção aqui não é de demonizá-lo, mas mostrar como os historiadores e romancistas da época utilizaram de seus textos sobre a Amazônia como uma espécie de aporte teórico por ser Euclides o autor reconhecido que é[12].

Desta forma, é mais que pertinente recorrermos à visão de Zygmunt Bauman sobre as metáforas do *sólido* e *líquido* (fluidez), como um movimento que instaura, cristaliza à Amazônia, em destaque aqui o discurso de Euclides da Cunha e, posteriormente, numa temporalidade mais atual, pós-moderna, com os *memes,* uma homogeneização de culturas, uma visão determinista que a traz como à margem da História, lugar de *isolamento*, o que Foucault chama de descontinuidades que se ligam no tempo e no espaço, ou seja, que se legitimam de acordo com os dispositivos de cada época.

Em análise dessas metáforas, Carlos Scholles (2010), em seu dicionário *das mobilidades culturais: percursos americanos,* traz com apropriação que:

> Os sólidos costumam ser pesados, resistentes, difíceis de ser movidos. Quando a sua forma é consolidada, tendem a permanecer assim por um longo tempo, ou até indefinitamente; a não ser, é claro, que alguém despenda considerável energia na tarefa de remodelá-los à forma desejada. (SCHOLLES, 2010, p. 227)

As visões desfocadas a partir de Euclides da Cunha foram, então, se solidificando, falando por si só. De igual modo, outros, por meio de suas visões e/ou interlocuções com Cunha, continuaram a reinventar a Amazônia, silenciar seus habitantes e seus modos de vida, sua cultura, figurar imagens mais que retorcidas sobre Ela.

Contudo, é mais que oportuno figurar a *liquidez*, o elemento desconstrutivo ou, que figura outras versões, tendo como pilar aquilo que Claval (1995, 2001) e outros estudiosos dos campos da história, geografia, estudos pós-coliniais e decoloniais nos afirmaram, que é dar visibilidade aos *fazeres cotidianos* daqueles

---

[12] Fala do prof. Dr. Carlos Alberto Alves de Souza na mesa redonda intitulada *A pesquisa em história do Acre:* diálogos de experiências na **XVI Semana de História, "a pesquisa e o ensino:** conhecimento histórico, meio ambiente e diálogos sociais", em dezembro de 2013.

que não meramente observam o espaço, mas agem a partir de experiências íntimas com ele, para descortinar esse silenciamento que o paradigma dominante, o capitalismo, e seus desejos e mecanismos de poderes, como a ciência, figuraram e ainda figuram.

É nessa acepção que interagimos numa interlocução vívida com E. Said e Boaventura de Souza Santos, em destacar o *Sul, o Oriente, e à margem* como essenciais, não como formas pejorativas e de autoafirmação dominante para o Norte, pelo contrário, como forma de enfrentá-lo, embater uma ciência construída e alicerçada num paradigma carregado de interesses e poder dos governantes, das classes no poder.

É mostrar uma cultura vívida que foi renegada, emudecida como efeito de verdade, mostrar os espaços como uma arte do viver, vivenciá-lo, e isso só se evidenciará a partir da relação do ser com sua natureza circundante, seu espaço, suas visões, e os discursivos erigidos por meio desta.

Ainda dessa constatação, é bom evidenciar, antes de darmos prosseguimento, uma crítica recorrente às produções literárias que, segundo Simone Lima, são uma aventura estética no campo da representação, e que "não devemos considerar que para expressar a Amazônia deva haver interação obrigatória da matéria narrada com a natureza ou o meio-ambiente" (LIMA, 2014, p. 88*)*, - por mais que, adiante, Lima pontue que as produções literárias amazônicas não se preocuparam com a relação com o mundo -, observamos os sérios danos que sua afirmação e os discursos literários causaram para as Amazônias, pois não se pautaram em uma experiência vivida com o espaço, isto é, não partiram de uma descrição do mundo por meio dessa experiência direta em cumplicidade entre ser e natureza, embasados pelo prisma da fenomenologia e não do olhar determinista.

Mesmo Euclides, quando "vivencia" por alguns dias a Amazônia, não se despiu dos "pré-conceitos" de sua visão de mundo, de seus interlocutores, do seu ser operário do paradigma dominante, a "casta e bondosa" República, seus ideários de *progresso* e *civilização*, seus interesses. Assim sendo, reinventou aos mais puros vislumbres insanos e horripilantes do caos, da selvageria, da negação e silenciamento das outras culturas já existentes, principalmente, à geografia e à população da região amazônica brasileira, de tal modo como fez para com *Os sertões* nordestinos.

Deste estado surge então uma premissa invocada por Claval, onde "os

homens sentem a necessidade de dar um sentido à sua existência e ao mundo no qual vivem. É disso que os geógrafos devem partir na sua análise" (CLAVAL, 2001, p. 53). Este é, justamente, nosso ideal, ponto de partida para a figuração e/ou uma nova invenção da Amazônia, como assevera Claval (2001), o espaço deve ser frequentado e não limitado e representado pela mera observação.

Para tal percurso é necessário, crucialmente, recorrermos aos postulados heideggerianos e dardelianos, uma vez que procuram descrever o mundo tal como se apresenta. Para que isso aconteça, em sua profundidade, as pessoas precisam se lançar e fazer sua experiência direta com a natureza, desnudando-se dos preconceitos possíveis dos/nos fenômenos, pois, para Dardel (2011), o mundo geográfico só é autenticamente acessível a partir do nível de experiência vivida, em que o terrestre e o humano se ajustam a uma medida original.

Claval chama e/ou identifica esses postulados de uma *abordagem humanista* da *démarche* geográfica, que aparece "insistindo sobre os sentidos dos lugares, sobre a importância do vivido [...] torna indispensável um estudo aprofundado das realidades culturais" (CLAVAL, 2001, p. 53).

1.3 A fenomenologia de Martin Heidegger e Eric Dardel no processo de invenção do ser e espaço amazônico

É através dessa abordagem que reside nossos outros passos, já que a fenomenologia traz como contribuição para a ciência geográfica uma análise concomitante entre o ser e o mundo - o ser-aí lançado e vivendo nele – a qual realizamos como uma experiência terrestre, existencialista, logo, humana.

Destarte, esse fazer ciência - onde há um duplo pertencionismo, pois ainda é desacreditada pelo estudo de cunho positivista, matemática; mas também, é basilar para o enfrentamento de visões solidificadas através do outro, de diferente olhar e cheia de interesses e de relações de poder, porque visa uma ontologia, desnudando-se dos preconceitos e fazendo emergir o prisma do ser que habita, que experimenta seu espaço e tempo que vive, que é um ser-e-estar-no-mundo, um ser que se lança e age – já que mira a possibilidade de elevar os limites do cumprir geográfico ao limite de suas potencialidades, segundo Dal Gallo e Marandola Junior (2015), logo, se torna um método que nos é salutar e nos permite um desnudamento das visões de Amazônia cheias de estereótipos negativos, de um *isolamento* da região.

Apesar de Martin Heidegger, nos seus escritos, não ter um olhar direcionado e atento para a ciência geográfica, é um dos filósofos que mais contribuiu para a Geografia Humanista, uma vez que abre um leque de possibilidades sobre as dimensões do ser (o sentido do ser, por exemplo, como seu escopo), logo à ontologia, fundamento que busca um retorno às coisas mesmas, que iria servir de base para ao pensamento geográfico como Eric Dardel, Edward Relph, Merleau-Ponty e tantos outros.

O filósofo alemão nos dá sua primeira contribuição quando propõe para formular seu próprio conceito e/ou entendimento de fenomenologia, porquanto, para ele, só seria alcançada por uma destruição da história da ontologia e da metafísica, ou seja, descortinar os conceitos e imagens que foram calcificadas por uma tradição científica positiva e seu exercício de saber e verdade.

Para ele, é através das "experiências originárias em que foram obtidas as primeiras determinações do ser" (HEDEGGER, 2015, p. 51), onde teremos terreno para um ponto de partida sem os pré-conceitos que embaçam os fenômenos, os distorçam. Dessa forma, já trazia para os seus leitores e aqueles comprometidos com o fazer ciência, incorporado aqui pela geografia, história e, claro, pela filosofia, uma reivindicação a volta das "origens", um enfrentamento para as crises paradigmáticas, a fragmentação das disciplinas, pois nesse momento de crise precisamos dessa "destruição" que Heidegger propõe.

Aqui nos reapropriamos dessa ideia, pois como bem falou seu discípulo Gadamer (2007), a destruição que o filósofo alemão fala é no sentindo de desconstruir, desnudar, despir dos preconceitos, das infinidades de determinações que carregam os seres, os entes e os ocultam. Para ele (2007), destruição não significa dizimação em Heidegger, pelo contrário, ele tinha em vista uma desconstrução das camadas sedimentadas que ocultavam as coisas como são, portanto, "o que estava em questão era tratar desconstrutivamente a fenomenologia tradicional, de modo a reconduzi-la a experiências primeiras" (GADAMER, 2007, p. 29-30).

Desse modo, será crucial para nossas tessituras o pensamento heideggeriano, pois nos imprime o desejo de destruição, guardados os contextos socioespaciais e temporais específicos, das "verdades" erigidas sobre a região amazônica, tendo como embasamento a própria relação do ser com o terreno, espaço vivido e de ação, suas relações com o mundo pelo habitar e, logo, de sua

inserção a partir do *Dasein*.

Heidegger traz um novo olhar e/ou uma superação de uma dicotomia entre indivíduo e item de análise, que é notabilizado e empreendido também por Dardel, pois não há como não pensar nesse envolvimento entre esses dois “seres”, entes, pois, o “sujeito” e o “objeto” “se envolvem um no outro [...] e o mundo geográfico só é autenticamente acessível a partir do nível de experiência vivida, em que o terrestre e o humano se ajustam a uma medida original” (DARDEL, 2011, p. 112), conforme sintetizou Besse o postulado dardeliano que carrega interlocuções com os escritos heideggerianos.

Tendo esses autores como embasamento, e tendo a premissa de que através de uma localidade vivida, dessa relação embrionária entre o ser e a terra, a *geograficidade* dardeliana que, segundo ele, consiste nas inscrições do terrestre no humano e vice-versa, resultante dessa experiência vivaz que se configura na mais pura figuração da paragem, ou seja, a partir da população que nela vive, o ressignifica.

Ora, a fenomenologia se exprime como a base de outra invenção, a qual pode figurar a experiência existencial humana, inserida no seu recinto e tempo, como se efetiva, como ela é.

O que é esclarecido bem quando tomamos como empréstimo a definição de Merleau- Ponty, autor que dialoga com Heidegger, onde, para ele:

> A fenomenologia é o estudo das essências: a essência da percepção, essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira se não a partir de sua ‘facticidade’. [...] É ambição de uma filosofia que seja uma ‘ciência exata’, mas é também um relato do espaço, do tempo, do **mundo vivido** [...] uma descrição direta de **nossa experiência.** [...] (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1, grifos nosso)

Nessa acepção, observamos o que há de mais importante: que é uma análise embasada na experiência, na vivência do ser inserido no espaço, uma paragem vivida, ao contrário de uma meramente concebida sem a existência, sem a interação entre o ser e a natureza que nele habita e sua relação íntima sem determinismos.

O próprio Heidegger indaga-se sobre os conceitos preliminares da fenomenologia, do fenômeno como sendo “para as coisas elas mesmas”, contudo, ele faz uma *démarche* sobre o ser fenomenológico, ou seja, sobre a questão do

individuo que é “sempre ser de um ente” e, sobretudo, pautado na presença dele e seu sentido. Logo para ele, “a fenomenologia é a ciência do ser dos entes- é ontologia. A tarefa de uma ontologia surgiu à necessidade de uma ontologia fundamental, que possui como tema a presença do ser” (HEIDEGGER, 2015, p. 77).

Este é o fio condutor que vai pavimentando-se na presença do indivíduo, do seu habitar, do ser-e-estar-no-mundo como uma esfera que age no tempo e no espaço o ressignificando através de sua relação íntima e em cumplicidade. Destarte, é justamente aqui que introduzimos a visão do sujeito amazônico, a partir de suas ações com o seu ambiente, que vivencia e constrói seu lugar, pela sua inserção como *Dasein* (ser-aí) suas descrições diretas do residir, suas proximidades, suas culturas, identidades, suas construções e, por fim, as suas visões decorrentes dessas existencialidades, das suas intersubjetividades.

Para entendermos a premissa heideggeriana e, posteriormente, sua utilização numa construção e/ou pilar para a Geografia humana, devemos esclarecer alguns conceitos básicos para essa aventura a procura do sentido do sujeito, da ontologia, onde Heidegger nos traz o conceito de ente(s), que são:

> Muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e o como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado no teor e no recurso, no valor e validade, no **existir**, no **dá-se**. (HEIDEGGER, 2015, p. 42, grifo nosso)

A esta prerrogativa, lembramos que cada ente possui um ser e o autor busca desvendar esse entendimento, procura indagar em que indivíduo deve ter uma analítica ou ponto de partida para se chegar a um sentido do ser, sua abertura. Nessa perspectiva, para Heidegger (2015), duas questões vão se elucidando em nossas tessituras. A primeira é a presença e/ou *Dasein* (ser-aí), este sujeito que cada um de nós mesmos sempre somos, que indica uma historicidade, uma temporalidade, um existir.

É importante ponderamos que, aqui, em *Ser e tempo* (2015), o filósofo alemão avulta certo prevalecimento do tempo em relação ao espaço, onde ele mesmo destaca que a conjuntura é aonde a presença “em geral compreende e interpreta implicitamente o ser. Por isso, devemos conceber e esclarecer, de modo genuíno, o tempo como horizonte de toda compreensão e interpretação do ser”

(HEIDEGGER, 2015, p. 55). Todavia, ressalvamos no decorrer da sua obra e a explanamos que o sentido do sujeito está diretamente vinculado ao "mundo circundante", ao espaço de ação onde o indivíduo, em destaque, o ente ser, pode *dá-se*, lançar-se na interação mútua e recíproca com esse terreno próximo, o qual concretiza o seu *existir.*

Outrossim, em suas tessituras posteriores, o que diversos autores analistas chamam de uma segunda e, às vezes, uma terceira fase de Heidegger, entre 1927 e 1951, conforme a professora Ligia Saramago, mostram que o alemão começa a tratar de outras questões como a linguagem, a poética e o habitar. E é exatamente a partir desse conceito [de habitar] que os geógrafos tornaram-no campo fértil para a geografia, de acordo com Eduardo Marandola, "[Heidegger] trouxe no devir de seu pensar o sentido de existência fundado no habitar. Este é a própria expressão da espacialidade do ser" (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 83). Além disso, apesar dessa primazia do tempo em *Ser e tempo*, como já ponderamos anteriormente, observamos a importância da espacialidade, pois é nela que enquanto ser do ente, no seu sentido de ser que age, se lança nesse espaço chamado "mundo".

Ainda sobre a presença, notabilizamos que ela tem a tendência de "compreender seu próprio ser a partir *daquele* ente com quem ela se relaciona, se comporta de modo essencial, primeira e constantemente, a saber, pelo 'mundo'" (HEIDEGGER, 2015, p. 53), o que enfatiza o que já interpretamos: a importância do espaço para que o sujeito possa ter suas experiências, e para a compreensão do que eu e nós mesmo somos.

A presença (ser-aí) dos entes no "mundo" destaca-se na sua *proximidade*, ou seja, no espaço em que vive, que ocupa, que o circunda, o que possibilita uma abertura para um ser *lançado* a este mundo que se relaciona com outros entes.

A segunda questão já está implícita na primeira, porém, ainda pouco esclarecida a uma leitura desatenta, que é exatamente no "sobressair" de um ente em detrimento de outros pela capacidade de apreensão e interpretação, de interrogar-se a si mesmo, de se questionar em seu próprio ser e, em seguida, indagar e decifrar o sujeito dos outros indivíduos que estão nesse espaço e tempo de ação. E esse ente é o ser, do qual parte em busca da acepção dele mesmo.

Dessa forma, essa presença,[13] para Heidegger (2015), se torna: uma

[13] Aqui destacamos uma diferenciação e/ou uma "discórdia" compreensiva e interpretativa entre as versões do livro *Ser e o tempo* ao que seja a presença enquanto ser constituinte e/ou apenas não ser

constituição fundamental da existência humana e/ou o próprio ser num dado temporal e espacial, com a finalidade de interpretar a si mesmo e os seres dos entes na sua cotidianidade, na sua originalidade existencial. Destarte, abre-se a possibilidade de um "ponto de partida adequado para a análise da presença" (HEIDEGGER, 2015, p. 98) além de uma base consistente para o debruçar ontológico geográfico.

Este ser-no-mundo ou em um mundo é algo além de uma relação simples entre dois entes, como dizer que a "*água está dentro de um copo"*, pois aqui configura-se ou institui um ser-estar (lançado) em um espaço, em um local e na sua conexão com ele, na sua aproximidade, cotidianidade que dar-se pelo habitar, o que para Heidegger,

> Quer dizer, que essa habitação tem a correlação intrínseca entre o *ser-em* que deriva-se de "*innan*- morar, habitar, deter-se; 'an' significa: estou acostumado a, habituado a [...] que possui o significado de *colo*, no sentido de *habito e diligo.* O ente a qual pertence o ser-em, neste sentido, é o ente que eu mesmo sou. A expressão 'sou' conecta-se a 'junto'; 'eu sou' diz por sua vez: eu moro, me é familiar. Como infinitivo de 'eu sou', isto é, como existencial, ser significa morar junto a, ser familiar com. (HEIDEGGER, 2015, p. 100)

É nesse sentido de morar que revela um sujeito que age numa localidade, que tem uma experiência geográfica e a percepção desse ser-aí num ensaio com o real que o circunda e, daí, impregnado da natureza, do ambiente, pois é tocado por

---

sinônimo do ser e ente mulher/homem. É notório que em nossas tessituras isto não influenciará a *démarche* proposta por nós e nem na constituição do pensamento heideggeriano como pilar filosófico para Dardel, outros geógrafos e a nós mesmos. Contudo, para que haja uma melhor compreensão do leitor, destacamos tal observação, onde na tradução brasileira de Marcia Sá Cavalcante, parte 1 de Ser e tempo de 2005, destaca nas notas finais, p. 309, que presença não é sinônimo de existência e nem do ente mulher/homem. Para ela, "A palavra Dasein é comunmente traduzida por existência. Em *Ser e Tempo*, traduz-se em geral, para as línguas neolatinas pela expressão "ser-aí", être-là, esser-ci, etc. Optamos pela tradução de pre-sença pelos seguintes motivos: 1) para que não se fique aprisionado às implicações do binômio metafísico essência-existência; (...)4) pre-sença não é sinônimo nem de homem, nem de ser humano, nem de humanidade, embora conserve uma relação estrutural. Evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade". Já na versão espanhola, Heidegger nos elucida e/ou aponta como a presença (dasein) sendo sim o ente mulher/homem. Segundo ele, "[...] Las ciencias tienen el modo de ser de este ente (el hombre). A este ente lo designamos con el término *Dasein* [...] (HEIDEGGER, 2000, p. 22), e continua "A este ente su ser le es 'indiferente', o más exactamente, él 'es' de tal manera que su ser no puede serle ni indiferente ni no-indiferente. La referencia al Dasein – en conformidad con el carácter de *ser-cada-vez-mío [Jemeinigkeit]* de **este ente – tiene que conottar siempre el pronombre *personal:* 'yo soy', tú eres'**" (HEIDEGGER, 2000, p. 52, grifo nosso). Ou seja, na tradução espanhola, é destaque uma contradição com a tradução brasileira, onde, para Heidegger (2000), o Dasein (ser-aí) é o próprio ente que eu sou, ente mulher/homem, sou eu, é tu, uma vez que o ser-aí é constituição do próprio ente homem e não dos outros entes que, como ele afirma, são destituídos desse ser-aí.

sua brisa suave, passa a “pintar”, ressignificar e/ou recriar o mundo enquanto ser-aí, existencial inserido no local, conforme elucida Pickles, “a relação do homem com o mundo não é inicialmente e primordialmente uma relação cognitiva ou teórica, mas a do *Dasein* – do ser-aí” (PICKLES 1985, p. 128), que convida [esse ser ser] a “dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana [...] em uma espécie de **cumplicidade** no ser” (DARDEL, 2011, p. 6, grifo nosso) - entre o ser-aí e o espaço que o circunda.

Eduardo Marandola (2012), a partir de interlocução com Heidegger, afirma que, a noção de habitar é uma

> Expressão do próprio ser-e-estar-no-mundo, constituindo-se enquanto fundamento do ser-no-mundo, envolvendo lugares, territórios e espaços de vida. Habitar é o próprio *Dasein*, implicando um conjunto fenomênico de elementos que são mediados pelas ações intencionais e do querer do homem. A existência é fundada num habitar, e esta marca, demarca e transforma o espaço. (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 86)

Logo, a partir dessa definição, percebemos a importância dos conceitos e ideias heideggerianos para uma pavimentação na caminhada do pensamento geográfico e, que, alicerçado nele, desenvolveram-se outras noções pertinentes e cruciais para a ontologia da geografia, coadunando com Eduardo Marandola (2012), tais quais, de igual relevância, para nossa *démarche*. Conceitos de lugar, marcas afetivas, simbólicas, etc.

Merleau-Ponty (1999), a pensar, nos deixa aqui a definição de mundo que, ao tomarmos de empréstimo para nossas grafias, redirecionamos para uma escala de proporções menores (nos referindo, aqui, à “região” amazônica), assim como delineou Eduardo Marandola (2012) sobre o envolver *lugares, territórios e espaços de vida*, tornando-se assim mais claro e evidente nosso objetivo de mostrar outra visão de Amazônia e/ou trazer uma (re) invenção através daqueles que a vivem de fato, porquanto, “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que vivo” (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 14).

De tal modo, teremos uma reconfiguração ou recorte espacial, o *lugar*, como categoria. Para Relph (1979), por meio desse indivíduo lançado à localidade, o qual em sintonia afetiva, emocional e intersubjetiva com os entes circundantes em seu tempo e local dado, cria um microcosmo, onde cada um de nós se relaciona com o ambiente e quando o mundo se relaciona conosco constituindo assim o hábitat que

vai se tornando o:

> Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos [...] produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS, 2007, p. 22)

É justamente dessa categoria [lugar] que o ente ser pode tecer suas relações, experiências, suas pretensões enquanto é vivenciado por este se transformando num “gerador de significados geográficos” (HOLZER, 1997, p. 70).

Para embasar este constructo numa acepção originária ontológica pelo sujeito inserido enquanto habita este local e, nele possa ecoar seus ensaios e suas percepções dessa conexão íntima de cumplicidade, que Tuan credita que “o lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é realidade a ser esclarecida e compreendida sob a **perspectiva das pessoas que lhe dão significado**” (TUAN, 1983, p. 387, grifo nosso).

Isto é, através de uma localidade de ação e existência que *encarna as experiências e aspirações das pessoas* que nele vivem, ao contrário daquelas que o imaginam e o representaram ou representam como um ambiente apenas pensando e não vivido nessa perspectiva fenomenológica, de um ser-estar deveras no mundo agindo. Dessa forma, refletir as percepções, as relações do indivíduo com a natureza que o circunda, com o seu lugar, nos encaminha ao desvelamento de uma invenção pelo outro para, deste modo, poder figurar a Amazônia por meio do sujeito que a vive.

Tal ocorrência nos leva a desaguar em outro conceito essencial e desconstrutivo, pois o lugar se torna um elemento para um *buen vivir* ou o é. Esse bem viver vai desprendendo o ser das relações capitalistas destrutivas, pois se adéqua ao seu lugar de experiências e vivências com um apego sentimental, de lar, de onde suas idealizações e mover-se no mundo são baseados no bem-estar, onde encontra sua realização e sua felicidade. Pois, o *buen vivir* “es una manera de relacionarse con el mundo de los antepasados y con los otros integrantes de la vivencia actual” (SKEWES, 2017, p. 11).

Nessa perspectiva em que o autor coloca o *buen vivir* percebemos bem a caminhada dialógica com a existência do indivíduo, seu sentido, o ser-e-estar-no-

mundo, conforme nos elucida Heidegger e Dardel. Uma vez que, o bem viver só se dá nessa relação íntima entre o ente ser e sua localidade, seu espaço que impregna nele marcas e, ao mesmo tempo, faz com que o ressiginifique, o recrie e o configure em *lugar*, isto é, tendo na sua cotidianidade uma reciprocidade entre a natureza e a pessoa, neste caso específico, o amazônico.

Skewes continua a nos revelar o sentido do conceito, que se centra numa compreensão renovada do que seja, de fato, um bem existir, "fundada em uma lógica de convivência que encarna o gosto de viver, que pode ser observado através das músicas, danças, e da **relação com a natureza e os encontros cotidianos**" (SKEWES, 2017, p. 15, grifo nosso).

É a partir desse caminho que o autor propõe, com outros que teceram aqui seus artigos, uma via de resistência, embates, resiliências ao paradigma dominante centrado no capitalismo e suas formas de saber e verdade, seus interesses, contra seu discurso perverso que tentou e tenta instituir uma fé inquestionável ao progresso e à civilidade. Neste cunho, ele ressalta uma metáfora que mostra essa relação de aversão contra o colonialismo atual e/ou as heranças imperialistas solidificadas e que ainda deixam suas amarras, fazendo com que *as veias abertas* sempre sangrem.

Tal metáfora encontra-se na *indegenización del mundo* o que dialoga com as epistemologias Sul e, dentro dessa, os pensamentos amazônicos, num movimento que vem abrir possibilidades para se ecoar os saberes tradicionais, suas vivências e suas vozes, conhecimentos embasados no seu local de fala.

Essa acepção de indigenização do mundo engloba tanto a questão do apagamento e violência contra os grupos indígenas, contra as visões que os instituíram como monstros e uma homogeneização cultural; como também paras os debates de gênero que urgem pela igualdade e um empoderamento cabido a elas (mulheres) e, também, aqui reapropriado, avultamos o certame dos "lugares" que foram desterritorializados pelo colonialismo externo e interno que concebeu à Amazônia um local de isolamento, de penumbra, de desterro, à margem da história.

(Re) inventada por paradigmas dominantes, do olhar do outro, de suas ideologias e interesses, de uma região diferente como construto da fala, de um espaço que foi imaginado e, quando visitado, não foi um espaço vivido e nem visto a partir de uma ontologia, pois carregavam (os europeus viajantes, colonizadores, Euclides da Cunha e tantos outros) marcas impregnadas que desfocavam os entes e

não os traziam à luz de uma análise ontológica geográfica de um ser-e-estar-no-mundo, no caso, o ambiente amazônico e sujeito nele inserido.

É dessa forma, pela discussão teórica, que revelaremos a seguir visões de Amazônia que foram calcificadas pelo outro, em especial, por Euclides da Cunha e de seu prisma que *deram o tom* a outros escritores, e por meio dos *memes*, décadas depois, um modo de enxergá-la como lugar de isolamento, de monstruosidades, inferno verde, etc., para, depois, a partir desse espaço vivido, trazer um embate, uma resistência, através de um bem viver daqueles que foram emudecidos (os indivíduos amazônicos) pela história, geografia e literatura.

De antemão, mais uma vez, é destaque a utilização destes teóricos diversos, em suas similaridades, mesmo tênues, para manter diálogos sobre os interesses, os desejos, ações e práticas que foram instituindo as (re) invenções, num despir-se e vestir-se tanto interior (para embate e desnudamento) como para a manutenção dessas visões calcificadas aceitas pela sociedade nas descontinuidades, que "mantêm" sua essência cruel, dominante, pela maquiagem, camuflagem dos discursos envoltos de uma beleza atraente aos olhos, que não conseguem ir além de sua concretude, encantos de *progresso* e *modernidade* de uma civilização igualitária.

Aos olhos mais aguçados e aos seres-que-estão-no-mundo agindo, ressignificando, subvertendo, (re) criando um *bien vivir* que afronte ao capital, ao paradigma dominante, e, logo, enfrentando-o, porquanto, assim como Stuart Hall (2003) já dizia, mesmo que falando a respeito das mídias (outro instrumento desse enraizamento que serve como manutenção da ordem vigente, do poder), numa teoria da recepção – codificação e decodificação -, mas quê, aqui, cabe a nós como metáfora.

Essa, usada para reafirmar- apesar dos interesses, dos desejos de alienar o outro, a sociedade, de instituir construtos estereotipados à sua população e seu espaço numa forma de homogeneização-, tais edificações nem sempre assim serão aceitas pela sociedade conforme querem, pois, há frestas que irão abrir possibilidades de reação, surgindo a cada momento "fazeres cotidianos" resilientes e subversivos de encontro às visões de Amazônia que a deixaram sempre à margem.

Sem dúvidas, neste capitulo teórico, trouxemos uma *démarche* pelas tensões teóricas que nos foram de suma importância para pensar por que caminho seguir. Ao mesmo tempo, destacou-se a importância dos diálogos entre as várias

disciplinas, a abertura para tais diálogos e a apreensão e importância do método como arte, algo não fechado, mas sempre vívido às perspectivas.

Através dessas múltiplas possibilidades que se apresentaram a nós diante do fenômeno, essa vivacidade perante a pesquisa, decidimos nos debruçar sobre o "objeto" a partir de uma análise discursiva, mostrando a construção do *isolamento* amazônico, e seu desenrolar diante a historicidade e espacialidade amazônica, isto é, os acontecimentos que levaram à sua solidificação, reinvenção para, depois, tendo a fenomenologia heideggeriana e dardeliana como elemento (des) construtor, desnudar essas imagens ou erigir outras.

CAPÍTULO II

BREVES CONTEXTOS E VISÕES DE AMAZÔNIA NOS PRIMEIROS ANOS DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Fonte- A PEBLE, ano I, nº 1, de 09/06/1917, p. 1. Acervo Biblioteca da USP.

A causa afetiva, interesseira; e uma causa
intelectual – a inteira ignorância das nossas
condições e da nossa história social e
política, no passado e no presente. Esta é
uma verdade que se reflete em cada conceito
com que se nos acabrunham.

Manoel Bomfim.

Um contexto maior –o capitalismo- no qual
o Brasil [da Primeira República].se inseria como país periférico,
fornecedor de produtos primários

Boris Fausto.

Dando continuidade à discussão, resolvermos fazer uma análise histórica sobre alguns acontecimentos e o momento que vivia o Brasil; sobre os ideais republicanos e sua clara ligação com o capitalismo, além de suas cobiças, que se inseriam as regiões do país. Causando-as desastrosos empreendimentos e a exclusão e/ou abandono cimentados pela política republicana que ia, cada vez mais, instituindo visões ignominiosas de Amazônia. Além de uma breve apreciação e/ou crítica sobre a questão dos seringueiros na Amazônia e o aprofundamento das margens da desigualdade de gênero, com a exploração da mulher, desconstruindo um discurso de progresso feito pelo Estado.

2.1 Breves contextos históricos: a república e os ideais de progresso

As terras amazônicas, antes esquecidas, passam a ser apreciadas, pois haviam mostrado seu valor econômico aos *homens republicanos* que nada mais são que *economic hominum*, aqueles atraídos pela exploração do “ouro negro”[14]. Prova disso é a disputa pelas *terras não descobertas*, antes sem *valor*, isto é, pelas áreas acreanas, a “questão do Acre” relativo à luta pela anexação de seus solos à Amazônia brasileira contra Bolívia e, posteriormente, aos acordos com o Peru; e a grande renda exportadora que traziam ao país.

Sendo assim, o território antes esquecido, que nem na cartografia aparecia como sendo Federal, à Amazônia acreana, começa a ser motivo de lutas (tanto armadas, quanto diplomáticas) para sua anexação a partir de 1903 e, em seguida, 1909.

[14] Aqui se referimos ao látex extraído da Seringueira que, depois, passando pelo processo de defumação, se transforma em grandes pelas negras de borracha.

Tal motivo para a “reivindicação” dessas *terras inóspitas*, de acordo com Carneiro (2015b) se deveu aos seguintes acontecimentos: 1) Em 1770 o inglês Joseph Priestley descobre que a borracha coagulada servia como apagador; 2) em 1791, outro sujeito de nacionalidade inglesa consegue impermeabilizar tecidos com a aplicação da goma, em seguida dão início a fabricação de botas, luvas e capas usadas no cotidiano e em procedimentos médicos, 3) em 1820, segundo Jackson (2011), abre-se a primeira fábrica do outro branco na Inglaterra, porém, sem dúvidas, o grande *boom* dela se deu entre 1839 e 1843, 4) com o procedimento de vulcanização do norte-americano Charles Goodyer (1800-1860).

Este consistia num “processo termoquímico aplicado à borracha, de modo a deixar sua forma inalterada diante das variações do nível de calor ambiental” (CARNEIRO, 2015b, p. 37), misturando-a com o enxofre e submetendo a graus altos de temperatura, entorno de 100º a 150º graus Celsius. Somando a isso, condizente com Boris Fausto (1985), 5) na segunda metade do século XIX houve a invenção dos pneus de látex, em 1888, por John Boyd Dunlop e com o advento da utilização nas indústrias de bicicleta, motos e carros, ele passa a ser a segunda maior exportação do Brasil, já no início do XX, ficando atrás apenas do café.

Logo, o Acre e o restante da Amazônia dão-se como “centro” das intenções da então recém República, promulgada em 15 de novembro de 1889, ou melhor, as riquezas amazônicas, principalmente o “ouro negro” ou “ouro branco”, como outros escritores gostam de denominar, transcorrem a ser o cerne das atenções da gananciosa nova ordem política brasileira.

É necessário, antes de tudo, entender que os desejos capitalistas no país tinham como sombra a Revolução Industrial inglesa, antes mesmo da instauração da República, porém, continua a partir dela, porquanto, necessitava da goma nacional para suas indústrias, assim como garante Jackson,

> A Inglaterra logo se viu inundada de vários objetos de borracha: rolos, blanquetas de impressão, correias de transmissão, almofadas para mesa de bilhar e instrumentos cirúrgicos. Em 1827, a primeira mangueira de borracha foi usada para apagar um incêndio em Fresh Wharf [...] Em 1835 a fábrica de borracha de Hancock, na Inglaterra, era a maior do mundo. (JACKSON, 2011, p. 34)

Nesse bojo entra outro país interessado, já no Brasil República, para a utilização em suas usinas, os Estados Unidos, principalmente nas fábricas

automobilísticas tanto da *Ford*, fundada em 1901, quanto das motos *Indian* e *Harley Davidson*, estabelecidas, respectivamente, em 1901 e 1903. Logo, percebemos aquilo que Boris Fausto afiançou sobre o contexto da borracha amazônica,

> Para compreensão do significado da borracha na economia brasileira da Primeira República é preciso não isolá-la de **um contexto maior –o capitalismo-** no qual o Brasil se inseria como país periférico, fornecedor de produtos primários. (FAUSTO, 1985, p. 287, grifo nosso)

Sob essa nova égide política e administrativa brasileira destaca-se o espectro que a envolvia e envolveu durante toda a Primeira República (1889-1930) e que reapareceu sempre com uma roupagem sedutora durante as décadas seguintes no país e no mundo, sempre em nome do *progresso* e *desenvolvimento*, o capital. Fausto nos esclarece que é preciso pensar os empreendimentos, as formas de interdição que eram todas erigidas em nome dele, e, dessa forma, os desejos e interesses que se legitimavam com os discursos instituídos.

Para explorar e povoar essas *terras inóspitas* seriam necessários "brasileiros" (termo que se torna aqui ambivalente, pois, são assim para os seringais amazônicos, mas não para os grandes centros urbanos) a extrair o látex que seria importado a esses países, a mão de obra, e "demarcar e defender territórios".

Dessa forma, foram mandados *nordestinos*[15], desde 1879, devido as grandes secas, como esclarece Cunha sobre *os expatriados na própria pátria,*

> Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam sobre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia, de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços da família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido. [...] Os banidos levavam a missão

[15] Quanto à utilização do termo Nordeste ou nordestino, segundo Durval Júnior (2011), passa a figurar a partir da década de 1920, no que ele refere de "Invenção do Nordeste", porque antes tínhamos a divisão entre Norte, a qual englobava as regiões Norte e Nordeste - hoje em dia -; e Sul. Para maior entendimento do assunto, referendamos a leitura do seu livro *A invenção do nordeste e outras artes.*

dolorosíssima e única de desaparecerem[16]... (CUNHA, 2000, p. 150)

Cunha já impregnava à Amazônia e aos *inaptos* da civilização como uma terra onde o indivíduo estava destinado **à morte**, pois aqueles solos, para ele, viraram sinônimo de finamento, porque eram *desconhecidas e despovoadas*, cheias de *perigo e doenças;* e os homens eram *famintos assombrosos, invasores bárbaros que infestavam o Brasil.* Fora esses *esfaimados,* somavam-se outros com os ideais de enriquecer no *Eldorado* do território; afora os desterrados do *Sul* do país, ou seja, os *avessos à civilidade* e os inimigos políticos, desde 1892.

Nessa conjuntura, unia o útil ao agradável, visto que, além de necessitarem mandar os indesejados para fora da "civilização", careciam também de mão de obra para manter as "engrenagens" do capital na extração do látex, além de "cidadãos" na ocupação dessas áreas, para povoá-las e defendê-las.

É importante destacarmos que, na República, entre grande parte dos letrados, alguns prismas europeus eram disseminados e vistos com certo aprecio. Uma dessas opiniões, para elucidar um não desenvolvimento do país, o seu atraso, era a visão de inferioridade da raça, a qual era tomada pela elite republicana e seus simpatizantes como explicação para o retrocesso brasileiro. Ademais os *intelectuais brasileiros*, segundo Eunice Maciel (1999), *estavam no âmago do debate* e logo, deveriam *dar conta* dessa questão, uma vez que, para Mariza Côrrea,

> De certa forma [os intelectuais brasileiros] se separaram da sociedade que viviam ao elegerem a raça como primeiro critério de nacionalidade, num processo que alguém já chamou de esquizofrênico. Esquizofrênico ou paradoxal, o resultado da escolha não dependeu inteiramente do que desejassem os intelectuais: vivendo num contexto social em que a ciência dominante da época definia como incompatível com a 'civilização' e o 'progresso' e tendo que prestar contas ao mesmo tempo à sua condição de cidadãos dessa nação e de membros daquele universo científico, tonava-se difícil se escapar à ambiguidade. (CÔRREA, 1983, p. 26, *apud* MACIEL, 1999, p. 123)

[16] Aqui podemos ver o desapontamento de Euclides com a república recente em *expatriar dentro da própria pátria* e sua incongruência, pois como republicano e, logo, com os ideais de civilização, ele corroborava com as ideias deterministas apoiadas em princípios eugênicos da inferioridade racial dos mestiços – pelo menos, era um simpatizante -. Contudo, ele mesmo se contradiz quando, nesta citação ele continua "[...] E não desapareceram. Ao contrário, em menos de trinta anos, o Estado que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empantanado a estirar-se, sem lindes, para sudoeste, definiu-se de chofre, avantajando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento econômico" (CUNHA, 2000, p. 150-151). Para a surpresa dele quando visitou a Amazônia, o homem do *Norte*, o qual adjetivou como doente e inferior, conseguiram perpetuar-se naquele *deserto, inferno* rumo a um *desenvolvimento econômico.* No outro tópico deste capítulo 3, observaremos novamente essa contradição no autor.

Mais uma vez, é interessante como esses intelectuais estavam envoltos por um paradigma dominante, este discorrido através dos discursos de *civilização* e *progresso* e, depressa, pertencentes aos círculos do *universo científico* e dos seus *contextos sociais*, em destaque, a título de nossas tessituras, Euclides da Cunha. Mesmo que não estivessem de acordo com algumas desses ideais, novamente, mostra-se o poder exercido pela tirania paradigmática que os assombrava.

Tomados pelos estudos ingleses do século XIX, a partir da criação por Francis Galton, primo de Charles Darwin, surge o movimento da eugenia, o qual consistia num "conjunto de ideias e de práticas relativas a um 'melhoramento da raça humana' ou, como foi definida por seus adeptos, ao 'aprimoramento da raça humana pela seleção dos genitores tendo como base o estudo da hereditariedade" (MACIEL, 1999, p. 121), além de Francis, aparece também o conde Arthur de Gobineau (1816-1882) que, de acordo com Maciel (1999), em seu ensaio *Essai sur l'inegalité des races humaines* (Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas), publicado em 1853, admoestou uma visão negativista em relação à mistura de castas.

Esse juízo de eugenia penetra o Brasil nas primeiras décadas do século XX, para tal sucesso era necessário se livrar dos indesejados, dos considerados inferiores e deficientes. Para Maciel (1999), como era um movimento que se justificava na "melhora da raça", depressa se aplicou em sanar dos grandes centros os enfermos mentais e os mestiços, negros, *criminosos*[17].

Afora de se tratar de uma desculpa para reafirmar o porquê do pobre ser como tal, prevalecendo de uma hierarquia social em detrimento de uma racial; o que enfatizada a situação de declínio da nação[18]. Para entendermos essa situação,

---

[17] Para dar um rigor científico à eugenia, os seus adeptos se baseavam no estudo do campo da frenologia que, segundo o Dicionário Educalingo, "é uma teoria que reivindica ser capaz de determinar o caráter, características da personalidade, e grau de criminalidade pela forma da cabeça", isto é, pela fisionomia cranial determinavam quem era apto a desenvolver algum tipo de sociopatia, de criminalidade, além de enfatizar pelas medidas do crânio quem era superior e inferior. Nessa tessitura, atribuíam à mulher e aos negros a inferioridade em relação ao branco. Disponível em https://educalingo.com/pt/dic-pt/frenologia acesso em: 12 de julho de 2019.

[18] É de suma importância destacar, ainda em 1905, os escritos de Manoel Bomfim. Ele foi um brasileiro do século XIX-XX, sergipano, filho de família burguesa, de senhores de engenho, médico de formação, mas que muito labutou no ramo educacional. Em 1905, escreveu um livro intitulado *A América Latina: males de origem* que, segundo Rita de Cássia Marques Lima de Castro (2017, p. 212, grifo nosso), demonstrou que "existiam condições pregressas que faziam a América Latina estar na posição 'inferior' em que se encontrava, destruindo o mito da inferioridade racial que predominava no início dos anos 1900. Essa obra foi fruto de uma provocação inicial feita a Manoel Bomfim por um

trouxemos o momento por qual passava o país e que proporcionou a inserção da eugenia nos debates políticos e administrativos do Estado,

> Entre 1900 a 1940, o Brasil passou por profundas mudanças sociais e políticas provocadas por uma industrialização tardia e 'dependente', pela urbanização e por uma maciça imigração europeia. Em outras partes do mundo, muitas dessas mudanças estiveram associadas à eugenia. No Brasil, no entanto, ela ocorria em um país 'subdesenvolvido', de população em grande parte católica, rural, racialmente mista e analfabeta. Em virtude de seu clima tropical e de sua população 'mestiça', o Brasil representava tudo que os europeus consideravam disgênico. (STEPAN, 2004, p. 334-335)

Ora, como já afirmamos anteriormente, para justificar o atraso brasileiro frente aos países europeus, a eugenia foi feita discurso, já que esse *subdesenvolvimento da população e da economia* estava ligado a uma inferioridade racial por conta do negro e da mestiçagem no país. Dessa forma, ela se inseria de vez no contexto científico e político para um desenvolvimento da República.

Em 1911, segundo Schwarcz (2011, p. 226), *o Brasil participou, oficialmente, do Congresso Universal das Raças, realizado em Londres. E foi financiado pelo governo de Marechal Hermes da Fonseca,* que governou de 1910 a 1914, e esse escolheu para representar o país, o cientista e médico João Baptista Lacerda (1846-1915), *intelectual de renome nacional*.

João Baptista apresentava em suas concepções, o *mal* e o *bem* desse cruzamento de raças, o mal, porque realmente era um dos empecilhos para o desenvolvimento do Brasil, e o bem, porquanto, segundo ele, numa questão evolutiva e com cruzamentos com a raça branca, iríamos ter um branqueamento

---

jornal parisiense, que lhe solicita uma entrevista capaz de esclarecer os problemas gerais que aconteciam na América Latina. Dessa provocação, Bomfim desenvolve um texto que não apenas contesta as ideias vigentes no começo do século XX, mas também apresenta como proposta para eliminação do atraso e dos problemas levantados em sua obra [o qual aponta para a ação parasitária dos países coloniais ibéricos], o desenvolvimento de uma educação capaz de levar à conscientização". Além disso, ele talvez seja o primeiro historiador a criticar os discursos coloniais e desmistificar o retrocesso do povo brasileiro mestiço, o qual atribuía a ação parasitária de Portugal, antes mesmo das obras de Sérgio Buarque de Holanda, o qual fez uma crítica aos males herdados pelos portugueses na questão entre o público e o privado em *Raízes do Brasil* (1936; 2006) e Gilberto Freyre com *Casa grande e Senzala (1933; 2005)*. Freyre, por exemplo, em sua obra é motivo de ambiguidades entre historiadores, pois nela é anulada a questão da violência portuguesa em relação ao negro, no que concerne, segundo Freyre (2005), que foi graças ao patriarcal português, sua hereditariedade e herança política e cultural que a miscigenação teve um caráter bom, que permitiu ao mestiço e ao negro "imitarem os senhores brancos e adotarem-lhe as formas exteriores de superioridade" (FREYRE, 2005, p. 451), isto é, graças aos homens brancos poderiam tê-los como exemplos para ascender socialmente, porquanto, para ele os negros eram incapazes de agir e se erigir socialmente e culturamente.

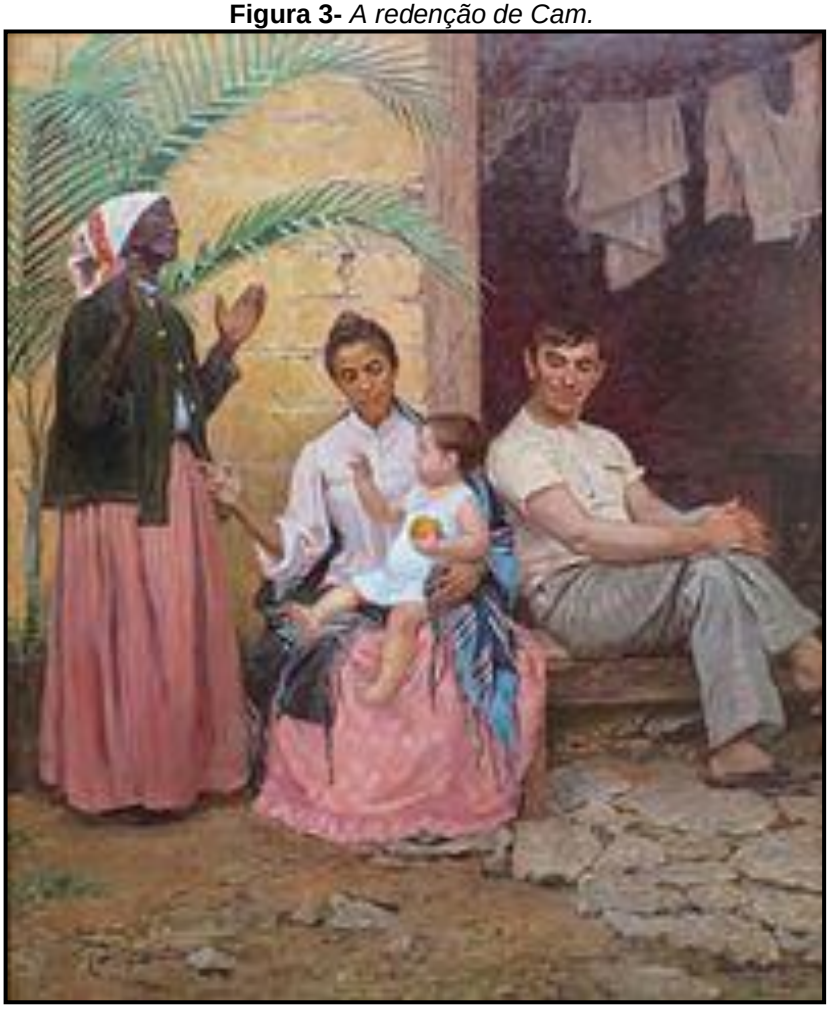
natural, o qual levaria a redenção do país, pois, se não no presente, ao menos no futuro asseguraria à nação “uma identidade positiva, obtida pela contraposição que estabeleceu não só com os outros países da América do Sul, mas também com a América do Norte” (SCHWARCZ, 2001, p. 227).

Assim, neste Congresso, João Baptista apresentou sua concepção a partir da discursividade aludida no quadro do pintor espano-brasileiro, Modesto Brocos y Gómez, de 1895, intitulado, *A rendenção de Cam.* Neste, ele asseverou uma *redenção* da população brasileira que iria passar, bem como descrito no quadro de Brocos, a uma raça branca, civilizada, liberta do *mal*. A pintura, condizente com Schwarcz,

> Trazia uma alusão ao episódio bíblico, quando Noé, ao dividir o território entre seus filhos, dividira também a humanidade em sua sorte. Nesse caso, porém, o processo evolutivo, cientificamente confirmado, ‘redimiria’ a máxima bíblica, que parecia renitente diante das certezas de época. A seleção darwinista levaria, inicialmente, a uma população mestiça, que passaria a branca no porvir, e este seria o destino certo do Brasil. (SCHAWARCZ, 2011, p. 228)

A *rendenção de Cam* apresentava em sua descrição “Le nègre passant au blanc, à la troisième génération, par l’effet du croisement des races”, que quer dizer que “o negro passará a ser branco, através da terceira geração, por efeito do cruzamento de raças”, coadunando com Schwarcz (2011), quando postula *o processo evolutivo, cientificamente confirmado, o qual redimiria a máxima bíblica, que parecia renitente diante das certezas de época, aonde passaria de uma raça mestiça para branca no porvir.* Conforme é evidenciado na figura a seguir, vejamos:

Figura 3- *A redenção de Cam.*



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Modesto_Brocos.
"Le nègre passant au blanc, à la troisième génération, par l'effet du croisement des races".

Numa leitura superficial, através da semiótica, podemos ressalvar essa *evolução* da mistura de raças e a passagem do negro, por meio da *terceira geração*, a branco. A avó da criança agradece aos céus, ao seu deus juntamente com a filha ou nora por seu neto (a) se *transformar* em alvo, e o pai fica com um olhar contemplativo e de orgulho por seu bebê perpetrar uma raça *superior.*

Além de Baptista, com o passar dos anos, outros cientistas de renome compactuaram e disseminaram essa percepção de superioridade branca em relação aos pretos e híbridos. Grande exemplo dessa eugenia foi Renato Kehl (1889-1974), médico, sanitarista, escritor e diretor da indústria farmacêutica Bayer no Brasil.

Kehl corrobora com o prisma de Baptista ao afirmar que, ninguém poderá negar no correr dos anos, desaparecerão "os negros e os índios assim como os produtos resultantes dessa mestiçagem por meio de cruzamentos com a raça superior [branca]" (KEHL, 1929, p. 241). Continuarão progressivamente destinados

ao desaparecimento, acrescenta, “porque a raça branca sendo superior, prevalece sobre a inferior”[19] (KEHL, 1929, p. 241-242).

Dessa maneira, ele formulou, anos depois, especialmente, já ligado as ideias totalitaristas, um “controle qualitativo de imigrantes”[20], “esterilização dos degenerados e criminosos”, um “domínio e uma educação eugênica” (KEHL, 1929, p. 241, 243).

Nesse cenário, há alguns anos, é crucial destacarmos algumas medidas sanitárias ainda na primeira década de 1900, por Oswaldo Cruz (1872-1917), médico, sanitarista e fundador do Instituto Soroterápico Federal, hoje Instituto Oswaldo Cruz.

Ele corroborava com outros juízos importados da Europa, nesse sentido, em especial, da *Belle Époque* francesa, ideias que, aliás, serviram de interlocuções para Kehl e Baptista, indo na mesma acepção eugênica e, logicamente, envolto pelo espírito do paradigma tirânico dominante.

A partir desta época, o Rio de Janeiro, capital Federal, passa a copiar os ideais da *Belle Époque francesa*, que foi um movimento de 1900 a 1920, de acordo com Sevcenko (1998), o qual trazia uma verdadeira transformação social, cultural, política e econômica, principalmente, com as transformações arquitetônicas e “a Exposição Universal de 1889 em Paris lançara um ousado olhar para o futuro, tendo como símbolo a estrutura nua da Torre Eiffel e seu lendário facho de luz” (BLOM, 2015, p.26). Do mesmo modo, o requinte nos modos culturais, na maneira de se vestir – na moda estilística -; nas produções artísticas como a inserção de um processo chamado *Art Nouveau* o qual,

> [Foi] um movimento internacional desenvolvido em países da Europa e nos Estados Unidos entre o final da década de 1880 e a Primeira Guerra

[19] Segundo Dias (2013) “há evidências suficientes para afirmar que Monteiro Lobato era de fato racista [...] foi membro da Sociedade Eugênica da São Paulo e amigo de expoentes da eugenismo no Brasil como os médicos Renato Kehl (1889-1974) e Arthur Neiva (1880-1943)”, além disso, Lobato em correspondência a Kehl disse *“Renato, tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu Choque, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoai a este estropeado amigo. Precisamos lançar, vulgarizar estas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: póda. É como a vinha”* Disponível em: https://www.geledes.org.br/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/ Acesso: 12 de julho de 2019.

[20] Kehl coadunava com a imigração de raças brancas nos moldes Arinos. Ele era contra ou, pelo menos, promulgava uma anti-imigração chinesa e japonesa, tendo afeição para os alemães e outros. É importante destacarmos que, antes das ideias de Kehl, a imigração italiana foi vista com bons olhos para o mesmo empreendimento: um cruzamento de raças com o ideal de branqueamento da população brasileira envolto no ideal de progresso à nação.

> Mundial, com o objetivo de criar uma arte moderna em resposta ao revivalismo histórico exaltado pela era vitoriana, e eliminar as distinções entre as belas artes e as artes aplicadas. (PISSETTI & SOUZA, 2011, p. 18)

Outra questão, ademais da *Art Nouveau*, e de uma aplicabilidade arquitetônica no centro do Rio de Janeiro e demais cidades do Sul e Sudeste do país, como São Paulo, que interessava trazer o processo de higienização – já com certos preceitos eugênicos –. No Rio de Janeiro, a título de exemplo, entra a eliminação dos indesejados: capoeiras, bêbados, prostitutas, do mendigo, dos *desordeiros,* enfim, de todos que iam de encontro ao *progresso* e *civilização* da nação e, logo, contra o paradigma dominante.

Assim, segundo Silva (2003), a partir da chamada Revolta da Vacina (1904) no Rio de Janeiro, os higienistas invadiram e instituíram de forma forçada a "limpeza" dos corpos, onde muitos, os indesejados, os *desordeiros* foram expurgados para *regiões ermas*. Seguindo essa política, em 1910 com a Revolta da Chibata, o número de desterrados cresceu substancialmente para a Amazônia[21], não só a acreana, mas a do Pará, do Amazonas, Roraima e da região que hoje é atualmente Rondônia.

Novos modos de vida se apresentavam aos desterrados que conseguiram chegar à Amazônia, um noviço espaço, ou seja, das suas relações com este, com a sua natureza, traziam modificações ao habituarem-se as terras amazônicas, maneiras de sobrevivência se apresentavam através dessa inclusão, assim como a defesa e a proteção do seu "lugar", de si.

Com certa semelhança à questão dos seringueiros, no que se refere ao envolvimento de lutas armadas contra Bolívia e Peru na tão engrandecida e "heroica" "Revolução Acreana", se envolveram numa luta que não era sua, por uma terra que não era sua, por desejos e interesses econômicos e de manutenção da ordem estabelecida que, também, não eram seus, lutando e/ou trabalhando, de igual modo como alegou Euclides da Cunha em *À margem da história* (1909), "o seringueiro realiza uma tremenda anomalia, é o homem que trabalha para escravizar-se" (CUNHA, 2006, p. 22).

Muitos dos desterrados, homens e mulheres, os indesejados republicanos,

---

[21] Para entender as Revoltas da Vacina (1904) e a Revolta da Chibata (1910), além da questão dos desterros para a Amazônia, indicamos a obra *Acre, a Sibéria Tropical – desterros para as regiões do Acre em 1904 e 1910,* de autoria do professor Dr. Francisco Bento da Silva.

também foram mandados para servir (de inúmeras maneiras que a história oficial não nos conta) à Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas – CLTEMA, do “bravo e retumbante” Marechal Cândido Rondon, feito herói pela narrativa oficial, arraigada de seus interesses.

Daí então, mesmo não obedecendo a um espécime de povoamento e/ou uma lógica de ocupação, conforme Silva (2013) afirmou, será correto omitir e/ou não dizer que estes ajudaram, serviram, em algum momento, para esse empreendimento? Ainda mais quando é oportuno “juntar a fome com a vontade de comer”. O que de mais agradável é “matar dois coelhos com uma cajadada só”?

Assim foram para a República, palavra que conotava esperança, e, que, na verdade, não representou nada mais que maldição para os brasileiros incompatíveis com seus interesses e desejos capitalistas, ao mesmo tempo, em que desterravam os seus inimigos políticos e os “dejetos” humanos atendiam o seu desejo econômico de incorporação do agora Território da Amazônia Ocidental e de suas riquezas.

Diante desses banimentos, dos brasileiros expatriados, observa-se a questão dos construtos que já rondavam esse local, o fantasioso; o exótico; a “Sibéria Tropical”, o inferno, nos jornais e revistas no país.

Para sustentar tais afirmações, basta lançarmos nosso olhar aos desterros, os malqueridos da civilização que a República, de colonizada a colonizadora, impunha aos *desordeiros* dos episódios da Revolta da Vacina (1904) e da Insurreição da Chibata (1910), por exemplo, ambas na capital Rio de Janeiro. Seus envios em navios fretados pelo governo federal para os “confins” do *deserto*. Entretanto, por que a escolha da Amazônia para lugar de desterro dos malquistos?

Após breve apresentação, fica fácil imaginar que tudo isso se deveu, exclusivamente, pelas grandes distâncias, as *paisagens* das terras amazônicas; e, principalmente, pela vontade de *isolar* tudo aquilo que fosse empecilho, as avessas da *civilização* e do *progresso*, além da necessidade de ter “brasileiros” ocupando aquelas regiões em defesa da pátria e serviço dela, ou melhor, ao ofício da astúcia econômica do Estado envolta pela áurea tirânica do capitalismo. Porém, temos noção que, ao atribuir tais afirmativas, se fecham as portas para outras explicações tão cruciais quanto estas.

Albuquerque (*apud* ESTEVES, 2010, p. 27) em nota da apresentação do livro *Do ‘manso’ ao guardião da floresta*, assevera que “toda tomada de decisão política implica em fechar a porta para outras”, pois “escolhem-se as clausuras, certamente,

mas também se escolhem as potencialidades", assim sendo, elegemos se debruçar sobre duas caricaturas da revista *O malho*, do Rio de Janeiro, para delinearmos as visões de Amazônia que se tinham e ainda têm, afora, mostrar as expulsões de outros personagens: o negro, o capoeira, o lira, prostitutas, bêbados, "putas", acordante afiançou Silva (2013). Finalmente, todos controversos para o paradigma dominante, além dos sujeitos do *Norte* - os quais serão "objetos" de nossa análise adiante -, à região.

Aludindo a essas manifestações e/ou produções culturais (as *charges*), não meramente como *técnicas* e/ou *utensílios* humanos desprovidos de sentidos e discursos, mas, aqui, embevecidas por significações, impregnadas pelo olhar do outro, de seus juízos de valores que atribuem percepções, que constroem realidades (re) produzidas no seu espaço e tempo, neste caso, entre os anos 1904 e 1910, a qual vai se delineando no calcificar das efígies pejorativas sobre a terra, representações de um "inferno verde", lugar de desterro, de doenças mortíferas, de um clima desumano, enfim, de *isolamento*.

2.2 Imagens retorcidas: um olhar sobre a Amazônia através das *charges*

Nessa contextura, Roger Chartier nos é invocado para elucidar sobre o significado do termo representação e, ainda, em suas tessituras, nos abre caminho legível e perspicaz coadunando com Paul Claval no que diz respeito aos discursos culturais, ou seja, as alocuções que a produção cultural nos traz, que a permeiam, incidem do seu corpo estático quase imaculado, que a envolvem numa áurea quase mí(s)tica, que ecoam de seu sepulcro ao entrar em contato com o observador num diálogo nem sempre afável.

Assim, para o autor,

> As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe- nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de

> representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17).

O autor nos dá inúmeras pistas, uma delas, está implícita nas relações de poder de um grupo sobre o outro, os seus interesses que trazem justificativas para suas ações, para o seu domínio. Outra acepção esclarecedora que Chartier revela para nossa *démarche* está inserida na enunciação de discursos, que assim como as percepções sociais, *"não são de forma algum neutros"*, emanando logo as vozes que tentam conjurar e menosprezar o outro: tanto a ser, quanto seus lugares.

Ou seja, os indivíduos são tomados pelos discursos de outros, ao constituir como um construtor de uma realidade influencia e é influenciado, modifica e é modificado por estes, instituindo, assim, ao fato um reflexo do pronunciado, de cada conjuntura tempo-espacial, como bem nos exibe Orlandi (2005),

> O sujeito [indivíduo], por sua vez, ao dizer, se significa e significa o próprio mundo. Nessa perspectiva é que consideramos a linguagem prática. Não no sentido de realizar atos, mas, porque pratica sentido, ação simbólica que intervém no real. Pratica, enfim, a significação do mundo. O sentido é história e o sujeito se faz na historicidade em que está inscrito (ORLANDI, 2005, p. 44).

Destarte, descobrimos nas produções culturais, *charges*, produzidas nos jornais e/ou revistas da capital brasileira, do início do século XX, um *além* da técnica humana material com único intuito de provocar o riso em seus leitores, já que encontramos discursos impregnados de poder, críticas, desejos, ideologias, preceitos e preconceitos sobre a Amazônia.

Estes foram instituindo a ela feições cimentadas como efeitos de verdade, uma vez que o autor, não é entendido tão somente como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, "mas como o princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações como foco de sua coerência" (FOUCAULT, 1996, p. 26), isto é, "o novo não está no que é dito, mas no acontecimento em sua volta", seu contexto histórico de fundação, de (re) invenção.

Mais uma vez vale destacar a primazia dada a Euclides da Cunha a esta *(re) invenção da Amazônia*, mesmo que alguns desterros tenham acontecido antes de seus escritos como ele elucidará adiante e os jornais brasileiros já tenham tomado

do assunto. Entretanto, conforme Durval Júnior (2011) afirmou a respeito do estranhamento e um desconhecimento do restante do país, era mais acentuado "entre populações dos estados do Sul, que, em sua maioria, apenas ouviam falar do Norte pela imprensa, sobretudo daquilo que os discursos de seus representantes faziam ver" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 54).

Dessa forma, o alcance e, logo, o reconhecimento de uma imagem, de uma *(re) invenção* de *isolamento* foi trazida por Euclides como *autor*, numa acepção foucaultiana, pela sua importante nacional e internacional, pois fez ecoar seus discursos refundadores com ímpeto por todas as regiões, abarcamento esse que os jornais não tinham na época, como assegurou Durval Júnior (2011).

Nessa lógica, ao analisarmos o discurso produzido em *charges* da revista *O Malho*, precisamos, antes de qualquer coisa, entender qual contexto histórico é esse, quais interesses, desejos e, o que elas são.

Segundo Cagnin, *charge* "[é um] desenho que se refere a fatos acontecidos em que agem pessoas reais, em geral conhecidas, com o propósito de denunciar, criticar e satirizar" (CAGNIN, s/d, s/n), que têm fundamentos nas relações de poder, e, prontamente, de suas feições de lugar. Dominguez agrega outros elementos importantes à definição de charge, que complementam a definição anterior. Para ele:

> [Elas] permitem uma visão de um tempo, as indignações, ameaças, riscos e esperanças desse tempo. Elas não são unívocas ou caminham nas mesmas direções: apontam a existência de fatos, diálogos, estratégias, interesses e lutas em uma dada conjuntura. Se não interferem diretamente sobre os eventos observados e as ações humanas, ao menos comentam esses eventos e ações (DOMINGUEZ, 2012, p. 67).

Percebemos então como essa produção humana carrega muito mais do que aparenta. O cômico ou o jocoso, a crítica e/ou a defesa, contextos temporais e espaciais, suas conjunturas, ela [caricatura] ecoa vozes, permitindo compreender olhares de um tempo e a produção de seus enunciados. É justamente para esses prismas que nos voltamos, visões que ressurgem em cada período, que influenciam numa construção imagética sobre o(s) lugar (es), arquiteturas carregadas de simbologias, de juízos de valores, que estereotipam espectros negativos e permearam e, permeiam, às Amazônias, sobretudo, através das **tessituras euclidianas**, onde terão suas bases cristalizadas e (re)inventivas.

Aqui, é importante retomarmos também Bakhtin, e o papel e/ou discussão

sobre ideologia, para podermos entender o uso dos *signos* numa produção discursiva e sua não desvinculação com o ideológico, e, desse modo, com os interesses da classe no poder,

> [...] Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo o que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia.* (BAKHTIN, 1995, p. 31)

Tal definição é importante para elucidar que a ideologia é produzida pelos signos, pelas imagens inclusive a *artístico-simbólica*, *que refletem e refratam a realidade,* numa acepção bakhtiniana; e, de modo igual, já numa linha foucaultiana, de como os discursos se dão e se legitimam, de como são reapropriados pelos seres sociais que os exteriorizam, materializam para a defesa de seus interesses e desejos e/ou a fim da manutenção do poder.

Tais discursos, segundo Bakhtin (1995), são marcados pelas relações de dominação e resistência, de conflitos, abalizados pela busca de reforçar o mando ou, ainda, conforme afirma Foucault (1996) sobre as interdições que os atingem, as quais "*revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder*" (FOUCAULT, 1996, p. 10) e uma forma de exclusão. Tal horizonte revela-se nas fabricações imagéticas que ecoam falas carregadas de interesses e poderio, assim como podemos ressalvar nas seguintes cartuns produzidos no início do século XX sobre a região amazônica.

Figura 4- *Charge* Cabra Sarado.

Fonte- O MALHO, ano II, nº 20, de 31/01/1903, p. 7. Acervo FBN.

Nessa primeira *charge* retirada da revista *O Malho,* verificamos uma forma de representação do quão é terrível, um castigo sem precedentes ir para o Acre, parte Sul Ocidental da Amazônia, dessa maneira, no diálogo há uma concordância entre os dois homens em preferir "qualquer outra coisa", no caso, *alistar-se no corpo eleitoral do Rio de Janeiro*, do que partir para o recém Território brasileiro.

Importa verificar aqui que, segundo Bakhtin, "o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto" (BAKHTIN, 1995, p. 106). Prontamente, verifica-se que a revista *O Malho* através de suas manchetes e caricaturas, utiliza-se dessa linguagem para mostrar a realidade em conformidade com a visão ideológica de seus redatores e produtores.

Figura 5- *Charge* Limpando águas.

Fonte- O MALHO, ano IX, nº 432, de 24/12/1910, p. 19. Acervo FBN.

Nessa imagem, por exemplo, observamos aquilo que asseverou Bakhtin, onde “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica” (BAKHTIN, 1995, p. 43), onde já estava inserido Euclides e seus enunciados sobre a Amazônia nesta data, e, acrescentando a essa assertiva ou simplesmente completando-a, Foucault (1996) no diz que o discurso é “aquilo que nos toma” e, também, aquilo que conjura poderes, que garante dominação, materialização de ideologias e, dessa forma, o desejo de predomínio, de controle de pessoas para a aceitação daquilo que o detém, assim como a atribuição à Amazônia concebida como um lugar de *isolamento*, *o inferno verde* nas letras euclidianas e de Alberto Rangel.

Nota-se nesta figura que o próprio diabo vem buscar aqueles que são indesejados, *os desordeiros* da República para desterrá-los na Amazônia, em destaque Manaus e Pará, mas claro, eram também enviados para outros territórios amazônicos, como o atual território rondoniense, o Acre, Amapá, etc. A partir desta prática observa-se a ligação estreita com os governantes do Estado, seus desejos, suas vontades e o espírito que os envolvia.

> Suponho que em toda sociedade, a produção no discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominarem seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8- 9)

O autor nos mostra as intervenções dentro do discurso para corroborar com os interesses de quem é por ele usado, onde ele é (re) inventado de acordo com o interesse de cada época, do contexto histórico e social. Uma classe o utiliza para controle de outras,[22] como efeito de verdade, porque, nessa caminhada, outra faceta se demonstra crucial, porquanto, agora, não é apenas aquele que sabe utilizá-lo, mas o que o detém.

Tal assertiva coaduna com as predileções republicanas e, prontamente, com os discursos erigidos por Euclides da Cunha, em *À margem da história* e *Um paraíso perdido,* sobre uma invenção da Amazônia a partir de suas construções discursivas sintetizadas na categoria *isolamento.*

> O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo. (FOUCAULT, 1996, p. 10-11)

Percebemos então, principalmente, no século XX e XXI, que as relações de poder seguem se modificando, que as sociedades de controle vão adequando suas táticas para que o domínio seja hegemônico. Michel Foucault mostrou bem isso nos séculos XVII, XVIII e XIX, porém, quando se fala do XX e, sobretudo, na pós-modernidade e seu devir, ressalvamos que outras estratégias são tomadas para que a manutenção dos interesses seja efetivada, vemos então outras (re) invenções e/ou

---

[22] É válido, para fins epistemológicos, lembrar que Foucault trata do poder difuso, em todas as relações em sociedade, conforme ele mesmo afirma: “Na sociedade há milhares e milhares de relações de poder e, portanto, de relações de forças, e, portanto, de pequenos confrontos, pequenas lutas, por chamar de algum modo. Conquanto, é verdadeiro que essas pequenas relações de poder são muitas vezes regidas, induzidas desde cima pelos grandes poderes do Estado ou as grandes dominações de classe, há que dizer ademais que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem funcionar bem se na base existem essas pequenas relações de poder” (FOUCAULT, 2012, p. 76).

(re) fundações de dizeres, essencialmente, através dos escritos de Euclides da Cunha. Em congruência com o que já certificamos, apesar de serem dialógicos do outrem, passam a serem novos, pois *o contexto histórico assim o faz ser*, o que causa inquietação, como reafirmou Michel Foucault,

> Inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante desta existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob esta atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imaginam; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões através de tantas palavras cujo usa há tanto tempo reduziu as asperidades. (FOUCAULT, 1996, p. 8)

Diante dos discursos produzidos nessa nova sociedade inserida no paradigma dominante, vemos sua existência que, diante as descontinuidades (re) aparece com uma noviça roupagem, mais atrativa, para que corrobore com os interesses de uma classe frente à outra; de um Território perante o outro.

Dessa forma, observamos como as caricaturas do início do século XX, emanaram seus desejos e interesses frente a outro lugar, carregaram efeitos de verdade sobre culturas, etnias e suas particularidades que, não são inferiores aos demais povos e/ou Territórios brasileiros ou mundiais, mas que têm sua importância na produção cultural, científica, social, econômica e política para o Brasil e o mundo.

Entretanto, esses enunciados continuam presentes como uma nuvem cinza que paira por toda a região amazônica e, mais precisamente, à sua parte Ocidental, onde os discursos foram (re) fundados a partir de Euclides e os são evocados, ganhando novas roupagens, a cada momento sem cessar nessa sociedade de comunicação.

2.3 Algumas considerações sobre seringueiros na Amazônia

É importante dentro deste contexto socioespacial e, logo, econômico, envolto por uma tirania paradigmática capitalista, tecer breves considerações sobre homens e, posteriormente, mulheres, que se tornaram seringueiros na Amazônia. Salutar ainda é a referência de Cunha (2000), o qual sintetiza a vida dura e a exploração que essas pessoas oriundas do *Norte* do país, especialmente, do Ceará. Os quais foram submetidos ao contexto sociopolítico e econômico desde os últimos anos do

século XIX e as primeiras décadas XX.

Nesse âmago, é salutar invocarmos novamente as palavras de Euclides, outrora já mencionadas, que, no entanto, nos dá a noção desse primeiro ciclo de migrações para os desertos amazonenses. Segundo ele, foi graças, primeiramente, a situação que assolava a outra parte do *Norte*: a seca e, em decorrência disso, a miséria, além do desejo de eliminar os indesejados do *sertão nordestino.*

> Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam sobre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia, de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota [...] (CUNHA, 2000, p. 150)

Não obstante, a partir de 1900, vale destacar, que algumas regiões do atual Nordeste brasileiro, sobretudo, o Ceará, também queriam se inserir no *progresso e modernização* empenhados pela República brasileira, na mesma conjuntura das ideias da *Belle Époque* francesa.

Corroborando com as palavras de Cunha, *a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil*, passa-se no Ceará, por exemplo, e de onde vinha o maior contingente de migrantes para a Amazônia, a construção de campos de concentração para conter que esses *famintos assombrosos* entrassem na capital Fortaleza e, dessa maneira, apoiavam as migrações para a Amazônia, conforme afirmam Câmara e Câmera (2015),

> Diante do aumento abrupto de uma população de retirantes quatro vezes superior à população de Fortaleza, o caos foi instaurado, marcado por saques ao comércio local, desordens e epidemias, assim como a falta de moralidade insuflava um constrangimento à população provinciana cristã [...] o governo utilizava-se de ações isoladas e pouco efetivas de movimentos sanitaristas e, com “o empenho da Igreja e de membros da sociedade local, buscava a moralização das condutas dos sertanejos que beiravam a irracionalidade animal de impulsos e desejos [...] houve também, por parte do poder público e da iniciativa privada, ações de isolamento” [...] foram amontoados em um espaço bucólico de quinhentos metros, coberto por cajueiros: o centro de concentração do Alagadiço. Assim sendo, a implementação de campos de concentração de refugiados. (CÂMARA E CÂMARA, 2015, p. 174)

Dessa política de isolamento somava-se a de “doar” passagens para se livrar dos *indesejados* do Ceará para irem a outro Estado, além da corroboração, a partir de aliciamentos[23] dos seringalistas, que lá iam à busca de regimento de pessoas para mão de obra na extração do látex, assim como afirmou o senhor José Felipe Nery em seu formulário para o levantamento histórico daqueles que tinham participado na batalha[24] contra a Bolívia pelas terras acreanas.

> Informado por seringalistas que sempre permaneciam naquela terra, muitos deles em busca de saúde em visita a parentes ou mesmo rever a boa terra fazendo turismo, se refazendo das lutas quotidianas**, muitas vezes aliciando nordestinos para o trabalho na extração do látex**, **quando foi influenciado para trabalhar no Acre, onde havia muitas possibilidades para ganhar dinheiro, com possibilidades de retornar a terra natal com algum recurso**, sem ser pesado aos seus familiares, a exemplos de outros conterrâneos que aqui estiveram e voltaram com capital para se estabelecerem no Recife ou no interior de Pernambuco. Empolgado pelos cantos das sereias através de informações colhidas, José Felipe Nery viajou por conta do Coronel Honório Alves das Neves[25].

É notório observar as arquiteturas de um paradigma dominante através de uma elite, daqueles que estavam no poder para levar mão de obra barata para os seringais amazônicos, ou seja, os governantes com ideais da instituição de uma *Belle Époque* nos grandes centros e no aliciamento dos *indesejados,* os avessos do *progresso e civilização*, pela historíola do vigário ou o *conto da sereia* que pregava enriquecimento fácil e melhores condições de vida. Contudo, a realidade foi outra.

Na saga da viagem até os seringais essa narrativa se desmanchava, os agora seringueiros já notavam na pele as infâmias do patrão e do Estado, porque, já nas embarcações sentiam a vida miserável e infernal que seriam submetidos. Segundo entrevista desses regimentados a Esteves (2010), é relatado as condições ordinárias a que eles eram submetidos,

---

[23] Esses aliciamentos eram através de mentiras, de promessas fáceis de enriquecimento, dizendo que na Amazônia era como se fosse uma terra prometida para se fazer dinheiro e depois voltar à localidade natal. Tais promessas, principalmente no Segundo ciclo migratório, ganham propagandas do Governo com tons apelativos, fazendo com que mais *nordestinos* viessem para a Amazônia atrás de enriquecimento, porém, caíam no “conto da sereia” ou na história do vigário.

[24] A partir da Lei Federal nº 380 de 10 de setembro de 1948, poderiam “requerer um pequeno soldo a partir de processos judiciais onde tinham de provar que lutaram nos combates. Essas provas deveriam ser reconhecidas pelo Instituto Histórico de Geográfico do Acre, que elaborava uma ficha histórica comprovando esses dados” (KLEIN, 2018, p. 153).

[25] Ficha histórica de José Felipe Nery de 14/05/1974, fl. 02, grifo nosso.

> Saímos de trem até Campina Grande, na Paraíba; de lá viemos de caminhão até Igatu e, depois de Fortaleza viemos de trem, demoramos muito em Fortaleza. Embarcamos de navio para Belém [...] de Belém para Manaus, viajamos numa gaiola americana (...) Na minha turma, vinha gente de todo jeito. Passamos outra temporada em Manaus; de Manaus viajamos num bem pequeno, o Tufic até a Boca do Acre. Passamos mais outra temporada viajando, acho que, ao todo, uns 90 dias [...] A alimentação não prestava, havia até pau, parecia comida de cachorro (...) Nós ficamos junto com tudo o que ia viajando: boi, burro, cargas, cabras (...) o almoço era o boião, todo mundo metia a colher e comia [...] Na viagem de lá para cá, morreu muita gente, alguns dizem que é malária, eu mesmo já peguei quatro vezes... (ESTEVES, 2010, p. 55)

Somando a isso, os seringueiros já vinham endividados, pois, a viagem não era gratuita, os equipamentos à extração também não. Nada ficava de graça para eles nessa epopeia dramática, e para pagar tinham que trabalhar e aprender cedo a lidar com o corte da seringa[26], e com o novo espaço que os rodeava, apreender a seguir as leis dos patrões.

Nesse contexto, entram homens e mulheres que vieram no denominado Segundo grande ciclo migratório ou da extração do látex, ainda, no período da "Batalha da borracha". Para Nascimento Silva (2000), no momento deste combate da goma, o aliciamento passava direto para a mão do governo, o que acarretou, em 1943, a criação de órgãos destinados para a migração de pessoas às terras amazônicas, como o DNI, SEMTA e CAETA.

> Departamento Nacional de Imigração – DNI tinha como finalidade recrutar e encaminhar trabalhadores para a Amazônia, como também fiscalizar outros órgãos envolvidos na mobilização [...] – Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – SEMTA, depois substituído pela Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia – CAETA, cujo objetivo era de recrutar, encaminhar e colocar trabalhadores nos seringais, transportando-os até Belém. (NASCIMENTO SILVA, 2000, p. 57-58)

Além dessas entidades facilitadoras para a migração destinada à Amazônia, o governo Getúlio Vargas, de forma brilhante, instituiu uma simbologia a esses brasileiros para virem trabalhar como soldados da borracha, conforme asseverou

---

[26] Neste aspecto, segundo Nascimento Silva (2000, p. 70) se destaca a passagem do seringueiro "brabo" aquele que ainda não estava familiarizado com o corte da seringa, quer dizer, a extração do ouro branco, o qual para ser considerado "manso"- o que já está familiarizado – levava cerca de 4 a 5 anos.

Esteves (2010), a representação teve importante papel na construção do imaginário do trabalhador-migrante.

As imagens se confundiam com a história de “João Gabriel de Carvalho e Melo, protagonista da lenda do desbravador, que, depois de enriquecer, voltou para o nordeste confirmando que a Amazônia e o Acre eram, de fato, o novo El dourado” (ESTEVES, 2010, p. 51). Fato este concebido pelos cartazes impregnados por toda parte pelo Estado, que contratou o artista plástico suíço Jean Pierre Chabloz.

Figura 6- Cartazes vinculados pelo Governo Getúlio Vargas.

Fonte: Fotos: Reprodução, divulgação e edição de Imagens: Everaldo Silva *in*: http://desimbloglio.blogspot.com/2012/10/publicidade-e-imagem-idealizada-da.html.

Em suas telas ficam nítidas as intenções e os já citados *contos da sereia*, já que as figuras corroboravam com a ideia de *Eldorado* amazônico, uma *terra de fartura*, além de mexer com o brio de muitos homens para ajudar na guerra como soldados da borracha e, já nos de outros, a vir à região por acharem menos perigoso do que estar no *front* da batalha como pracinhas.

Entretanto, a vida do seringueiro não era diferente daqueles que vieram no primeiro ciclo da extração, era de igual forma miserável; explorados e escravizados pelo patrão. Deviam obediência, não podiam plantar ou criar animais e o único

formato de comercialização tinha que ser direto com o barracão[27] dos seringalistas, que vendiam os itens por um preço exorbitante, assim como afirmou Teixeira a esse respeito, onde era presente “abusivos mecanismos de extorsão e manipulação de preços dos produtos de consumo” (TEIXERA, 2009, p. 55).

Aproveitavam-se da maioria dos empregados que não sabiam ler e escrever para enganá-los nas contas matemáticas, fora os castigos corporais, conforme acrescenta o autor. Dessa forma, fazendo com que o sonho de voltar à terra natal com dinheiro não passasse de um vislumbre, o que em grande parte jamais aconteceu.

Não obstante, as pessoas regimentadas ou aliciadas eram em maioria indivíduos do sexo masculino em detrimento ao feminino, que, segundo Benchimol (1992), ultrapassava mais que o dobro da mão de obra feminal, o que fez surgir práticas de violências de homens contra mulheres indígenas ou não.

Os trabalhadores estiveram nessa via dubla de (des) colonização, visto que, ao mesmo tempo em que ocupavam a Amazônia, descolonizam-na, pelas relações de poder, da violência contra nativas, assim como afiançou Gomes, “essa população de seringueiros era vítima de opressões e explorações perante os seringalistas. Mas, foram, também, coadjuvantes na espoliação da população indígena da região” (GOMES, 2008, p. 91).

Claro, talvez se fundamentem as barbáries dos seringueiros nas ideias da época que o tratavam como raças inferiores, destinadas ao crime, contudo, eles foram vítimas de outra ordem, e toda a violência gerada contra eles e por eles está relacionado à tirania do paradigma dominante, o capitalismo, o que levou a naturalização das condutas nos seringais amazônicos, ou ainda, na invisibilidade destas.

Nessa contextualização, é interessante ver o jogo do poder do paradigma tirânico capitalista. O qual empregava, nessa linha de raciocínio, uma ironia, pois, assim como viam os migrantes como *famintos, desordeiros, raça inferior que infectava a nação*, inculcaram neles a opinião de que os nativos que eram um atraso para o *progresso, civilização* e um empecilho para enriquecerem, ou seja, para os seringueiros vislumbrarem-se com uma visão quase heroica de si mesmos e

[27] Para maior elucidação e entendimento, indicamos a obra da professora doutora Maria das Graças Silva Nascimento Silva, intitulada *O espaço ribeirinho* (2000), onde a escritora se debruça com maior ênfase sobre o regime de trabalho e a espacialização dos seringais.

pintarem os indígenas[28] como barreiras para seus empreendimentos.

> A violência perpetrada pelos bandos extratores ao se projetarem sobre os territórios, habitados pelas comunidades nativas, foi responsável pela sua rápida despopulação e extermínio [...] a insurreição e a reação dos grupos eram punidas com a morte. Os colonizadores também utilizaram métodos como manipulação das rivalidades tribais, contaminação através de doenças, etc. **Paralelamente à violência física, desencadeada em função da expansão extrativista, foram alimentadas atitudes etnocêntricas que consideravam o indígena como ser inferior, primitivo, psíquica, biologicamente e culturalmente aquém [...] esta ideologia dos colonizadores seringalistas foi repassada aos seringueiros, os quais tinham no indígena um inimigo permanente.** (CALIXTO, 1985, p. 18, grifo nosso)

Ora, a herança parasitária colonial, e suas facetas patriarcais, além de sua égide superior, os interesses capitalistas, atraíram os seringueiros que, para esse paradigma, eram vistos de igual forma aos indígenas, fazendo com que os tornassem inimigos e, logo, era preciso eliminá-los. Assim, faziam reproduzir as práticas *imperialistas* do capitalismo nos seringais, pois a

> [...] finalidade da produção no seringal era o lucro para os patrões e seus financiadores, à custa, é claro, da imposição de um regime rígido, às vezes torturante, mas sempre um trabalho alienante, realizado nos arredores da barraca do seringueiro. E para lucrar o máximo que se pudesse, seringalistas e financiadores imediatos (casas aviadoras) foram construindo, na prática do financiamento e comercialização da produção, um verdadeiro sistema que só poderia contribuir para a reprodução do capital. (CALIXTO, 1985, p. 58)

De fato, diante disso, advertimos que a situação do seringueiro foi tão bem resumida por Euclides (2006) quando afirma que era o único que trabalha para escravizar-se, servindo de engrenagem para o lucro dos patrões e sustentação do sistema, sua reprodução. Somado a isso, a situação do migrante agrava-se diante da solidão, dos perigos, das doenças, das lutas e resistências que tinha que

[28] Como prática de violência feita contra os indígenas se destacam as *Correrias* que, segundo Piccoli (1993, p. 482-483) **"**representam materializações históricas resultantes de um conjunto de relações assimétricas de natureza econômica, social, cultural e ideológica, próprias do período e das regiões do extrativismo gumífero, envolvendo as frentes de expansão e ocupação das diferentes sociedades nacionais [...] coordenadas pelo capital monopolista internacional e pelo capital mercantil e dezenas de sociedades tribais [...] De um lado, representam uma tipologia de relações marcadas pelo extermínio, genocídio, redução, escravização, expropriação, assimilação e integração das populações indígenas. De outro lado, supõem relações de resistência e luta, oferecidas pelos grupos nativos ao projeto de ocupação extrativista". Destarte, vale destacar que, os seringalistas também aprenderam a "domesticar" o indígena para inserir nessa escravidão, a extração do látex.

enfrentar, como os novos inimigos da nação, os quais tinha que eliminar.

A falta de sua família e de mulheres nos seringais fez com que praticassem violências contra o sexo oposto, indígenas e não nativas, numa espécie de procedimento que foi denominada de “roubo”, além, dos estupros. Todavia, era uma técnica da herança patriarcal, violenta e bárbara, a qual o seringueiro agora estava imerso nas terras amazônicas (conforme veremos adiante).

Além do mais, vale destacar a imoralidade que era imposta aos trabalhadores, um desvirtuamento de seus modos de vida, uma vez que, para saciar-se sexualmente, por falta de companheiras, o seringueiro prestava-se a perpetrar sexo com animais, a zooerastia (TOCANTINS, 2001) e, também, relações homossexuais.

Nossa intenção aqui, vale ressaltar, não é demonizar o seringueiro, mas mostrar os dois lados da moeda, as práticas que foram tomados a fazer por esse paradigma dominante, o que não devemos achar natural e nem cultural, contudo, a historiografia deixou de destacar que muitos desses acontecimentos tinham um legado patriarcalista e que os migrantes foram vítimas também.

De igual modo, eles acometeram outros/as vítimas nessa conjuntura tirânica social, a qual trouxemos em breve contextualização, sem a intenção de aprofundar-se, mas, igualmente, sem o escopo de silenciar o seu viver nos seringais amazônicos envoltos desse espírito capitalista; assim como às mulheres, porquanto, o intento aqui é apresentar breves visões do contexto socioespacial a fim de entendê-lo, de visualizá-lo para melhor compreensão dessas tessituras na (re) invenção da Amazônia.

2.4 A mulher ainda à margem diante dos empreendimentos republicanos de progresso?

É inevitável pairarmos numa discussão salutar em que Perrot (1998) nos dá a pista *à história sempre concebida como somente a dos homens*, que vai mostrando as contradições dos empreendimentos republicanos do Brasil, pois, onde se pretendia trazer *ordem*, *progresso* e, dessa maneira, uma *civilização* para a nova forma política e administrativa brasileira, recaiu em tradições da antiguidade e arrolamentos patriarcais e arcaicas que ordenaram uma divisão pautada no preconceito e numa inserção discursiva de superioridade do homem sobre a mulher.

Uma visão dual que permeou as relações sociais seja no privado quanto no público, no campo, no político, no científico, no econômico, etc.

Não se prometera tal igualdade, mas era de ansiar, de fazer parte de uma esperança almejada diante das transformações e promessas que a sociedade brasileira passava. A título de regra, era um sonho remoto o fim da escravidão no Brasil, que ocorre em 1888, assim como a equidade para a população brasileira com o advento da República, no entanto, sabemos que não passaram de vislumbres no campo da idealização, uma vez que a situação do antigo escravo continuara de mal a pior; os pobres, analfabetos e mulheres prosseguiam excluídos.

Talvez os mesmos almejos que se pensaram na criação da democracia na Grécia Antiga, atribuída a Clístenes por volta do ano 510 a.C., que, todavia, era tão contraditória quanto a República e seu espírito capitalista, porquanto era excludente e não honrava o nome de um "governo do/para povo".

Para Perrot (1998*),* a polis grega, primeiro modelo da democracia, excluía-as radicalmente. Quando recorremos à antiguidade, observamos que, desde esta época, foi estabelecido, segundo a autora, o lugar das/para as mulheres. Destacamos aqui essa "origem" para traçarmos uma análise que veio se enraizando ao longo das descontinuidades históricas e de suas relações espaciais. Para ela,

> O lugar da mulher no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo Ocidental, o qual, desde a Grécia Antiga, pensa mais energeticamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. 'Uma mulher em público está sempre deslocada' [...] A mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe e dona de casa, esta é sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira. (PERROT, 1998, p. 7-9)

Perrot continua seu sobrevoo sobre as representações e as exclusões das mulheres na Idade Média e no mundo contemporâneo, presentes na vida social e política, as quais perpetuaram tais práticas que foram dotadas de "simplesmente culturais" – e, por serem assim, ganharam certo caráter passivo de crítica - pela historiografia e a geografia, há séculos. Para a autora,

> O militar, o religioso, o político, como ordens da Idade Média, constituem três santuários que fogem às mulheres. Núcleos de poder, os centros de decisão, real ou ilusória, ao mesmo tempo em que são símbolos da diferença de sexos. Na França, em 1789, afirmou-se ainda mais a exclusão

> das mulheres [...] o acesso das mulheres ao poder político sempre e em toda parte foi difícil. A cidade grega primeiro modelo da democracia excluía-as radicalmente. No mundo contemporâneo, a parte das mulheres nas instâncias representativas está longe de ser igual. (PERROT, 1998, p. 117-118)

Alicerçadas nas temporalidades e espacialidades, as mulheres foram sempre invisibilizadas, destituídas de uma igualdade de "gênero"[29] nas relações sociais, quando essas tinham oportunidades de trânsito pelos espaços restritos a homens. E por essa época foram, sem dúvida, se perpetuando tais práticas abusivas, violentas.

No Brasil República não foi diferente, ela foi ceifada desses "espaços" exclusivos dos machos, e nem a busca de uma identidade nacional pautada no discurso "moderno" de uma guinada política rumo ao *progresso* e uma *civilização* aos moldes dos grandes centros mundiais (principalmente na industrialização e modernização inglesa e norte-americana; e nos requintes dos "bons" modos, da beleza arquitetônica e das vestes - moda - francesas).

As mulheres que não se enquadravam nesses moldes "civilizados", as que, segundo Perrot (1998), representavam uma *ideia de desordem, de selvageria* eram vistas como ameaças. Percebe-se a interlocução efervescente com Michel Foucault em *História da sexualidade* (1988), para quem a esfera de controle passa a normalizar a efeito de saber e de poder o corpo a partir do sexo. Nesse diálogo vívido, tendo Foucault como interlocutor, Michelle acrescenta:

> O corpo das mulheres, seu sexo, esse poço sem fundo, apavora. E, deste

[29] Antes de tudo é notório esclarecer a termologia gênero. Aqui, usada numa acepção gramatical, que distinguia indivíduos de sexos diferentes, criando uma visão binária, conforme elucida a doutora em psicologia Maria de Fátima Araújo (2005), para reafirmar o poder do homem perante a mulher. Para uma justificação do uso de "gênero" nesta denotação, acrescentamos que nossa análise temporal permite tal emprego, pois, se assim não fizéssemos, estaríamos caindo em anacronismo. Por isso, como distinção, utilizaremos a sua grafia com inicial minúscula e entre aspas. Uma vez que, a partir dos anos 1970-80, esta terminologia conota outro significado, pois, segundo Scott (1995), o termo gênero "torna-se, antes uma maneira de indicar 'construções culturais' – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais [...]" (SCOTT, 1995, p. 75). Dessa forma, segundo Nascimento Silva e Silva (2014, p. 228), "Gênero vai implicar na análise temporal e espacial na configuração das relações sociais, evolvendo uma perspectiva relacional. De tal maneira: A concepção da construção social que transforma fêmeas e machos humanos em homens e mulheres considera o gênero masculino ou feminino como papel desempenhado socialmente. Desse modo, o conceito de gênero negou a construção universal das diferenças sexuais e implicou a análise temporal e espacial na configuração das relações sociais, envolvendo uma perspectiva relacional". Ou seja, passa a ser um elemento constitutivo socialmente disseminado nas relações sociais que, dessa maneira, superam essa visão binária de uma divisão de sexos diferentes e vem ao embate contra as desigualdades e exclusões com o intuito de romper as barreiras segregacionais que imputaram as mulheres de seu papel igualitário e crucial no convívio social, político, econômico, etc.

> ponto de vista, as ciências naturais e biológicas, em pleno florescimento a partir do século XVIII, nada resolvem. Ancoram um pouco mais a feminilidade no sexo e as mulheres em seus corpos, escrutados pelos médicos. Estes as descrevem como doentes perpétuas, histéricas à beira da loucura [...] Elas inquietam os organizadores da cidade, que vêem (sic) nas multidões, onde elas estão presentes, o supremo perigo. (PERROT, 1998, p. 7-9)

Assim as interdições e as exclusões do espaço político e o desterro daquelas que eram um perigo à civilização idealizada pela República foram consentidas. Logo, a administração política brasileira admoestava o porquê de sua exclusão, da expropriação dos espaços próprios tirando o peso contraditório e negativo que vinha de encontro aos seus anseios, mascarando, assim, a herança patriarcal excludente à sombra de um paradigma dominante.

As "putas", bêbadas, lésbicas, rebeldes[30], negras, pobres e as amantes de homens de "índole" indubitáveis eram advertes, precisavam ser interditadas dos espaços públicos onde ameaçavam a figura desses "irrefragáveis" senhores, a imagem do espaço urbano, do centro da cidade, que passava por uma remodelação no viés da *Belle Époque* francesa. Muitas delas foram feitas cativas, deslocadas para os subúrbios, os morros, para a Amazônia, longe da "gente civilizada".

Sobre esta questão, Silva (2013) faz menções ao feminino que foram desterradas do Rio de Janeiro a caminho da Amazônia, na primeira década de 1900, muitas para a Amazônia acreana, outras para Belém e Manaus para servirem aos anseios capitalistas onde a mulher virava produto, e outras eram destinadas à Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas – CLTEMTA.

Conhecida mais como Comissão Rondon, essas serviam de cozinheiras e, por mais que tenhamos um hiato; e enaltecimento do Marechal Cândido Rondon

---

[30] Mary Del Priore, em seu livro publicado em 1997, intitulado *História das mulheres no Brasil*, traz uma discussão da importância do estudo do Gênero feminino, além de mostrar esse cotidiano com melhor propriedade e as discussões aqui propostas neste importante tópico, elucidando mais sobre a questão e nos servindo de pontes sólidas, através do dialogismo, para uma compreensão dos nossos direcionamentos e análises sobre contextos históricos definidos. Segundo ela, "além de estudar o cotidiano das mulheres, e as práticas feministas nele envolvidas, os documentos nos permitem aceder às representações que se fizeram, noutros tempos, sobre as mulheres. Quais seriam aquelas a inspirar ideais e sonhos? As castas, as fiéis, as obedientes, as boas esposas e mães. Mas quem foram aquelas odiadas? As feiticeiras, as lésbicas, as rebeldes, as anarquistas, as prostitutas, as loucas [...] As histórias aqui contadas refletem as mais variadas realidades [...]" (DEL PRIORE, 1997, p. 8). Logo, essas histórias precisam ser escavacadas, trazidas do "mundo dos mortos", lugar este, dado pelas ciências durante séculos. É importante destacar que, hoje em dia, há um esforço e crescimento de estudos que, vêm tomando grande espaço no cenário científico graças às pesquisadoras inseridas e compromissadas em visibilizar essas histórias de/sobre o feminino.

como herói, muitas mulheres também convinham para alacridade e gozo dos homens que necessitavam *aliviar-se de seu estresse em regiões infestadas de doenças tropicais, animais selvagens: tanto onças como os índios*. Elas eram usadas para esses fins, e por tal, foram apagadas da historiografia em nome de uma classe dominante e sua fabricação de *heróis* nacionais.

Segundo Souza (2010), a historiografia amazônica, em destaque para a Amazônia Sul Ocidental, renegou escritos sobre o feminino, deixou à margem da história, reduzida a um capítulo em Samuel Benchimol que, segundo ele, foi um dos raros que "dedicou parte de suas pesquisas a reflexões sobre mulheres, a partir da década de 1940, [...] em um capítulo intitulado 'A mulher e a família do imigrante" (SOUZA, 2010, p. 54) fazendo alusão às migrantes que vieram junto aos seus esposos para a "Batalha da borracha". Nessa linha, o autor destaca também a dissertação de Cleusa Rancy, *Raízes do Acre* (1986) (sic), que "demonstra a preocupação de incluir as mulheres como elemento formador da sociedade acriana" (SOUZA, 2010, p. 54).

Contudo, como Souza (2010, p. 55) reafirma, "deixaram-se levar por outras questões sobre a região e fizeram tão somente no âmbito familiar", o que ele também o fez, porém, é notório destacarmos o empreendimento dele (2010), onde uma historiografia oculta à participação delas em diversos espaços que seriam apenas de homens; mostrando a mulher amazônica não só na lida de casa: no plantio, na educação aos filhos, na companhia de seus esposos, no corte da seringa, tomando a frente quando seus cônjuges faleciam, ou no período da dita "Revolução Acreana", as quais avocaram o lugar dos seringueiros na lida da extração do ouro negro.

Além dessa ocultação, quando inseridos nesse tema, percebe-se apenas menção, sem problematizá-lo, sem apreender as amarras que um sistema histórico patriarcal, uma herança colonial, também pouco criticada e por muitos, enaltecida, tanto por historiadores quanto por literatos, deixaram de mencionar esse germe trazido por Espanha e Portugal e reproduzido pelo Brasil republicano.

A geógrafa Joceli Maria Silva, *exempli gratia*, também enfatiza esse "esquecimento" ou silenciamento nos estudos da Geografia, segundo ela, temos seguido a importante "lição deixada por Michel Foucault (1988): é necessário prestar atenção às ausências e aos silêncios porque eles protegem a força e o poder do discurso hegemônico" (SILVA, NABOZNY e ORNAT, 2010, p. 25), logo, "essas

questões não estão colocadas como uma preocupação da comunidade geográfica brasileira, principalmente até meados dos anos 1970", acrescenta.

Nessa conjuntura, podemos dizer que, Sérgio Buarque de Holanda (2006), abre uma das primeiras frestas para mostrar os malefícios desse legado colonial, porém, não numa discussão voltada e aprofundada às mulheres, todavia, é um dos principais historiadores que exibe as marcas negativas deixadas por essa herança maldita, pois, para ele, em seu livro *Raízes do Brasil* (1936; 2006), houve uma construção de um panorama histórico, no qual nada mais é do que fruto de nossa narrativa, que vem da conquista portuguesa, de uma estrutura política, econômica e social completamente instável de **famílias patriarcais** e **escravagistas** (HOLANDA, 2006).

E são desses espólios que foram estabelecidas as relações das desigualdades entre o macho e a fêmea, porquanto, "a dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original (sujeição da mulher)" (SAFFIOTI, 2015, p. 16), fincado sob as égides patriarcais e reproduzidas pela República, no que figura à violência contra o feminino, a divisão dos espaços, a inferioridade biológica, sempre vista, tão somente, para a procriação.

Com a utilização de Aparelhos Ideológicos de Estado: como **a igreja** - e o enunciado bíblico trazido isoladamente e literalmente, onde "mulheres devem ser submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois ele é o chefe dela" (Efésios 5: 22-23)[31]; como a **escola** – e os discursos de superioridade do masculino, fertilizados pelos preceitos patriarcais à educação, numa visão althusseriana[32], e outros micropoderes (numa visão foucaultiana), reafirmavam os desejos desta sociedade do patriarcado.

Dizeres tecidos nos arrolamentos sociais que foram criando uma visão do

---

[31] Bíblia *online* disponível em https://www.bibliaonline.com.br/vc/ef/5/21-33, acesso no dia 2 de julho de 2019. É recorrente explicarmos que essa visão foi pregada no literal sem a exegese da palavra. Nos ensinamentos cristãos — em igrejas que realmente tem o intuito no estudo da palavra e na sua praticidade — é pregado que essa "submissão" da esposa remonta a uma missão diferente, sem que uma se sobressaía sobre a outra, ou seja, duas missões de igual importância e igualdade que se complementam. Além disso, a estes versículos são acrescentados outros que remontam o respeito e o amor que o esposo deve ter para com a esposa. Assim seguem em Efésios 5.25 e 28 "maridos, amem suas mulheres, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se a si mesmo por ela" e "da mesma forma, os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo!".

[32] Ver ALTHUSSER, Louis, **Aparelhos Ideológicos de Estado.** 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

“lugar” do feminino, esta submissa ao esposo e tendo que cuidar do lar e filhos, provocando uma visão binária, já que, segundo Nascimento Silva & Silva (2014), o Modo de Produção Capitalista vai gerar essa contradição e a mulher vai sendo essa “mola” necessária para essa engrenagem, ela vai “servir” a esse trabalhado/mão de obra, para que ele tenha as condições indispensáveis de produção. Ou seja, a responsabilidade de cuidar é dela, por essa ótica capitalística e pela visão dual da ciência.

Através dessas acepções, logo, se torna relevante fazer uma breve análise sobre a vida das mulheres nos seringais amazônicos e/ou, pelo menos, na desocultação e (des) silenciamento no que tange a elas inclusas no paradigma dominante, regente das relações sociais e econômicas pela produção da borracha. Dessa maneira, não as inscrevia na história e silenciava a violência, a exploração contra elas, porque, de tal modo, *protege a força e o poder do discurso hegemônico* – o capitalista.

Dentro desse padrão dominante, nas primeiras duas décadas da Primeira República brasileira (1889-1930), percebemos o que Bomfim (2008) trouxe de inovador, pois causou uma dura e salutar crítica aos discursos coloniais ao fazer uma analogia a organismos parasitários que deixaram uma influência de violência, de atraso, de exploração aos hospedeiros, no caso, os países latino-americanos.

Eles sofreram e ainda sofrem desse legado sacripanta europeu que está enraizada no enunciado republicano, o qual chama de “escravos passivos da tradição e da rotina” (BOMFIM, 2008, p.116) e que o “dente de ixode” – resíduo deixado pelo parasita – ainda é um resquício presente nas sociedades latino-americanas.

É por essa metáfora, que notabilizamos a vida das mulheres na Amazônia, as quais foram silenciadas da história brasileira por mais de setenta anos, e continuaram a serem ocultadas, emudecidas, abrindo um hiato em na narrativa do país.

Num “desemudecimento” dessa história, observamos que na região, especialmente, no período das primeiras migrações nordestinas e no *boom* da borracha, as mulheres[33] passaram a conviver neste espaço, todavia, ainda

[33] Nossa breve análise é sobre as migrantes oriundas do *Norte* do Brasil, das desterradas, por isso, atentamos mais sobre elas, entretanto, é notório que já haviam outras, importantíssimas e essenciais para os modos de vida, as relações sociais, culturais e ‘políticas’ que se tinham antes da (des)

violentadas, sem direitos, exploradas.

Nos primeiros anos da (des) colonização nordestina para os seringais amazônicos, de 1877 a 1910, poucas foram as que vieram para a Amazônia seguir seus companheiros, visto que se tinha a ideia de trabalhar e enriquecer logo para retornar à terra natal e dar melhores condições às suas famílias. Além disso, o governo brasileiro preferiu recrutar apenas os homens, pois, com mentalidade patriarcal, atinavam fragilidade às mulheres e, por isso, não atendiam as expectativas de uma grande produção gomífera. Destarte, um enorme contingente de homens migrou sem suas companheiras.

Ao chegarem nos seringais e perceberem logo de cara o ludibrio dos discursos do governo e dos seringalistas, dentro do Sistema de Aviamento, que regia a vida nessa localidade, os trabalhadores e suas famílias, enganados e endividados pela viagem, pelos materiais à extração e a alimentação, passaram a trabalhar para escravizar-se, como asseverou Euclides da Cunha (2006). E, a cada dia, compreendiam que a volta ao lar não acertava de um sonho distante, praticamente impossível.

Com o passar do tempo, os homens recaíam aos impulsos biológicos e, ao mesmo tempo, aos acometimentos animalescos de sua natureza e de sua cultura patriarcal. A partir de então, a mulher passa a ser desejo de compra, muitas vezes pedidas aos patrões, como afirma Reis (1953),

> E a presença de mulher nos seringais, no sistema de exploração sem freios que envolvia todo o negócio da produção da borracha, passou a constituir mais uma página do sistema. Os seringueiros, no seu infortúnio, encomendavam aos patrões e, estes às casas aviadoras, mulheres, como encomendavam gêneros alimentícios, utensílios, roupas, etc. Verdadeiras mercadorias, elas entravam nas contas, escrituradas pelos guarda-livros como quaisquer outros objetos de uso diário. (REIS, 1953, p. 123)

Nesse momento, outra vez, o feminino começa a ser um presente neste espaço, passam a serem tomadas e tornadas mercadorias, passivas de roubo, de

---

colonização amazônica, as indígenas. Não queremos ocultá-las, mas como ao se fazer uma escolha, acabamos fechando a porta para outras análises, focamos mais nestas outras mulheres que, apesar de invisíveis na história, era sabido de sua existência – mesmo não dando a notabilidade devida a elas – ao contrário das nativas, que além de emudecidas pela história, não existiam para a República brasileira, não tinham um pertencionismo à pátria. Nota-se isso, por exemplo, nos escritos euclidianos, que, em nenhum momento, destacam os indígenas como um povo, como uma etnia pertencente ao Brasil; somente como selvagens.

estupros, de violência doméstica, assim como afiançou Gomes, “a falta de mulheres nos seringais fez da índia um valorizado *artigo.* Capturadas e vendidas ou tomadas como esposas, foram vítimas de imensa violência” (GOMES, 2008, p. 91), além, é claro, das próprias *nordestinas*.

As mulheres se faziam presentes, porém, dessa herança patriarcal, eram exploradas e violentadas, seus direitos eram retirados e se transformavam em artigos. Poucas as que vieram com seus esposos, que constituíram famílias. Todavia, os ajudavam no corte, na educação dos filhos e no roçado.

Outrossim, essas estavam passivas de assalto, de violência, pois pela falta dessa “matéria-prima”, houve nos seringais a prática dos “roubos”, tanto de esposas quanto de filhas do seringueiro. Estas eram defloradas, tiradas do seio do seu lar. Claro, é de destacar que havia mulheres que consentiam à partida de sua habitação, porém, aí, não era um assalto, era a fuga, a resistência contra a bestialidade de seus esposos, pelos seus sentimentos amorosos pelo outro, contra a vivência degradante e aspirações de uma vida melhor, ou ainda, com ideais de voltar à sua terra natal e procurar condições de existência favoráveis, independente de homens.

Na assertiva de Gomes (2008), é destaque ainda outra violência, agora étnica, porque os seringueiros raptavam violentamente as indígenas, as tirando de vossa cultura, de seus laços afetivos para um mundo diferente do seu, apesar de ocupar o mesmo espaço, um local onde a lógica é avessa a sua.

Nessas conjunturas, as mulheres vistas como objetos se transformaram mais ainda, nessa lógica paradigmática dominante, uma mercadoria e espécie de incentivo para a maior produção da goma: tanto como prêmio para os que produzem muito, quanto para fixar o seringueiro ao seu ofício, fazendo-o não perder tempo a procura de saciar seus desejos carnais.

Nascimento (1998) fiança o escopo do seringalista em “fazer com que o seringueiro não perdesse tempo no trato doméstico ou na procura de mulheres em lugares distantes, tendo o mesmo que dedicar-se ao corte da seringa, dando conta da produção” (NASCIMENTO, 1998, p. 3).

Harmoniza-se a esta visão, a *charge* produzida pela Revista O Malho de 1904, sucinta um diálogo entre duas senhoras sobre a questão de enviarem mais mulheres para os seringais, demonstrando a sua importância, porém, reduzindo-nas a meras mercancias para que os seringueiros produzissem mais, além de sustentar a vida boemia da *Belle Époque* de Manaus e Belém, os bordeis com luxuosas

fêmeas de todas as partes do mundo para satisfazer o gozo da elite da borracha. Assim como destaca a conversação da caricatura*:*

Figura 7- *Charge* Formação do Mundo Novo.

Fonte- O MALHO, ano III, nº 117, de 10/12/1904, p. 18. Acervo FBN.

> - Não basta ir os homens?
> -Não, minha filha, não basta.
> Aquillo é um Novo Paraíso: Já está cheio de Adões ...
> **Só faltam as Evas ... Se ellas não forem – babão –**
> **Lá se vai o mundo da borracha por água abaixo...** (O MALHO, 1904, p. 18, grifo nosso)

Seguiram décadas dos séculos XIX e XX, onde continuavam a serem exploradas, violentadas e deixadas à margem da história, entretanto, as mulheres também aprenderam a praticar *fazeres cotidianos*, resistências e, destarte, foram,

durante os anos, ganhando direitos e inclusão ao espaço antes masculinizado.

Carlos Alberto Alves de Souza, por exemplo, em suas entrevistas, traz bem essa denotação enfatizada pelas vozes daquelas que viveram o momento, para, depois, "fazer uma 'outra história', versão que tenha gênese diferenciada do conjunto estabelecido oficialmente" (MEIHY e HOLANDA, 2018, p. 26), quer dizer, trazer uma (des) construção desse hiato estabelecido pela sociedade, num "fazer-se" história oficial arraigada nos desejos dominantes de um paradigma predominador. Souza (2010)[34], nos reafirma e elucida por meio do ecoar das vozes femininas:

> No tempo que eu era solteira, eu gostava muito de cortar seringa ao lado do pai, caçar mais minha mãe. Nós caçava bastante. Desde a idade de 8 anos que nós caçava. Matava anta, porquinho, veado. E, depois que me casei, eu gosto de trabalhar na mata, na roça. Sempre que tenho uma folguinha, que tem gente que cuida do meu casal de meninos, eu vou pra mata mais ele pra colher. (ENTREVISTA com SANTOS, Marina Lopes dos. Brasiléia- AC, 1993. *In* SOUZA, 2010, p.81)

> A mulher corta seringa, ela trabalha na roça, ela cuida das crianças, ela cuida da do estudo dos filhos, da saúde dos filhos. Eu acredito que a mulher trabalha mais que o homem. O homem corta a seringa dele, chega e fala 'tô cansado, vou dormir'. Já a mulher não vai dormir, vai trabalhar. (ENTREVISTA com NEVES, Jacira Firmino. Guajará Mirim- RO, 1998. *In* SOUZA, 2010, p.87)

O feminino, apesar das dificuldades que se apresentava nos seringais, era sinônimo de vivacidade, de trabalho, de participação, haja vista, como é elucidado em sua fala, "na floresta, homens, **mulheres**, e crianças teciam suas vidas. É lugar onde trabalham, produzem, divertem-se, casam-se, lutam, **resistem**, constituem família" (SOUZA, 2010, p. 71, grifo nosso).

---

[34] É importante destacar o trabalho empreendido por Souza (2010), pois traz um "livro de mulheres", ou seja, sobre elas. Ele empreende um trajeto historiográfico inserindo-as e visibilizando-as, uma vez que, por décadas, já no século XX, não se tinha empreendido tal *démarche*. Souza permite que elas ecoem suas vozes, destaca momentos importantes e, ainda mais, nos mostra a sua inserção na narrativa, a espaços antes de homens, como no corte da seringa, no lazer, nos *empates* (na luta contra a exploração da terra). Contudo, apesar de mostrar algumas resistências dessas no fazer cotidiano, Souza parece relativizar seu discurso quando fala dos "roubos". Demonstra como se fosse algo aceitável e até justificável por ser cultural, isto é, que o costume permitia tais desmandos e violências sem que se fosse analisado, tendo um pano de fundo capitalista e, ainda mais, da herança parasitária patriarcal desses "pensadores" da civilização e do progresso. Logo, não se pode taxar como normal um legado excludente e práticas de violência contra as mulheres, além de negligenciar ou justificar tais barbáries com normalidade. É preciso mostrar todo expurgo às mulheres que foram disseminados pela "casta e doce" República brasileira, desde a 1.ª República, à sombra dos ideais selvagens de um sistema capital predatório.

Comprovavam sua participação ativa nas relações com o social e a natureza, ou seja, passaram a se defender, a reagir, a fugir, a cortar seringa, e a se organizar em defesa de seus direitos e, sobretudo, em defesa das florestas, dirigindo sindicatos, ganhando, deveras, seu lugar ao sol, recinto de direito.

Portanto, ainda nessa conjectura, foi crescendo tessituras no campo da ciência que começaram a visibilizá-las como agentes sociais, políticas e culturais indispensáveis para o existencialismo humano em sociedades. Um existir em harmonia com seu mundo circundante, tecendo afetividades e se autorrealizando, mostrando sua felicidade nos fazeres diários, fazendo surgir diante de nós às primeiras pistas, os primeiros passos rumo a um bem viver.

Dessa maneira, há um desnudamento de *isolamento* amazônico às avessas do “desenvolvimento” e da civilização apregoada pelos governantes. Assim como observado na fala da dona Marina Lopes. *“Eu gostava muito de cortar seringa ao lado do pai, caçar mais minha mãe. Nós caçava bastante. Desde a idade de 8 anos que nós caçava. Matava anta, porquinho, veado [...] Eu gosto de trabalhar na mata, na roça”.*

CAPÍTULO III

AS INVENÇÕES DA AMAZÔNIA E DO SER: EM EUCLIDES DA CUNHA E NOS MEMES

Fonte: Banco de dados do autor.

Falta bem poucos dias para que se
torne efetiva minha trágica candidatura ao impaludismo,
ao beribéri, à filaria e, talvez, à morte.
E dizem que não há mais sonhadores!

Euclides da Cunha.

Aos *Pensadores que* ***inventaram*** *o Brasil*,
[referenciou-se] para a obra de dez intelectuais brasileiros,
Joaquim Nabuco**, Euclides da Cunha**, Paulo Prado,
Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda,
Caio Prado Junior, Florestan Fernandes,
Celso Furtado, Raymundo Faoro e Antonio Candido.

Fernando Henrique Cardoso *in* IHGB nº 283, grifo nosso.

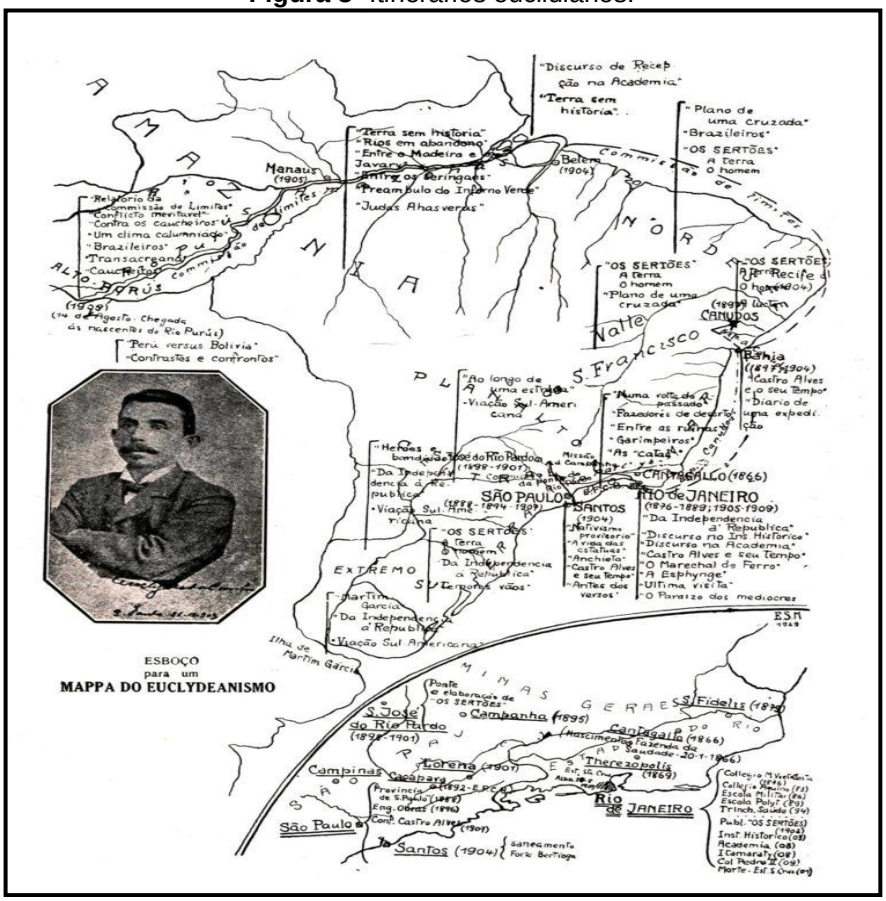
Tal é o rio; tal, a sua história:
revolta, desordenada, incompleta.
A Amazônia selvagem sempre teve
o dom de impressionar a civilização distante.

Euclides da Cunha

Os itinerários euclidianos, tão nítidos como na imagem a seguir, vão ganhando cena em nossa *démarche*, quando esse resolve se lançar à Expedição ao Purus em 1905. Através dessa viagem e de suas tessituras, o autor de *Os sertões* ecoa efeitos de verdade imensuráveis à Amazônia como uma terra sem história, infernal, de caos, atrasada e sem cultura, enfim, lugar de *isolamento*. Dizeres que ressoam presentes nos dias atuais e vão homogeneizando culturas, seres, paisagens, *lugaridades.*

Tais imagens ganham e/ou se revestem de uma tonalidade de realidade, de verdade como efeito por terem sidas inventadas a partir do seu *status* de autor, de suas tessituras, como em *À margem da história* (1909), principalmente, e, posteriormente, por meio da “influência”, das interlocuções que outros autores fizeram com ele, os quais passaram a reproduzir e solidificar esses construtos discursivos nas descontinuidades.

Figura 8- Itinerários euclidianos.



Fonte: Revista Dom Casmurro, 1946. *In*: https://amazonialatitude.com/2019/07/16/a-terceira-margem-do-texto-euclides-da-cunha-e-a-amazonia

3.1 Navegando pelas tessituras euclidianas

Quando pensamos no tópico inicial do livro À *margem da história* de Euclides da Cunha, *Terra sem história*, percebemos sua aplicabilidade às mulheres, assim como no tema do capítulo anterior, pois, não só o *sertão verde* ficou de fora das narrativas, o feminino também.

Retomando as atenções para as letras euclidianas, onde fizemos um construto em relação a ele como um inventor, fundador da ideia de *isolamento* da/na Amazônia em seu espaço e tempo, que causou efeitos de verdade até meados de 1970.

Ainda no capítulo teórico dessas tessituras, percebemos os juízos distorcidos que, por meio dele, outros autores – em destaque Alberto Rangel, Leandro Tocantins, Daniel Piza - começaram a replicar e, dessa maneira, solidificar seu discurso fundador e, consequentemente, atribuir à Amazônia tais visões até hoje. Pois assim como para Euclides, a Amazônia, esse *inferno florido*, ainda configura

ser *selvagem* e ter *o dom de impressionar a civilização.*

Ora, tudo o que é avesso do *progresso* e da *civilizadade* concebida na orquestração ideológica do ser de um outro lugar, de uma outra cultura e que anseia pelo desejo e pelo poder irá sempre prefigurar o espaço amazônico como uma espécie de anticivilização, *desordenada, incompleta, revolta,* logo, *isolada.*

Nesse bojo, é importante reavermos algumas contexturas sobre o autor d'Os Sertões mais uma vez, destacando quem foi, e como passa a ganhar a notoriedade social, política e científica em nome de um Brasil republicano e de um paradigma dominante. Rabello (1966), em sua segunda edição da biografia sobre Euclides da Cunha, reporta-se a uma cronologia de fatos importantes em sua vida, além da "influência" de escritores e correntes filosóficas que serviram de uma base dialógica ao autor.

Euclides Pereira da Cunha nasceu no dia vinte de janeiro de 1866, na Fazenda Saudade, em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo, na Província do Rio de Janeiro. Era filho de Manuel Rodrigues da Cunha Pimenta e Eudóxia Alves Moreira da Cunha, a qual o deixara órfão aos três anos de idade, fazendo com que ele passasse a viver em casas de parentes em Teresópolis, São Fidélis e no Rio de Janeiro, depois se fixou em São Paulo (por volta do final do século XIX).

Em 1883, ingressa no Colégio Aquino, onde, segundo Rabello (1966), foi aluno de Benjamin Constant, que muito influenciou a sua formação introduzindo-lhe à filosofia positivista, apresentando-o aos textos de Augusto Comte. Em 1885, ingressa na Escola Politécnica e no ano seguinte, na Escola Militar da Praia Vermelha, onde novamente encontra Constant como seu professor.

Nessa base interlocutora, Rabello (1966) afirma que Euclides[35], no tempo de férias, enchia seu tempo com as leituras de autores como Varnhagen, Gabriel Soares, Frei Vicente Salvador, Saint-Hilaire, Von Martius, Hartt, Lund, Léry, Humboldt, Huxley, (RABELLO, 1996, p. 143), além de Darwin, de Spencer, casal Agassiz, William Chandless, Martius, Bates, Wallace, Hartt, Derby, Coutinho, enfim, norteadores e/ou interlocutores de Cunha, naturalistas, deterministas, evolucionistas, positivistas. A este respeito, (REIS *apud CUNHA, 2000, p. 48)* afirmara*,*

[35] Podemos ver os interlocutores de Euclides também em seus livros, onde o autor mesmo menciona-os em claro dialogismo quando se vê a Amazônia e a escreve, onde ele recorre a estes escritores que influenciaram suas tessituras (CUNHA, 2006, p. 19-22).

> Euclides conhecia toda essa história. Estudara-a lendo cronistas, geógrafos, ensaístas que tinham a Amazônia por tema. Lera-os com vontade de saber, para não tropeçar com a realidade com que se defrontaria comparando o que via e analisava, com o que lera e constituía roteiro de verdades ou de inverdades.

Há alguns, àqueles que viajaram pela Amazônia, que Cunha chamou de "gente adoidada" pelas narrações e imagens feitas a Ela, porém, foi ele, Euclides, inventor que mais se fez investir de estereótipos negativos e jamais "vingou a Hiléia" prodigiosa[36] como propunha ao seu empreendimento víndice aos vislumbres da escrita de *Um paraíso perdido*, nas palavras dele, um *segundo livro vingador.*

Ao contrário, forjou uma imagem de *isolamento* que se conota em múltiplas facetas: inferno verde, miniatura do caos, lugar de atraso, de monotonia, terra sem história, avesso da civilização e progresso.

Euclides foi designado a cobrir a guerra de Canudos, onde produz sua obra-prima *Os sertões* (1902), livro que confere a ele o *status* de grande autor e daria a notabilidade de efeito de verdade e reconhecimento de sua escrita.

Para Rabello (1996), é considerado como precursor da Sociologia e da literatura modernista no Brasil juntamente com Canaã, de Graça Aranha e, no ano seguinte, é eleito para a Academia Brasileira de Letras na vaga de Valentim Magalhães, além de tomar posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Consonante a esse sucesso, Hardman (2009), reafirma a notabilidade que ganhara Euclides no cenário mundial e brasileiro, depois do sucesso estrondoso de "sua narrativa trágica sertaneja de Canudos, foi um dos primeiros escritores latino-americanos modernos a encarar o desafio de 'escrever a Amazônia'" (HARDMAN, 2009, p. 19).

Era notório que recaía sobre a produção literária desta época uma penumbra, espécie de espírito que acompanhava o repouso da escrita, seus passos, onde se deveria ancorar-se numa acepção capitalista, ou seja, a serviço para os empreendimentos desse paradigma. Conforme elucida Foot Hardman (2009),

> Sobre a Amazônia, sobre sua grandeza e complexidade quase irrepresentáveis, embora, assim arguisse, fosse desejável encarar esse

[36] Para melhor entendimento e aprofundamento do assunto, indicamos a leitura do crítico literário Francisco Foot Hardman em sua obra *A vingança da Hileia*, 2009.

> desafio, não só na vida artística como no conhecimento científico e na economia política, já que o processo civilizatório e as leis do progresso assinalavam ali, com o *boom* da indústria extrativa do látex e da navegação a vapor, como marco de frente das futuras fronteiras de expansão do capital em escala planetária. (HARDMAN, 2009, p. 25)

Mediante a essa penumbra que recaía sobre o Brasil republicano, em conformidade com o empreendimento capitalista voltado para a Amazônia, como Hardman nos asseverou, havia também as escolhas do autor de *Os sertões*, que se inseria neste contexto socioespacial, histórico e, também, **ideológico**, ou seja, Euclides aspirava pelos desejos de levar o *progresso* à Amazônia e a exploração da sua vasta riqueza. Dessa maneira, observa-se que seus discursos forjados estão de acordo com os desejos do paradigma dominante, do seu engajamento ideológico.

> O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma preposição, etc., não existe 'em sim mesmo' [...] mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico, no qual, as palavras, expressões e preposições são produzidas. (PÊCHEUX, 1997, p. 190)

Sem dúvida, em consonância com as palavras de Pêcheux, observamos (re) nascer discursos de *isolamento* – atraso, infernal, à margem da história, "terra onde o homem estava destinado a não ter cultura", caos, selvagem, etc., visão em concórdia a de Euclides.

E novamente, retomando a luz da assertiva de Foot Hardman (2009), nos é aberta uma questão quase que retórica: quem seria o homem capaz de reunir todas essas características arguidas pelo governo republicano *fixando-a assim, como um objeto do sonho civilizatório à cultura letrada nacional*?

Ora, havia apenas um com motivações de um "fazer científico" e de conhecimento através da experiência lançada no ideal aventureiro que corroborasse com os arquitetais civilizatórios e, ainda, era reconhecido o suficiente para que suas letras ecoassem pelo Brasil e pelo mundo, Euclides da Cunha.

Logo, por esses motivos, é convidado pelo Ministro Barão do Rio Branco para chefiar a Expedição de Reconhecimento ao Purus[37], servindo aos empreendimentos do governo brasileiro "para orientar melhor a opinião pública", pois eles (os literatos, segundo Rio Branco). "bem que se prestavam a essa manobra política exterior do

[37] Conhecida também como Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus.

Brasil" (RABELLO, 1966, p. 253).

> No âmbito da literatura, **o escritor Euclides Rodrigues da Cunha foi o primeiro a produzir uma coleção de ensaios, reconhecidos nacionalmente que discursa e descreve a Amazônia**. Embora saibamos que existam alguns romances da região Norte, eles não tiveram na época tanta importância e circulação nacional, quanto à obra 'À margem da história' de Euclides, e isso se dá, devido ao prestígio e relevância nacional do autor na sociedade e na Academia Brasileira de Letras. (OLIVEIRA; PEREIRA, 2017, p. 2, grifo nosso)

A partir dessa escolha, do vulto do autor, *do prestígio e relevância nacional*, as tessituras euclidianas começam a ser materializadas prenhes de um *realismo naturalista predominante como chave estética da representação literária da Amazônia no Brasil* (HARDMAN, 2009, p. 28). Logo, seus discursos começaram a ecoar verossimilmente e a forjar e cimentar a esta região um lugar de *isolamento* que (re) aparecem até hoje a partir das descontinuidades.

Bakhtin (1995) e Pêcheux (1997) lembram que o enunciador toma em si seu contexto socioespacial, a ideologia que o forma, diante disso ele, através da linguagem, discursa de acordo com seus posicionamentos, neste caso, através de seu lugar outro na sociedade, seus desejos e interesses, seus ideais.

Sendo assim, Euclides começa a tecer suas primeiras impressões da Amazônia antes mesmo de se debruçar sobre ela[38],quando soube, quase quatro meses depois, que sua viagem estava marcada. - "Graças a Deus!", exclamara - de acordo com Piza (2009).

Em 22 de outubro de 1904, em decorrência desta notícia escreve uma carta a seu amigo de jornal, Plínio Barreto, enfim – creio que faltam bem poucos dias "para que se torne efetiva essa minha trágica candidatura ao impaludismo, ao beribéri, à filária e, talvez, **à morte**. E dizem que não há sonhadores!" (PIZA, 2010, p. 32, grifo nosso).

Já erigia discursos sobre a Amazônia antes mesmo de sua expedição. Exemplos disso são os artigos que escreveu ainda no início de 1904 para o jornal *O*

---

[38] É notório ainda destacar que Euclides já teria debruçado sobre a Amazônia ainda em 1898, segundo o pesquisador Arthur C. Ferreira Reis, "Desde quando escrevera sobre um livro de Torquato Tapajós, geógrafo e historiador amazonense, autor da obra sobre a questão de Cunha e os limites entre o Amazonas e Mato Grosso, ano de 1898. Euclides mostrava-se interessado no estudo do que a Amazônia representava como resultado da façanha de expansão territorial, iniciada na fase portuguesa de nossa história e prosseguida, com intensidade maior, nos dias posteriores ao Sete de Setembro" (REIS *apud* CUNHA, 2000, p. 50-51).

Estado de São Paulo, que iriam compor, em 1907, uma publicação intitulada *Contrastes e confrontos: conflito inevitável; contra caucheiros* e *Entre o Madeira e o Javari.*

Em seus primeiros momentos, já em Manaus, começa a tecer suas visões do lugar, quando destaca sobre o clima da região: “banho de vapor”, “insuportável”, “febril”. Depois tenta se redimir em seus escritos “um clima caluniado”[39], porém, seus prismas de Amazônia se perpetuavam cada vez mais a partir dos trajetos pelo Purus.

Figura 9- Euclides da Cunha, em destaque, e parte do grupo a caminho ao Alto Purus, com dedicatória aos familiares em 1905.

Fonte: http://www.euclides.site.br.com/
Adaptado pelo autor.

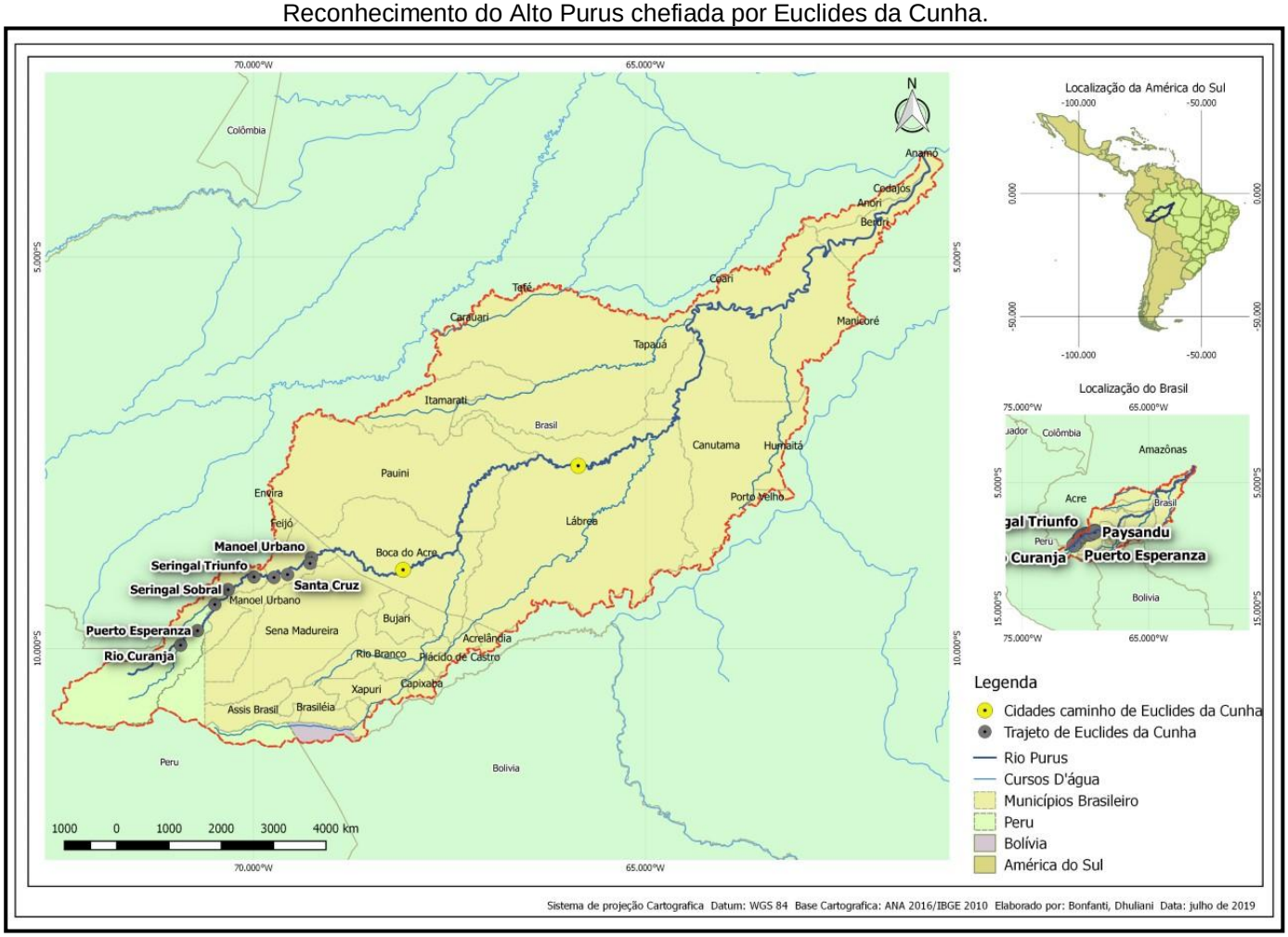
[39] Notamos, mais uma vez, as contradições de Euclides e seus posicionamentos darwinistas, pois os mesmos sertanejos famintos cheios de doenças que marcavam o atraso da raça e inferioridade brasileira sobrevêm a serem aqueles que se superam, passam a ser vigorosos, visto que nos climas e na selva amazônica, só *os fortes, numa verdadeira seleção natural,*sobreviveriam (CUNHA, 2000, 2006).

Figura 10- Euclides saltando de uma embarcação com a cabeça protegida dos mosquitos por uma espécie de uma cobertura improvisada, 1905.

Fonte: TOCANTINS, Leandro (reprodução). *Euclides da Cunha e o Paraíso perdido.* Manaus, 1966.

As figuras 9 e 10 são trazidas aqui para ilustrar alguns dos momentos dos itinerários euclidianos pela Amazônia, suas dificuldades e de sua Comissão de Reconhecimento ao Alto Purus, que coadunam com suas palavras quando ficou sabendo de sua escolha como chefe da missão, uma *trágica candidatura ao impaludismo, beribéri e, talvez, à morte.*

Figura 11- Mapa da Bacia do Purus e trajeto da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus chefiada por Euclides da Cunha.



Fonte: BONFANTI, Dhuliani. Julho de 2019.

Com base no Diário de Marcha de Euclides, de 1905, e algumas cartas geográficas antigas que delineavam o trajeto, elaboramos o Mapa acima, figura 11, destacando a viagem da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, partindo de Manaus, via fluvial, no dia cinco de abril de 1905, chegando a foz do Purus quatro dias depois, onde, segundo Cunha, começa-se ali o levantamento hidrográfico; além de erigir uma visão à Amazônia.

No mapa destacamos ainda algumas cidades mencionadas por Euclides da Cunha como Lábrea e Boca do Acre e o trajeto relatado por ele, por entre seringais e/ou colocações, através da Comissão, até chegar a solo peruano e fazer as demarcações ou tratativas diplomáticas que, em 1909 seriam resolvidas. A viagem euclidiana dura entre seis e sete meses até o regresso a Manaus.

É exatamente durante esse tempo que ele pinta e inventa uma Amazônia,

impregna suas visões e a descreve com as tantas impressões que se têm até hoje nas descontinuidades, solidificando à região um *isolamento* do restante da *civilização* e do *progresso*, uma vez que, a "literatura sobre a Amazônia, até então, era predominantemente estrangeira, fato que incomodava Euclides, um republicano convicto" (MELO, 2010 *apud* PIZA, 2010, p. 183).

Melo continua, em seu artigo *Euclides e a Amazônia,* inserido no livro de Daniel Piza (2010), *Amazônia de Euclides*, a falar que, Cunha foi sem dúvida, "o primeiro brasileiro a ler com profundidade a Amazônia" e que tinha a curiosidade de ver como "o sertanejo de *Os sertões* se adaptava a lugar tão inóspito" (MELO, 2010 *apud PIZA* 2010, p. 187).

Vale destacar a semelhança, não só estética e literária, mas de uma ordem construtiva de visões sobre os dois *Sertões* euclidianos, o Sertão de Canudos e o amazônico. Primeiro, destaca-se o grande espanto perante esses espaços e/ou outros Brasis que desconhecia.

Ele se refere aos dois Sertões com três séculos de *isolamento*, quer dizer, de atraso, à margem das narrativas, infernal, de clima áspero, de gente propensa ao extermínio diante da natureza determinista e perante suas espécies inferiores graças à mestiçagem (CUNHA, 1984; 2000; 2006).

Em presença a esse quadro, Roberto Ventura (1994), nos esclarece que, para Euclides, em concordância com sua ideologia, sertão, selva e deserto é tudo aquilo que está "fora da escrita da história e do espaço da civilização: terra de ninguém, lugar de inversão de valores, da barbárie e da incultura. São territórios misteriosos, fora da história e geografia" (VENTURA, 1994, p. 65), "pois partem do próprio espaço [as análises] que são emitidas" (DURVAL JÚNIOR, 2011, p. 53) logo, são territórios *isolados* – locais de atraso, às margens -, os quais demandam tempo e grandes distâncias.

Somados a isso, Euclides (2006), em tom crítico ao (não) progresso instituído à Amazônia, pontua, ao mesmo tempo, em que amplia a imagética sobre a região, houve uma seleção natural invertida, [pois para ali foram] todos os inúteis, todos os doentes e todos os sacrificados expedidos a esmo, como os rebotalhos das gentes, "famintos assombrosos, devorados de febre e das bexigas para o deserto[40], expatriados na própria pátria vazia, atrasada; um acidental, imprevisível

[40] Segundo o historiador Jacques Le Goff (1989, p. 37) afirma que "o deserto – o mesmo é dizer solidão", corroborando com as visões euclidianas sobre a o deserto amazônico.

[povoamento][41]fora das bases do progresso, onde o homem é o único que trabalha para escravizar-se no paraíso diabólico" (CUNHA, 2006, p. 49-51).

É válido destacar aqui outra visão, não com o desejo de proclamar qual delas são realmente verdadeiras, isto é, em qual o efeito de verdade tem maior aceitação frente a outra. Recorrendo à filosofia foucaultiana, percebemos que cada uma traz seu efeito de verdade, logo, nossa intenção é mostrá-lo e deixar ao leitor, ao seu critério, interpretar. Todavia, acentua-se a Euclides a função autor, pois é este, segundo Foucault (2001), que carrega a alcunha de um certo ser da razão, nível constante de valor a partir dos relatos de Plácido de Castro.

Entre os anos de 196-1907, Plácido apresenta em relatório, como prefeito interino do Alto Acre, ao Ministro da Justiça, Augusto Tavares de Lyra, seu descontentamento com os escritos euclidianos e do Dr. Miguel Calmon, o que ele chamou de "impressões errôneas e injustas que, ao espírito dos que desconhecem o assumpto tenham" (CASTRO, 1907, p. 174). Ele continua a afirmar que Cunha, em outubro de 1905, a bordo do vapor Rio Branco,

> Teve a fraqueza de nos confessar a sua alheiação dos nossos costumes e, nessa ocasião, pedio-nos lhe fornecessemos algumas informações [...] o que mais tarde vimos as nossas despretensiosas notas publicadas na *Kosmos*, então revestidas de flores de estylo, numa linguagem extremamente adulteradas. Torceu-nos por completo o Dr. Euclydes da Cunha as nossas informações [...] ao descrever os indivíduos desfigurados, cadáveres ambulantes. (CASTRO, 1907, p. 174-175)

Plácido de Castro contraria as enunciações euclidianas e seu efeito de veracidade, todavia, sabe bem a grandeza e o reconhecimento de Euclides da Cunha como autor de renome, quando assevera, "ao fazer tais considerações não temos a intenção de offuscar o brilho de tão preclara autoridade, o que seria empanar o sol com uma peneira" (CASTRO, 1907, p. 175), contudo, para Castro (1907), a intenção é ter consciência de um dever, de um amor próprio que leve à verdade.

Em *Os sertões* (1902 [1984]), *À margem da história* (1909 [2006]) e *Um*

[41] É interessante que, aqui, Euclides faz referência ao processo migratório alavancado pela busca de riquezas oriundas do ouro negro amazônico e pela fuga das secas, a partir de 1879 que, segundo ele, atingiram o Norte (hoje, Nordeste), quanto aos desterrados da pátria (os indesejados, os doentes) nas primeiras décadas da República brasileira, que povoaram as terras amazônicas. Porém, mais uma vez, acentua-se suas imagens de Amazônia, aqui, dizeres que (re)inventaram-na e fazem ecoar esse aspecto de *isolamento* (inferno verde, atrasada, bárbara, solitária, etc.), isto é, como tudo fora do padrão do desenvolvimento e do *progresso*.

paraíso perdido (2000), o autor tem pontos chaves de semelhança em suas análises dos dois *desertos*, apesar de suas diferenças gritantes – um deserto e/ou sertão de seca; e noutro, o da água e do verde, porém, nos dois há o *atraso, desordem* e, logo, o mesmo *isolamento,* se debruçando em essencial na terra e/ou paisagem, que é determinista sobre o sujeito; e nele, porque o antigo "regionalismo, inscrito no interior da formação discursiva naturalista, considerava as diferenças entre espaços do país como um reflexo imediato **da natureza, do meio e da raça**", logo, "explicavam as diferenças de costumes, hábitos, práticas sociais e políticas", e a inferioridade racial referida aos seguintes povos (DURVAL JUNIOR, 2011, p. 53, grifo nosso).

Isto é, o que está fora de costumes polidos, dos bons hábitos, do biótipo do branco superior, e das práticas sociais e políticas visando o progresso é atrasado, é *isolado.* Por isso recaía sobre a região Norte – esta se referindo ao Norte e Nordeste – uma imagem de outro Brasil, atrasado, antagônico aos discursos de interesse e poder impregnados pelo capital.

Ao primeiro deserto ou sertão "a terra sobranceia o oceano, **dominante**"[42], "as paisagens admiráveis que tanto encantam e iludem as vistas inexpertas dos forasteiros" "[...]onde a natureza armou a sua mais **portentosa** oficina [...] dispondo-se em cenários em que ressalta o aspecto **atormentado** .das paisagens", "ignotas" (CUNHA, 1984, p. 4-6).

Não obstante, ao segundo deserto figurou a impressão **dominante** e talvez "correspondente a uma verdade positiva: o homem, ali, é ainda um intruso, destinado a não produzir cultura. Destarte a natureza é **portentosa**, **desordenada** [...] é surpreendente, preciosíssima, desconexa". (CUNHA, 2000, p. 116-117); "A Amazônia sempre teve o dom de impressionar a civilização distante" (CUNHA, 2006,

[42] A experiência de Euclides, tanto no Sertão de Canudos quanto no Verde, vai fazer com que surjam contradições no espírito euclidiano. Euclides estava inserido dentro de um projeto de *progresso* e civilização, num processo político, econômico e social. Além de mostrar sua inclinação para o naturalismo e a determinação que o clima impõe ao homem. Entretanto, para o final da Guerra de Canudos, ele percebe o desastroso empreendimento que este foi, assim como na escravização do seringueiro amazônico, pois, em ambos, a República mostrou requintes de barbárie contra essa gente, atribuindo, algumas vezes, à culpa ao sujeito dito civilizado, o que era dicotômico ao seu enunciado. Além disso, Euclides, em algumas passagens de seus livros, vai se opondo aos estudos eugênicos da época – os quais tinham apoiadores na/da República -, uma vez que fala que tanto o sertanejo de Canudos – que pintara como uma raça inferior, doente -, quanto o da Amazônia, são uns fortes, porquanto, souberam vencer o habitar inóspito. Por isso que nossa intenção, em nenhum momento, é de demonizar Euclides da Cunha, pois, este, apesar de ser um dos participantes dos empreendimentos republicanos, não deixa de mostrar indignação, certas vezes, contra a condição humana e do capital.

p. 25). Salienta ainda aos dois sertões climas insuportáveis, que sobressaem aos homens numa situação assombrosa (CUNHA, 1984; 2000; 2006). Assim Euclides foi pintando o Brasil que não conhecia; que não conviveu; pela diferença do seu; de seus hábitos culturais e do desenvolvimento do Sul em relação aos *Nortes.*

Voltando nossa análise ao *sertão verde*, percebemos nas (geo) grafias euclidianas que ali se forjaram as mais ricas construções que foram tomadas como verdades cristalizadas ao território amazônico no imaginário social dos Brasis e que sempre reaparecem de acordo com os interesses e as relações de poder.

> Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1979, p. 12)

A partir dessa citação, observa-se uma relação intrínseca com o desejo de verdade e as relações de poder, relações que possibilitam assegurar os seus interesses, neste caso, do paradigma dominante, esse espírito da República, que regulariza a veracidade, que a solidifica como efeito para justificar seus empreendimentos e anseios. Logo, o discurso euclidiano é tomado por esse espírito, que lhe dá o tom de verdade, assegurando-o como ponto de partida para normalizar e reinventar a Amazônia como *isolada* – às avessas aos interesses da política econômica progressista estatal.

Dessa forma, assevera-se a Euclides essa tonalidade de verdade e como foi o *autor* que com mais ênfase ecoou suas feições sobre a Amazônia, dado a sua posição de prestígio cientificista e intelectual mundial e brasileiro, congruentemente, ao alcance que seus escritos repercutiram e repercutem até hoje, pois, "a glória e fama do escritor atingiram bem alto" (FILHO *apud* CUNHA, 2000, p. 68), tonando-o *(re) inventor da Amazônia*, mesmo com sua prematura morte em 1909, na famosa *tragédia da piedade*[43].

---

[43] No dia 15 de agosto de 1909, num domingo, Euclides resolve ir ao bairro da Piedade, no Rio de Janeiro, motivado pela traição de sua esposa e o ódio. Bateu palmas em frente da casa de número 214 atrás do amante deu sua esposa Anna Emília Ribeiro, Dilermano de Assis. Adentra ao recinto armado e exclama: "vim para matar ou morrer!". Atinge o homem e ao seu irmão, Dinorah de Assis, que fica paraplégico e, posteriormente, se mata por essa sequela, já que era jogador de futebol. Dilermano mesmo atingido consegue efetuar disparos, um deles levando a óbito Euclides da Cunha e

Assim como já destacara o crítico literário Tristão de Athayde, a respeito da notabilidade e reconhecimento, como autor, de Euclides da Cunha, “creou um estylo – o que é realmente a obra suprema de um artista” (ATHAYDE, 1924, p.287), e se seguiu o colocando no mesmo patamar de Machado de Assis,

> Quaes as duas figuras literarias que mais profundamente marcaram nessa era republicana, que tão rapidamente estudamos? Machado de Assis e Euclydes da Cunha. Não ha um parallelo a fazer. Elles não se oppõem; symbolisam apenas, vivamente, – realizando cada um o seu caracter pelo estylo inconfundivel a que chegaram, – as duas faces da medalha. Mas a medalha é uma só. (ATHAYDE, 1924, p.291)

Além de Athayde, diversos outros autores consagrados emitiram a Euclides essa importância crucial para a literatura, geografia e história, tendo-o como maior produtor de efeitos de verdade para o povo brasileiro. É o caso de Gilberto Freyre, apesar de algumas divergências em suas concepções e da crítica ao seu eu cientificista, segundo reportagem no jornal *Estadão, n*o ensaio *Euclides da Cunha: revelador da realidade brasileira*, Freyre já o referia como um dos “escritores brasileiros de maior influência sobre o nosso povo, e que chamava atenção dos estrangeiros para a cultura em geral e para as letras em particular, de um ainda obscuro Brasil”[44]; e o crítico literário Péricles Moraes (2001) que em sua tessitura, *Interpretes da Amazônia,* reitera:

> De fato, naquela época, a não ser o prosador d’Os sertões, nenhum outro escritor se aventurou à temeridade de tais entrepresas. Pode-se mesmo avançar que os seus estudos sobre a Amazônia, assim nas páginas do À margem da história, como no prefácio magistral do Inferno verde, são o eixo central de tudo quanto se tem pensado e escrito sobre a região [...]. (MORAES, 2001, p. 15)

---

ainda é absolvido do homicídio. Não obstante, alguns anos depois, em 1916, Euclides da Cunha Filho, descendente do autor d’*Os Sertões*, tenta vingar a morte do pai. Efetua disparos contra o, agora, esposo de sua mãe, porém, mesmo ferido, D. de Assis consegue matar seu enteado e ainda é, novamente, considerado inocente. Disponível em: http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/grandes-causas/as-mortes-de-euclides-da-cunha-e-seu-filho. Acesso em: 17 de abril de 2020.
Essa sina trágica na família do escritor é observada na morte de outro dos seus filhos, Solon da Cunha, que veio para o Território do Acre exercer o cargo de delegado de polícia na Vila de Feijó-AC, em 1926. O então oficial em incumbência de prender seringueiros acusados de assassinatos foi ferido, não resistindo e vindo à morte. Disponível em: http://www.proteton.com.br/euclides/ler.php?id=842 Acesso em: 17 de abril de 2020.

[44] BRITO, Ronaldo Correia. **Como Euclides da Cunha criou o mito do sertão em sua obra-prima.** In Jornal online *Estadão*, dia 15 de junho de 2019, referente à homenagem pela Flip 2019.

Logo, a tais afirmações expressas por outros pensadores a despeito da escrita euclidiana como *centro de tudo o que se tem pensando e escrito sobre a região,* seu alcance e sua importância como autor, corrobora com nosso intento de (re) inventor da Amazônia, o qual passa a ser ilustrado também nas artes pelas sublimes pinceladas do artista plástico Candido Portinari (1903-1962), conforme figura a seguir.

Figura 12- Retrato de Euclides da Cunha feito por Candido Portinari.

Fonte: Revista *Dom Casmurro*, 1946.
Disponível em http://www.euclides.site.br.com/

O que confirma a este pensador quanto à fama, quanto ao alcance e ao *status* de *autor*. Dessa maneira, vimos que seus escritos tiveram grande produção e consumo durante o século XX e, consequentemente, ampla leitura e interlocuções com outros que continuaram a replicar esse discurso de *isolamento* que (re) inventou a Amazônia.

Com base no levantamento incluso no livro *Um paraíso perdido,* publicado com iniciativa do Senado Federal, no ano de 2000, podemos ter a noção, até a

década de 1960 e meados de 1970, do sucesso estrondoso e do alcance magistral de suas obras:

> OBRA COMPLETA, organizada sob a direção de Afrânio Coutinho. Ensaios e estudos críticos, literários e biográficos de Olímpio de Sousa Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freire, Araripe Júnior, Afrânio Peixoto, Francisco Venâncio Filho, 1ª ed. 1966.
> Edição comemorativa do centenário. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1966. 2 v. il. (Bibl. Luso-Brasileira. Sér. Brasileira, 25, 26). Conteúdo: – v. 1 Introdução geral, ensaios, estudos e artigos, crônicas, poesia, números e diagramas. – v. 2 Estudo liminar, ciclo de Os Sertões, apêndices.
> ANTOLOGIAS ANTOLOGIA. Seleção, introdução, notas e vocabulário de Olímpio de Sousa Andrade. Trechos selecionados de Os Sertões, Contrastes e Confrontos, **À margem da História**, Peru Versus Bolívia, Castro Alves e seu Tempo e também prefácios, relatórios e cartas [S. Paulo] Ed. Melhoramentos [1966] 235 p. [...]
> **LIVROS E FOLHETOS À MARGEM DA HISTÓRIA. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1909. 390 p. il. [edição póstuma]. – 2ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1913. 400 p. il. – 3ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1922. 328 p. – 4ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1926. 328 p. – 5ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1941. 328 p. – 6ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1946. 328 p.**
> – Estabelecimento de texto e notas a cargo de Dermal de Camargo Monfrê [nota explicativa de Osvaldo Galotti. S. Paulo]. Ed. Lello Brasileira, 1967. 257 p. CAMPANHA DE CANUDOS: ver Os Sertões (Campanha de Canudos). CANUDOS (DIÁRIO DE UMA EXPEDIÇÃO). Introd. de Gilberto Freire. Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1939. XXV + 186 p. il. (Col. Documentos Brasileiros, dir. por Gilberto Freire [...]
> CONTRASTES E CONFRONTOS. Pref. de José Pereira de Sampaio (Bruno). Porto, Empresa Literária e Tipográfica Editora, 1907. 257 p. – 2ª ed. Acrescentada com o retrato e discurso de recepção do autor na Academia Brasileira de Letras e um estudo crítico do Dr. Araripe Júnior. Porto, Empresa Literária e Tipográfica Editora, 1907. 384 p. il. – 3ª ed. Acrescentado com o retrato e discurso de recepção do autor na Academia Brasileira de Letras, um estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Magalhães & Monis Ltda., 1913. 386 p. il. – 4ª ed. Acrescentada com o retrato e discurso de recepção do autor na Academia Brasileira de Letras, um estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Comp. Portuguesa Editora, 1917. 342 p. il. – 5ª ed. Acrescentada com o retrato e discurso de recepção do autor na Academia Brasileira de Letras, um estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Comp. Portuguesa Editora, 1919. 342 p. – 6ª ed. Com prefácio de José Sampaio (Bruno); estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1923. 300 p. – 7ª ed. Porto. Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1923. – 8ª ed. Com prefácio de José Sampaio (Bruno); estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1941. 300 p. – 9ª ed. Com prefácio de José Sampaio (Bruno); estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão [s.d. 1946?] XLIV + 300 p. – Estudo crítico de Araripe Júnior e nota explicativa à margem da 1ª ed. brasileira. Estabelecimento de texto e notas a cargo de Dermal de Camargo Monfrê [São Paulo]. Ed. Lello Brasileira, 1967. 219 p.
> PERU VERSUS BOLÍVIA. Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1907. 201 p. il. 106 Euclides da Cunha – 2ª ed. Com 2 mapas e um estudo de

Oliveira Lima. Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1939. xi + 194 p. il. (Col. Documentos Brasileiros, dir. por Gilberto Freire, 17). **ESPANHOL – LA CUESTIÓN DE LÍMITES entre Bolivia y el Perú. Traducción. Buenos Aires, Comp. Sul-Americana de Billetes de Banco, 1908. 151 p. il.**

RELATÓRIO da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus. Notas complementares do comissário brasileiro, 1904-1905. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1906. 88, 76 p. il. O RIO PURUS [Pref. de Leandro Tocantins. Rio de Janeiro] SPVEA [Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia] 1960. 95 p. il. (Col. Pedro Teixeira, 3).

OS SERTÕES (Campanha de Canudos). Rio de Janeiro, Laemmert & C. editores, 1902. vii + 632 p. il. – 2ª ed. corr. Rio de Janeiro, Laemmert & C. editores, 1903. vii + 618 p. il. – 3ª ed. corr. Rio de Janeiro, Laemmert & C. editores, 1905. vii + 618 p. il. – 4ª ed. corr. Rio de Janeiro, F. Alves, 1911. vii + 620 p. il. – 5ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1914. vii + 620 p. il. – 6ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1923. vii + 620 p. il. – 7ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1923. vii + 620 p. il. – 8ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1925. vii + 620 p. il. – 9ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1926. vii + 620 p. il. – 10ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1927. vii + 620 p. il. – 11ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1929. xi + 620 p. il. – 12ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1933. x + 646 p. il. – 13ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1936. x + 646 p. il. – 14ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1938. x + 646 p. il. – 15ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1940. x + 646 p. il. – 16ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1942. x + 646 p. il. – 17ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1944. x + 646 p. il. Um Paraíso Perdido 107 – 18ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1945. x + 646 p. il. – 19ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1946. x + 646 p. il. – 20ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1946. x + 646 p. il. – 21ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1950. x + 646 p. il. – 22ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1952, xii + 554 p. il. – 23ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1954, xii + 554 p. il. – [Il. de Ib. Andersen] 24ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1956. xii + 554 p. il. – 25ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1957. xii + 554 p. il. – 26ª ed. [Rio de Janeiro] F. Alves [1963] 2 v. il. – Capa e ilustrações de Aldemir Martins. 27ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1968. xii + 471 p. il. – Lisboa, Livros do Brasil [1959] 479 p. il.(Col.Livros do Brasil, 41). – Pref. de M. Cavalcanti Proença [Rio de Janeiro]. Edições de Ouro [1967] 8 + 554 p. il. (Clássicos Brasileiros, Águia de Ouro, 1.280). – Pref. de M. Cavalcanti Proença Rio de Janeiro. Edições de Ouro 1969. 14 + 560 p. il. (Clássicos Brasileiros, Leão, 1.280, reimpressão). – Seleção, introdução e vocabulário de Olímpio de Sousa Andrade. Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1970. 225 p. (Col. Calouro, Estrela, 1.669).

TRADUÇÕES DE OS SERTÕES ALEMÃO DIE SERTÕES. Edição alemã traduzida por Karl Schwarzenbach. Hamburgo.

CHINÊS [Os Sertões]. Edição chinesa traduzida por Pei Chin. Pequim, 1959. 597 p. il.

DINAMARQUÊS OPRORET paa hojsletten [Oversat af Richard Wagner Hansen, illustrationer of Ib. Andersen]. Copenhague, Westermann, 1948,

> 339 p. il.
> **ESPANHOL LOS SERTONES** (Os Sertões). Traducción del original de Benjamín de Garay; prólogo de Mariano de Vedia. Buenos Aires [Ministério de Justiça e Instrucción Pública] 1938. 2 v. (Bibl. de Autores Brasileros Traducidos al Castellano, 3-4). – Versión compendiada por Enrique Pérez Mariluz. Ilustraciones de Castelao. Buenos Aires, Editorial Atlántida [1941] 172 p. il. (Bibl. Billiken, Col. Azul). 108 Euclides da Cunha – La tragedia del hombre derrotado por el medio [Traducción directa del portugués por Benjamín de Garay. 2ª ed.]. Buenos Aires, Editoral Claridad [1942] 452 p. il, (Bibl. de Obras Famosas, 73). – Trad. de Benjamín de Garay, Reseña de la historia cultural del Brasil, por Afrânio Peixoto. Buenos Aires, W. M. Jackson [c. 1957] xxvi + 535 p. (Col.Panamericana).
> **4). FRANCÊS LES TERRES DE CANUDOS.** Os Sertões. Trad. de Sereth Neu, préf. du dr. Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro, Edições Caravela, 1947. xi + 412 p. il.
> **HOLANDÊS DE BINNENLANDEN,** opstand in Canudos [Uit het Portugees door dr. de Jong]. Amsterdam, Wereldbibliotheek, 1954. 290 p. il.
> **INGLÊS REBELLION IN THE BACKLANDS**. Translater from Os Sertões by Euclides da Cunha, with introduction and notes by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press [1945] xxxii + 526 p. il. – Translated from Os Sertões by Euclides da Cunha, with introduction and notes by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press [1952] xxxii + 526 p. il. – Translated from Os Sertões by Euclides da Cunha, with introduction and notes by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press [1957] xxx + 532 p. il. (Phoenix Books, P 22). **REVOLT IN THE BACKLANDS** by Euclides da Cunha. Translated by Samuel Putnam. Londres, Victor Gollancz, 1947. 347 p. il.
> **ITALIANO BRASILE IGNOTO (L'assedio di Canudos)** [Trad. di Cornelio Bisello]. Milão, Sperling & Kupfer [1953] 452 p. il.
> **SUECO MARKERNA BRINNA (Os Sertões)** [Svenk översättning och bearbetning av Th. Warburton]. Estocolmo, Wshlström & Widstrand [1945] 365 p. il. ADAPTAÇÕES DE OS SERTÕES CAMPANHA DE CANUDOS (episódio de Os Sertões). Adaptação de A. Miranda Bastos, desenhos de José Geraldo, capa de Antônio Eusébio. Edição Maravilhosa, Rio de Janeiro, n. 136 (extra) nov. 1956, 48 p. (Os Sertões em quadrinhos). OS SERTÕES. Adaptação e desenhos de Mário Jaci. Brincar e Aprender, Boletim dos clubes agrícolas, Rio de Janeiro, 3 (13) out./dez. 1944; 8 (33) jan./dez 1951. (CUNHA, 2000, p.105-109, grifos nossos)

Sabemos que podemos cair em críticas por esta longa citação, todavia, achamos notória e crucial para que o leitor possa vislumbrar o alcance e sucesso de Cunha não só no Brasil, mas mundo afora.

Ademais a esse levantamento descrito no livro *Um paraíso perdido*, onde observamos a tradução de suas obras para nove línguas diferentes – alemã, chinesa, dinamarquês, espanhola, inglesa, francesa, holandesa, italiana e sueca -; mais de vinte e oito edições de *Os sertões*; e sobre as questões envolvendo a Amazônia, entre textos e as publicações de *À margem da História*, temos cerca de dezesseis tiragens até os anos 1960. Logo, procuramos fazer outro levantamento, um mapeamento superficial, no qual pudemos alavancar várias outras reedições de *À margem da História* e *Um paraíso Perdido*.

A partir de 1966 até 2016, houve reimpressões pelas editoras: Lello Brasileira S.S em 1966 e 1967; Cultrix em 1975; coleção Dimensões do Brasil em 1976 editorada pela Vozes MEC; José Olympio em 1986 e 1992, organizado por Leandro Tocantins, e em 1994; Martins Fontes em 1999; pelo Senado Federal *on-line* em 2000 e impresso em 2009; pela Djalma Batista em 2003; Pela Martin Claret em 2006; pela Valer *ebook* a partir dos anos 2000; pela Biblioteca Digital em configuração *ebook kindle* 2017 e outros em formato digitalizado com/para domínio público.

Portanto, observa-se a proliferação discursiva de longa abrangência e de grande interlocução com os textos euclidianos*, enunciados investidos de autoridade que dão o tom [...] nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem* (BAKHTIN, 2003, p. 294), tratados como obras "magistrais", "clássicos", pois, assim era o *autor* Euclides, segundo o prefaciador do livro reeditado pelo Senado Federal, Jefferson Péres, "igualmente magistral como retratista da paisagem social e humana" (PÉRES, 2000 *apud* CUNHA, 2000, p. 11-13), de tal modo que,

> A Amazônia e o Nordeste, ao longo dos últimos cem anos, conheceram seus **grandes intérpretes**, assim chamados aqueles ensaístas que tiveram dessas regiões uma visão de conjunto, em seus múltiplos aspectos fisiográficos e sociais. Cada um desses autores se ocupou de uma ou de outra região. **O único a produzir obra de fôlego sobre ambas foi Euclides da Cunha, com Os Sertões e À margem da História.** *(*CUNHA, 2000, p. 11, grifo nosso)[45]

Jefferson Péres (2000, *apud* CUNHA, 2000), sem dúvidas, é um dos que reafirma essa notabilidade de Euclides como autor fecundo, *grande intérprete* que deixou marcas, *uma visão de conjunto* em seus *múltiplos aspectos*, em especial, no [imaginário] social, assim também como outorgou suas abalizas em outras produções posteriores a dele sobre a Amazônia.

Em Alberto Rangel, Leandro Tocantins, Daniel Piza e tantos outros, interlocuções, diálogos que deram *o tom* e conferiram a ele aquilo que Foucault afiançou em relação ao autor, *um status realista: instância "profunda",* ***poder "criador"****, um "projeto", um lugar originário*, um fundador de discursividade que *não são somente os autores de suas obras, de seus livros, eles produzem alguma coisa*

[45] Prefácio escrito por Jefferson Péres na reedição do livro **Um paraíso perdido:** reunião de ensaios amazônicos, de Euclides da Cunha Seleção e coordenação de Hildon Rocha. -Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos (FOUCAULT, 2001, p. 279, 284, grifo nosso).

Logo, em Euclides da Cunha, se deu uma (re) invenção da Amazônia que ecoou em tantos outros escritos e nos efeitos de verdade dentro das descontinuidades espaciais erigidas por grande parte da população brasileira.

3.2 Ecos euclidianos: "outras" visões de Amazônia, interlocuções e descontinuidades

> [...] Reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva assim como a dos sujeitos aí instalados. A partir do diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado se sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (BRAIT, 2006, p. 58)

Brait (2006) nos traz e nos mostra a discussão feita em Bakhtin, nos manifestando algumas de suas compreensões acerca do dialogismo e/ou interlocução, no que concerne numa *heterogeneidade* de falas, de palavras dentro de uma enunciação, ou seja, dentro desses dizeres há outros de sujeitos diversos, de *outrem.*

Para Bakhtin (1981; 1995; 2003) esse ser tem uma *pluralidade de vozes*, decorrentes do contexto sócio-histórico, do seu meio (amigos, professores, escolhas teóricas, etc.), de suas ideologias, isto é, de outras falas que retumbam na própria voz do indivíduo. Assim pontua dois conceitos desses múltiplos dizeres dentro de um livro, de um discurso, do sujeito que enuncia, que é a *polifonia*[46] e o *dialogismo.*

Não queremos aqui fazer um debate ou aprofundamento desses conceitos bakhtinianos, e suas diferenças, porquanto, o que nos interessa é notabilizar como as vozes de uns ecoam nas falas de outro, fazem parte dela a partir desse dialogismo, dessa interação verbal, isto é, do diálogo que, tanto pode ser exterior, pois advém do eu para o outro; quanto interior, aquele que incide das "influências" em minha consciência através desse intercâmbio (BRAIT, 2006).

Porquanto, nesse raciocínio, Bakhtin (1995, p. 123), fiança que "a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas

[46] Segundo Bakhtin (1981, p. 4), "a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia".

linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção", mas, pelo "fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua".

Nesse sentido, observamos as influências advindas dessas interações dialógicas, aqui, em destaque, para a escrita do livro que, segundo Bakhtin, também é um ato de fala, um discurso, e que pode ser considerado com uma função de conversação interior, ou seja, que tomamos em nossa consciência, que invade, penetra nosso ser por meio dessas vozes de *outrem*, conforme ele reafirma a seguir:

> Compreender a palavra 'diálogo' num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, **é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre trabalhos posteriores, etc.).** Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre, portanto, da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, **o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.** (BAKHTIN, 1995, p. 123, grifo nosso)

Por meio desse discurso escrito, podemos enxergar, retornar para o ato de (re) invenção da Amazônia por intermédio dos escritos euclidianos e como estes ecoaram em outros sujeitos históricos, em outros discursos, pois *exerceram influência sobre trabalhos posteriores que os confirmaram, procuraram apoio ou até tentaram refutar*.

Desta maneira, observamos, mais uma vez, Euclides como um fundador, um *instaurador de discursividade*, como bem afirmou Foucault (2001), pois *não é somente o autor de suas obras, de seus livros, ele produz alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos*, que não são só textos análogos, afins, mas também, uma produção *para outra coisa diferente dele e que, pertence ao que ele fundou,* mesmo com sua morte prematura, em 1909.

Destarte, nesse tópico, a nossa intenção é trazer esses diálogos que

permitiram, em outros escritores – em destaque, Alberto Rangel; Leandro Tocantins e Daniel Piza -, essa influência, essa afinidade de visões que instituíram à Amazônia (ou continuaram a instituir) essa imagem de *isolamento*, ou seja, inferno verde, atrasada, longínqua, onde se perde muito tempo para se chegar ou sair, terra sem história, à margem, por fim, avessa aos ideais de *progresso e civilização.*

Alberto Rangel (1871-1945) era amigo de Escola Militar de Euclides, também engenheiro e convicto das ideias republicanas, adiante passa a trabalhar para o governo amazonense. Foi secretário de Estado e também diretor do programa de colonização de terras. Em 1908, publica seu livro *Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas,* sendo prefaciado pelo colega Euclides, o qual as interlocuções fortes emanaram os ecos euclidianos, assim como destacara o crítico literário Araripe Junior o chamando de discípulo de Cunha.

Em seu livro composto de onze contos, as peças centrais são a natureza e o homem, assim como em Euclides, além da interlocução vívida com o paradigma dominante e a questão do *progresso* e *civilização* que deveria atingir aquela região *portentosa, vasto salão ainda em formação* onde o ser era um intruso.

Rangel, de igual forma ao amigo, destaca a exploração e escravização do sertanejo do *Norte*, o cearense em sua maior parte, como sendo um desbravador importante para a produção extrativista, um “forte” diante daquelas terras inóspitas, os *sertões amazônicos, inferno verde ou colorido*, pois ali, só este, numa eleição natural, corroborando com Cunha, poderia sobreviver.

Todavia, não seria ainda o verdadeiro instituidor de um *progresso* e uma *civilização* para a região, porque o caboclo e faminto migrante era incivilizado, visto como preguiçoso e como “fraco”, na maioria das vezes. Constituiria, então, a uma raça “branca”, percebendo os ideais eugênicos da época, resistir aquele ambiente inóspito, já que para este, a terra seria uma Nova Canaã.

> O inferno verde, se é geena de torturas, é a mansão de uma esperança: sou a terra prometida às raças superiores, tonificadas, vigorosas, dotadas de firmeza, inteligência e providas de dinheiro; e que, um dia, virão assentar no meu seio a definitiva obra da civilização, que os primeiros imigrados, humildes e pobres *pionniere* do presente, esboçam confusamente entre blasfêmias e ranger de dentes. (RANGEL, 2001, p. 163)

Ora, Rangel, compactuando com Euclides, acreditava num futuro àquela região, a qual poderia ser incorporada aos ideais de *progresso* que o Estado pregava até se

chegar a uma verdadeira *civilização*. Destarte, por meio da denúncia, ocasiona o tom da escravização dos seringueiros diante do patrão seringalista, traz seu drama, onde destaca a crueldade imposta nos seringais que o homem “aventureiro” sonha em enriquecer, todavia, estava condenado a esta *empresa de Sísifo* e por meio dessas relações, um motivo a mais de atraso à localidade (RANGEL, 2001).

Alberto Rangel e Euclides observaram apenas essas relações de exploração entre seringalistas e seringueiros, mas não entre o Estado e o capitalismo proeminente que sustentava os governos de Belém e de Manaus, as suntuosas construções das cidades nos moldes da *Belle Époque* que eram sustentadas por meio do ouro negro. Assim, especialmente em Rangel, há uma isenção das grandes empresas e do governo o qual era funcionário.

Exemplo disso consta no conto Maiby, onde o autor fala do drama dos endividamentos dos seringueiros diante aos patrões, e, que para saldar suas dívidas, tinham como moeda de troca a mulher, vista como produto, *coisificada,* que seria dada como presente ao que tivesse saldo, ao que pudesse arcar com a dívida.

“O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos”, que a tanto montava a adição das parcelas de dívidas de quatro anos atrás, e “cedia a mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio” (RANGEL, 2001, p. 198) que, por sua vez, assumia a responsabilidade de pagar a dívida. Rangel (2001) reafirma contundentemente que a empresa seringalista era escravagista, logo, avesso da *civilização* nacional, onde o sertanejo era *isolado*, sofria diante da opressão naqueles *sertões* ou *desertos esmos* e *atrasados,* premidos pela natureza que o degradava, assim como o sistema de aviamento.

Maiby acaba desaparecendo, e quando Sergio põe-se a procurar, com o empregado do patrão, a encontra crucificada, como uma “extravagante orquídea”. O sangue jorrava nas tigelinhas de látex, mostrando a degradação humana do seringueiro explorado que é levado a matar sua própria esposa (RANGEL*,* 2001, p. 218) perante os regimes do seringal e da terra, mas, em especial, diante do regime imposto pelo capital. Pessoas eram apenas objetos dessa engrenagem que não poderia parar.

Tal análise era feita por Rangel e por Euclides apenas ao seringal, a ganância do patrão, eximindo, em grande parte, o Estado e ao paradigma dominante, pois os dois autores estavam envoltos por estes e os defendiam, já que, para eles, tudo em contramão ao *progresso e civilização* era exemplo de *atraso*, avesso, *isolado.*

Cunha, em relação ao conto Maiby, relaciona com essa visão de *isolamento* da Amazônia e dos seringueiros, da inferioridade racial e à crueldade do aparelho de aviamento e da natureza, em maior ênfase, e não ao governo.

> Maiby é a imagem do Amazonas multilada pelas miríades de golpes das machadinhas dos seringueiros. Na 'hospitalidade', o homem decaído, volve, em segundos, por um milagre de atavismo, à tona da humanidade, antes de mergulhar de uma vez na sombra, dia a dia mais espessa, da sua decrepitude moral irredutível. (CUNHA, 2000, p. 330)

O homem decaído da moral é o mesmo que foi ludibriado, muitas vezes; é o "aventureiro" em busca de enriquecimento fácil; ou o fugitivo dos flagelos das secas do *Norte,* que se lançou a este inferno ainda em formação, lugar de morte, monótono, caos, destinados a não produzir culturas a mercê dos regimes da natureza e do patrão (RANGEL, 2001; CUNHA, 2000; 2006).

A esse despeito, os ecos euclidianos se dão também em outras narrativas de Alberto Rangel, onde este passa a analisar e/ou perpetuar a mesma visão determinista da natureza sobre o ser,

> No dilúvio amazônico, o homem trocaria bem os seus pulmões por guelras. Tudo lhe é acessível pela água. [...] Mas também, com o termo da enchente, o homem está ilhado, ou pior, emparedado. Baixando a água, baixa-lhe a capacidade de andejo. Não pode flutuar mais é como o tronco, que, de bubuia, e afinal, pesando por encharcado, desce o rio para apodrecer. (RANGEL, 2001, p. 12)

A água ditando o ritmo da vida, assim como anos mais tardes, se pôde perceber tais ressonâncias em Leandro Tocantins, a imagem do *homem isolado, prisioneiro* da natureza destinado a desaparecer, *condenado à morte* diante daquele lugar de *atraso, de escravidão, do verde infernal.*

Esse "aventureiro" atrás de enriquecimento, através do vislumbre das terras amazônicas serem um *Eldorado,* fez com que sua esperança se decaísse juntamente a ele diante do lugar de *morte, cheio de perigosos e animais visíveis e invisíveis, de doenças, de exploração, atrasado, desolado, inferno,* enfim, *isolado (*RANGEL, 2001; CUNHA, 2000; 2006)*,* avesso da *civilização* figurado por Euclides e depois por Rangel em suas interlocuções.

Corroborando, Cunha asseverou, no seu prefácio da obra *Inferno verde* a respeito de Rangel e do Amazonas, “é uma grande voz, pairando, comovida e vingadora, sobre o inferno florido dos seringais, que as matas opulentas engrinaldam e traiçoeiramente matizam das cores ilusórias da esperança.” (RANGEL, 2001, p. 22). Por meio dessas verbalizações, Alberto Rangel desfecha, em alusão ao homem diante a natureza e a *cobiça* de enriquecer, que grita de agonia e ecoa mais alto à Amazônia a imagem infernal.

> Minha terra, minha terra, que deixei [...] Em dado momento atirou-se às rosas, e as arrancava das hastes, sangrando-se nestas. Procurava cobrir-se das corolas despedaçadas; levava-as à cabeça, tentando delas coroar-se anacreôntico, num triunfo que não merecesse. Logo as repelia de si, ajuntando-as depois; beijava-as e procurava esmagá-las com os pés. E, lamentavelmente ferido, o Souto, tropeçando, debatendo-se no roseiral, desflorava-o, ceifando-o num desancar de tufão. Justamente quando o Miguel chegava, acompanhado de um seringueiro, ele caía no estendedouro do rosal, apostrofando à mata, esposada pelo rio: **- Inferno!... Inferno...Verde!** (RANGEL, 2008, p. 161-162)

A imagem da Amazônia brasileira (re) inventada por Euclides ecoou na Amazônia de Alberto Rangel, reflexo das vozes euclidianas por meio das interlocuções entre esses dois autores, tanto por cartas enviadas a Rangel por Cunha por conta da Expedição de Reconhecimento do Purus, quanto pelas publicações de seus primeiros escritos em *Contrastes e Confrontos* e até em *Os sertões*. As tessituras euclidianas, debruçadas sobre Bakhtin (2003), deram *o tom de autoridade, nas quais as pessoas se baseiam, citam, seguem ou imitam.*

Logo, sua imagem retratada e divulgada nas mídias pelas ficções cinematográficas, ou imaginada por “aqueles que nunca estiveram nos vários estados que compõem essa região, apoia-se ainda, nos conceitos e nas noções que esses dois escritores produziram há mais de cem anos”, segundo assegura Queiroz (2017, p. 34).

Não obstante, o mesmo *tom* foi percebido e repercutido na voz do historiador, poeta e contista paraense Leandro Tocantins (1919-2004).

Leandro Goes Tocantins viveu sua infância no Acre e adolescência no Pará, porém, foi no Rio de Janeiro que aflorou o escritor, em ocasião de suas formações em Direito e depois Comunicação.

Tocantins, ao contrário de Euclides e Rangel, é de um outro momento

histórico. Ele começa a tracejar pelos ideários desenvolvimentistas a partir do governo Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954) e, posteriormente, através do governo militar no Brasil (1964-1985).

É um autor que faz uma crítica à política da Primeira República apontando o abandono amazônico, além disso, admoestou também a atenção dada à região Sul e Sudeste em relação a políticas públicas não instauradas à Amazônia, agravando o seu *isolamento* em detrimento destas regiões.

Apesar disso, Tocantins, assim como Euclides, apresenta certa contradição, apesar de ser um crítico à exploração da Amazônia por estrangeiros, pois coaduna com o governo militar, a partir de 1964, o qual era envolvido nessa ordem paradigmática dominante do capital, com financiamentos dos Estados Unidos.

Ocupou diversos cargos de importância política, como Assessor na Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia; Procurador da Caixa Econômica Federal do Estado do Rio de Janeiro; Diretor Geral do Departamento Nacional da Indústria e do Comércio; Ministro da Educação e depois da Justiça no governo do Amazonas.

Já no Rio de Janeiro, por meio das leituras, das ideologias, do contexto histórico que estava inserido, e suas interlocuções, Leandro Tocantins tem suas concepções reestruturadas. Corroborando a esta “reestruturação”, Gilberto Freyre foi um dos primeiros a destacar o dialogismo veemente entre o autor amazônico e Euclides.

Essa influência de Cunha sobre Tocantins é acentuada, quando ele escreve o texto de apresentação de seu livro, *O rio comanda a vida*.

> [...] vistas nos seus verdes violentos, nos morenos de tanta cor de água, voltado para paisagens e gentes amazônicas [...] fixando em páginas que, sendo literárias, não deixam de ser animadas de um tanto daquela ciência que esplende na arte de Euclides da Cunha. Um Euclides que sempre juntou ciência à arte de escritor. Mestre, portanto, de Leandro Tocantins como já fora mestre de Alberto Rangel. Amazonófilo lúcido e esclarecedor, o grande Euclides, seguido agora por Leandro Tocantins com um engenho a que não falta um modo pessoal de ser engenho. (TOCANTINS, 1983, p. 16)

Poderíamos não mais falar sobre essa influência, porque Freyre já havia destacado, em suas análises, sobre o dialogismo vívido entre o autor d’*Os sertões* e o de *O rio comanda a vida* ao asseverar veementemente a função de *mestre* do primeiro

sobre o segundo, além de evocar *as marcas* da escrita *fixadas*, *seguidor* de Euclides. Contudo, apesar de tal exame já esclarecedor, resolvemos demonstrar esses ecos euclidianos em algumas das tessituras de Leandro Tocantins.

Apesar de um contexto histórico social outro, Leandro Tocantins assim como Euclides, é envolto de um paradigma dominante, ou seja, dos interesses do Estado, e a ideia de trazer um *desenvolvimento*, *progresso e civilização para a Amazônia.* Tocantins (1983) destaca em sua escrita esse desejo, pois, para ele, seria como trazer uma *humanização* para a Amazônia, igualá-la aos grandes centros brasileiros, no que concerne à modernização e inclusão da região e das pessoas, defendendo ser um nacionalista, num *ato político e cívico* assemelhando-se a Euclides.

Nessa conjuntura de *progresso,* que do latim *progressus* significa *avanço, movimento para frente,* traz imbuído a ideia de controle do mundo, de tornar o ambiente objeto material para o uso racional do sujeito e não o inverno, pois, assim como Euclides, ele via a riqueza da região.

Todavia, também compartilhava de um determinismo da paisagem sobre o ser, como afirmara “a natureza absorve e prende o homem em suas malhas”, ou seja, o rio comanda a vida, entretanto, esperava, assim como Getúlio Vargas, que a existência humana conduzisse as águas (TOCANTINS, 1983, p. 19).

Logo, observamos a questão do *progresso* aliado ao *desenvolvimento*, visando o crescimento econômico da nação, da região, uma igualdade que Tocantins achara ter nos empreendimentos do comando militar de “integrar para não entregar”.

Para o autor paraense, a situação instaurada no país em 1964 incorporaria a Amazônia numa dinâmica nacional moderna e eficaz, pois era uma “ação integradora, humanizadora, que [iria] constituir regras dominantes na política do Governo em relação à imensa área tropical brasileira” (TOCANTINS, 1983, p. 14).

Iria "erigir fundamentos de uma civilização na selva" (TOCANTINS, 2002, Vol. 1, p. 253). Entretanto, esse não era o desejo do paradigma dominante que envolvia o governo militar e também o escritor paraense. O seu desejo era a cobiça e continuação exploratória da Amazônia, trazendo desenvolvimento para alguns; e, para outros, aumentando o abismo da pobreza.

Nele vimos uma imagem de Amazônia vista em Euclides, *vazia, esquecida, um drama angustiante de milhares de seres abandonados ao deus-dará* (TOCANTINS, 1983, p. 24), *espaço vazio, monótono, desabitado, mundo a ser conquistado pela civilização* (TOCANTINS, 1983, p. 30-32), isto é, avesso do

progresso.

Tocantins ratificava à Amazônia avessa ao *progresso*, uma localidade de *isolamento* em todas suas atribuições, isto é, avesso ao mundo *civilizado*, um local onde o espaço não é convidativo, onde a natureza das águas ditava e prendia o homem a um determinismo penoso[47], fatalismo geográfico, que demorava meses uma viagem para os sertões amazônicos. "À montante, no Purus, [há] uma longa jornada que conduz à boca do Acre e, por esta via, chega, afinal, a Rio Branco [no Acre], vencidos 5.432 quilômetros em um mês de viagem" (TOCANTINS, 1983, p. 110)

O escritor destaca a perda de tempo, porque "na vida moderna 'o tempo coverte-se em mercadoria, um gênero, no sentido que se havia convertido o dinheiro', o que se ajusta bem à economia geográfica [da Amazônia Ocidental], de um povo insulado" (TOCANTINS, 1983, p. 111).

Por fim, a este *isolamento,* conclui Tocantins sobre a Amazônia, fazendo tornar audíveis os ecos euclidianos, solidificá-los,

> O espírito angustiante das distâncias tirânicas [...] Mas quem poderá controlar as formidáveis e dispersas energias do Amazonas? [...] Ela continuará selvagem, primitivo, entregue aos devaneios de sua geografia. Condena a um terrível isolamento, os habitantes dessas circunscrições [...] um povo que se viu *insulado* do país e da própria comunidade de seu Território. (TOCANTINS, 1983, p. 111, 232)

Corrobora, mais recentemente, já em 2010, a esta visão cheia de ecos de Euclides da Cunha, a obra do jornalista Daniel Piza, que refaz o itinerário euclidiano, fato que nenhum outro escritor ou cientista refez desde 1905, como ele mesmo reafirma em seu livro, *Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido*. "Ninguém havia feito a mesma extensão de trajeto desde a Expedição de Euclides" (PIZA, 2010, p. 23).

Dessa *viagem recente* resultou, descreve Milton Hatoum em prefácio da obra de Daniel Piza (2010), uma série de imagens e observações que "dão um retrato vivo e significativo de um território isolado, como se pertencesse a um 'desvão

[47] Como reafirmamos anteriormente, Tocantins (1983) também recaí em contradições. Ao mesmo tempo em que assevera um determinismo da natureza sobre o homem, afirmando uma espécie de ditadura das águas, e ecoa a voz euclidiana de *isolamento*, também demonstra "a interdependência do homem e natureza, como coabitantes do mesmo espaço" fazendo um abertura, a nosso ver, fenomenológica, dando pistas a essa visão e/ou construção.

obscurecido da história', para usar as palavras do próprio Euclides da Cunha" (HATOUM, 2010 *apud* PIZA, 2010, p. 19).

Milton continua falando sobre o relato de Daniel que assinala diferenças, porém, semelhanças importantes na paisagem física, social e econômica entre 1905 e 2009. A "primeira grande diferença é a estagnação econômica que se encontra a Amazônia em relação ao tempo que Euclides viajou, o progresso até o Acre não se concretizou e a região ainda é desconhecida" (HATOUM, 2010 *apud* PIZA, 2010, p. 20).

Assim conclui Milton: "o relato e as imagens de viagem dos jornalistas ao Purus [...] oferecem ao leitor uma visão mais realista e nada idealizadora de um Brasil tão distante" (HATOUM, 2010 *apud* PIZA, 2010, p. 21).

Daniel Piza (2010), em sua narrativa, incorpora elementos da fala euclidiana para contextualizar o seu itinerário e suas impressões que, na maioria do livro, faz emergir as ressonâncias de Euclides em sua tessitura, além de enaltecer o autor de *À margem da história.*

Como Euclides, Piza reafirma que "em poucas horas, testemunha aquilo que se havia lido em Euclides" (PIZA, 2010, p. 49), sobre o clima, os perigos, uma Amazônia que continuava monótona, atrasada, com a presença dos insetos infernais, desconhecida e ignorada pelo mundo. O caboclo ainda se via a mercê do determinismo do ambiente e da sorte na solidão do deserto, numa atmosfera de desolação.

3.3 Um olhar sobre a Amazônia a partir da mídia cultural *memes*

A história não é harmoniosa, contínua, para Michel Foucault (1997) ela entra na esfera que vai contra a metafísica com suas origens das coisas, de uma história linear ininterrupta. Ao contrário, para ele, conforme Rouanet (1996, p. 111, grifo nosso), "a história é essencialmente descontínua, feita de rupturas e descontinuidades. Não é o desenrolar previsível do mesmo, e sim uma série de **mutações inaugurais**".

Diante dessas mutações, descontinuidades, observamos outra invenção da Amazônia que acontece pela disseminação dos *memes.*

A partir dessa figura de linguagem, que fala por si só, resolvemos nos debruçar em seu conceito e na análise de algumas dessas gravuras para elucidar outra invenção da Amazônia.

Sua criação, enquanto conceito vem da zoologia, numa linha darwinista do autor Richard Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene – O gene egoísta – lançado em 1976. Segundo Dawkins, em observação aos cantos dos pássaros viu algo novo, uma "invenção", ou um replicador, o que ele reiterara como sendo imitação. Devido a isto, procurou cunhar como sendo*

> Um substantivo que transmita a idéia (sic) de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. 'Mimeme' provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como 'gene'. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada à 'memória', ou à palavra francesa même. (DAWKINS, 1976, p. 112)

Para ele, o *meme* seria então uma imitação num processo de replicação de uma ideia por transmissão cultural análoga a transmissão dos genes, ou seja, uma transmissão rápida de sons, de ideias ou de qualquer outra informação (DAWKINS, 1976).

Entretanto, num estudo mais apurado, Gabriel Pérez Salazar (*et al.*, 2014), percebe que Dawkins não avança no que concerne como um *meme* é criado, logo, seu conceito é reformulado para uma aplicabilidade social, levando em conta o lugar e/ou contexto de criação e práticas de processos comunicativos "en los que, además de que el meme adquiere un uso que es socialmente construido, se construyen diversos sentidos en torno a dicha reelaboración" (PÉREZ SALAZAR *et al.*, 2014, p. 81).

Dessa maneira, os autores prosseguem quanto ao poder comunicativo e o contexto de simbologia ao qual pertence o *meme* e as pessoas envolvidas nesse cargo de compreensão dos significados que ele transmite, seus dizeres.

Lissack (2004, p. 5 *apud*, PÉREZ SALAZAR *et al.,* 2014*,* p. 81-82) deixa a definição mais apropriada e, em consonância, dialoga com as acepções bakhtinianas, pois, segundo ele

> Los memes se han convertido en unidades semánticas capaces de evocar

> los significados a los que están asociados. Es el proceso de evocación y la eficacia del meme como disparador de atención, recuerdo y repetición del significado adscrito, lo que los vuelve relevantes. Esta relevancia, señala además Lissack, se presenta a partir de contextos específicos en los que surgen y en los alcanzan su mayor potencial referencial.

Os *memes* assim incorporam-se como unidades linguísticas, signos que têm significados, carregam contextos históricos e sociais, simbologias que aqueles imersos nessa conjuntura irão compreender suas representações carregadas de sentidos, suas ideologias por meio nos discursos que exalam "los valores, costumbres e ideologías que prevalecen en um espacio de afinidad específico, que se verán reflejados en los actos comunicativos que ahí ocurran" (PÉREZ SALAZAR, 2017, p. 104).

No Brasil, o aparecimento se dá por volta do ano de 1998 e o seu significado vai ganhando robustez e consenso com o conceito de Dawkins (1976), conforme nos certifica Natália Botelho (2015),

> O primeiro registro do uso da palavra 'meme' na internet é de 1998, quando Joshua Schachter criou um site chamado *Memepool*, que reunia links virais e outros conteúdos. Em seguida, no começo dos anos 2000, Jonah Peretti, que havia criado um site chamado *Contegious Media*, pelo qual fazia experimentos virais, realizou, com um grupo de amigos, um 'festival de virais' que contou com a presença de várias personalidades influentes na disseminação e criação de artefatos culturais na *web*. De acordo com Kenvatta Cheese, um dos cocriadores do *Know Your Meme*, nesse evento a teoria de Dawkins foi relembrada e a partir de então o termo 'meme' começou a ser utilizado para definir tudo aquilo que se espalhava na internet. (HORTA, 2015, p. 13-14)

Essa figura então vai ganhando uma conjuntura de práticas de comunicação na internet que compreende, para Fontanella, "ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação de forma viral" (FONTANELLA, 2009, p. 8). Entretanto, observa-se que ele ganha uma gama da utilização nos espaços virtuais a partir de sua amplitude e denotações que incorporam. Para o autor,

> Podemos sugerir que los memes tienen una muy amplia gama de usos sociales, que, si bien frecuentemente incorporan elementos humorísticos, pueden hacer referencia a muy diversos temas; y reflejar al menos una parte de los referentes identitarios que nos representan ante los demás [...] **centraremos en la idea de que, a través de los productos comunicativos, es posible identificar rasgos que caracterizan a las**

> **formas de entender el mundo que les han dado origen.** En otras palabras, todo mensaje de alguna manera puede dar indicios sobre las estructuras culturales de quienes los han generado. (PÉREZ SALAZAR, 2017, p. 99-100, grifo nosso)

Em consonância com as palavras de Peres (2017), notamos que esses produtos comunicativos trazem, incorporam interesses, desejos, vivências, ideologias, uma vez que são fabricações sociais, culturais, de um tempo e local, esferas de sentidos, de relações coletivas, logo, eles ganham vida, se tornam linguagem, falam por si, (re) inventam espaços e seu povo.

> Como recurso expresivo, completamente abierto al uso que cada usuario decida hacer, desde su capacidad de agencia. Como signo, los memes operan bajo una lógica idêntica **a las palabras; que pueden ser usadas para fortalecer, construir o expresar los sentimientos más nobles; igual que para lastimar, denostar o reflejar odio y desprecio** [...] en Internet, y que muestran distintas expresiones de racismo, discriminación e intolerância. (PÉREZ SALAZAR, 2017, p. 104-105, grifo nosso)

Ora, o seu uso também está atrelado à descriminação através desses estereótipos inventariados carregados da verdade como feito, no que concerne aos *memes* que inventam a Amazônia como *isolada*, por meio das interlocuções, suas similaridades, suas amarras, seus dialogismos prenhes, porquanto o estereótipo tem como principal estratégia discursiva, forjar conhecimento e identificação que *vacila entre o* ***que está no 'lugar' já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido*** (BHABHA, 1998, p. 105, grifo nosso).

Vale ressaltar que para Foucault (1996) esse discurso não é sempre repetitivo ou velho, é novo, pois parte do contexto espacial e temporal, das rupturas em meio a relações de forças.

Dessa forma, observamos que esses enunciados de invenção da Amazônia (re) aparecem nos exercícios de dominação para que coadune com os interesses de uns frente a outros; de um Território frente ao diferente, que assegure o poderio e suas cobiças.

Deleuze (2012) nos abre os olhos para às estratégias que nunca cessam, se moldam aos desejos e ânsias daqueles que estão no poder, nas descontinuidades históricas, que os disseminam ao restante da sociedade e, assim, de acordo com Michel Foucault, que tentam instaurar repercussões de veracidade.

Logo, a partir desse meio de linguagem, passou-se a eclodir, nas redes

sociais de domínio da internet, de construtos enunciativos que inventam à Amazônia um *isolamento*, isto é, atraso, “lugar onde só tem índio”, de “longas distâncias em que se perde tempo” etc.

Para lembrar-nos, retomamos, outra vez, a termologia *isolamento* como uma categoria, porque ele passa de sua simples denotação para uma conotação, ou seja, referindo-se a outros significados, englobando-os. Como sinônimo de atraso, homogeneidade, de terra sem prestígio, lugar (de) selvagem, de abandono, à margem da história, inferior, etc.

Em relação a essa mídia cultural, podemos observar essa repetição demoníaca em torno das Amazônias por meio de suas figurações carregadas de sentidos e desejos. Outrossim, vale destacar que estes *memes* aqui expostos foram recriados por pessoas de fora da Amazônia, conforme nossa pesquisa, pois essas páginas onde se reproduzem essas imagens são, em grande parte, do Centro-Sul do país.

Já outras páginas como a *Memedroid* e Revista *Rua,* mostram como as pessoas amazônicas são vistas quando revelam seu lugar de origem, no caso Amazonas e Rondônia, ou seja, *parte de “los referentes identitarios que nos representan ante los demás” (SALAZAR PÉRES,* 2017, p. 99), onde elas mesmas falam e traduzem os estereótipos e/ou imagens retorcidas que os outros atribuem a elas a partir do seu ambiente. Todavia, vale lembrarmos que essas imagens perdem qualquer autoria, pois agora pertencem à linguagem que, em sua forma, fala por si.

Vejamos,

Figura 13- *Meme* “o Brasil visto pelos brasileiros”.

Fonte: Domínio público nas redes sociais.
Elaborada por Juninho.

A figura 13, “O Brasil visto pelos brasileiros”, aqui, como o título já expressa, que roda as redes sociais: *Facebook, Instagram, Twitter, Whatsapp* e páginas da internet, assim como asimagens seguintes, mostra a região Norte do país como ainda sendo *atrasada*, onde só tem *mato*, esquecendo ou ausentado sua importância para a política e economia do país; as culturas riquíssimas de uma gama de povos; o desmatamento que esta região sofre.

Além disso, pinta-se à parte da Amazônia Sul Ocidental o conceito de “fim do mundo”, desconhecida, *erma, isolada,* cá manifesta em alguns dos significados que o termo *isolamento* engloba: o de grandes distâncias, o geográfico, dessa forma, (re) inventando o espaço e o ser amazônico, já que a criação se realiza, se fabrica, por “relações de poder, não através de *grandes eventos*, mas de sucessivas rupturas que não cessam de acontecer [no tempo e no espaço], tal como o conhecimento” (GONÇALVES, 2015, p. 18).

Na figura a seguir, já partimos para as particularidades da Amazônia, ou seja, para cada Estado que a forma.

Figura 14- *Meme* da visão do Amazonas.

Fonte: Domínio público nas redes sociais.
Elaborada pela página Memedroid.

Neste *meme*, podemos notar, através de uma breve análise semiótica, a manifestação do que é ser do Amazonas, ou seja, seu território e seu povo para o Sul do país e para o mundo, pois, assim como o título já indica, “o que as pessoas pensam quando digo que moro no Amazonas”, mesmo sendo o maior Estado do país em dimensões territoriais, possuindo uma grande Zona exportadora, possuindo diversidade social e cultural, como os outros Estados federativos do Brasil, concebem-na a imagem do *atroz* que tem como animais de estimação a onça, o jacaré e a figura do *índio* (com carga pejorativa), homogeneizando os moradores do Estado inteiro e por que não dizer da região inteira?

Apesar de ter certa contradição com base nas imagens da TV e do computador. Contudo, a simbologia carregada é a mesma: visão de atraso, de terra e do ser como selvagens, homogêneas, enfim, lugar de *isolamento*.

E essa visão de homogeneidade das Amazônias fica clara na imagem a seguir (figura 14), que não era um *meme*, contudo, virou, haja vista que esta efígie linguística carrega em si esse efeito de zombaria, piadas, carga ideológica, etc., que se replica de forma viral.

Na página oficial das lojas Century, ao querer parabenizar a capital do Estado de Roraima, Boa Vista, a empresa cometeu um erro, porque fez alusão a capital do Acre, Rio Branco. Poderia ser apenas um erro? Talvez sim, entretanto, a imagem se tornou viral, falando de uma falha que já se tornou recorrente à região amazônica: sua homogeneização, seu desconhecimento e falta de interesse em conhecê-la.

Diversas vezes, durante nossa pesquisa, vimos “erros” que já foram, frequentemente, normatizados, ou seja, encontramos outros *memes* e/ou comentários nas páginas do *Facebook* e do *Instagram,* que igualavam outros territórios da região Norte do Brasil como se fossem os mesmos, sem acepção, de seus espaços, suas culturas, seu povo.

A título de exemplo, é muito fácil dizer que Rondônia e Roraima são os mesmos estados. Isto posto, avistamos que atribuem à Amazônia essa semelhança e se têm essas visões de homogeneização e de *isolamento*, com a carga total de significados que essa categoria nos traz.

Figura 15- *Print* "Visão homogênea da Amazônia".

Fonte: Página oficial da Century no facebook.

Ainda em análise da gravura 15, podemos avistar a Sede do Governo do Estado do Acre, o Palácio Rio Branco, que foi construído entre os anos de 1929 e 1948, porém inaugurado em 1930, ainda inacabado, pelo governo Hugo Ribeiro Carneiro, sendo um dos símbolos de *modernidade* para o Território acreano nesta época, pois edificavam os primeiros prédios de alvenaria, como o Mercado Velho e o atual edifício da Polícia Militar. Além disso, o Palácio é um cartão postal da capital Rio Branco.

Figura 16- *Meme* Enquanto isso no Acre.

Fonte: Domínio público nas redes sociais.
Elaborada pela página South America Memes.

Não obstante, no construto *memético* contido na figura 16, reparamos as feições cristalizadas ao Acre, diante das descontinuidades históricas, por meio de uma breve análise, onde é manifestada tão nitidamente a figuração de *isolamento* do Estado e de seu povo diante dos exercícios de poder e de seus efeitos veracidade. Percebem-se os significados desse *isolamento*, encontrados no *atraso,* uma vez que a imagem remonta ao jogo da final da Copa do Mundo de 2002, na Coreia do Sul e no Japão, onde a seleção brasileira se sagrou pentacampeã mundial, todavia, só agora, vinte anos depois, que o povo acreano está acompanhando a partida.

Essa linguagem traz ainda o contraste do restante do país e do planeta com o Acre, isto é, o estado sendo o avesso do *moderno* e *civilizado*, não só pelo atraso das informações visuais e sonoras da TV, mas da imagética do dinossauro, onde remonta ao Acre tempo e espaço distintos do restante do Brasil, ou seja, totalmente atrasado, fora dos moldes do *progresso* e *civilização* do mundo Ocidental.

Figura 17- *Meme* Visão do Amapá.

Fonte: Página do Nogueira.
Elaborada pela página Surrealista, 2016.

Na figura 17, outra vez, identificamos a interlocução viva entre as imagens *meméticas* aqui destacadas, já que, agora, no Amapá, há novamente a homogeneização de costumes, como se todos fossem *índios*, com uma carga pejorativa enorme aludindo ao *atraso,* ao *selvático*, *isolado* da *civilização*, povo sem histórias e sem culturas.

A gravura vai mostrando uma transformação quando, o rapaz está atendendo o celular e, de repente, ao dizer seu estado natal, vira um índio. Quer dizer, é concebido ao ser amazônico esse estereótipo do *bárbaro* frente ao *civilizado*, aquele que é indesejado diante do *progresso.*

Figura 18- *Meme* Visão de Rondônia.

Fonte: Revista Rua.

Neste *meme* “Como o povo pensa que em é Rondônia” – figura 18 -, numa leitura semiótica da imagem, notabilizamos a coadunação com o brutal*, primitivo, atrasado*. Observar-se que nos traços da figura do ser há uma caracterização do *primitivo*, o *homem das cavernas*, que, assim sendo, é remetido aos tempos primórdios, o que configura um *isolamento* de Rondônia perante ao restante do Brasil, no caso o Centro Sul e Sul do país, que são vistos como *modernos,* em vias de *progresso e civilização* em contraste com este homem e seu lugar de selvageria e retrocesso.

Por fim, trouxemos a última efígie deste capítulo, pois ela fala, além de reforçar a ideia de invento, de outros elementos recorrentes e conhecido nas capitais brasileiras: a questão da ilustração do assalto e o desmatamento da floresta amazônica.

Figura 19- Eis que você é da Amazônia.

Fonte: South America Memes.

Essa aparência comunicativa (figura 19) retrata bem um dos temas mais aludidos da violência em todos os cantos do Brasil, que é a imagem de dois sujeitos sentados numa moto que costumam causar medo, pavor nas pessoas, pois se tornaram sinônimos de assalto. Contudo, ao se referir ao espaço amazônico, houve a substituição da moto pelo cipó e do ser, que ganha um adereço corriqueiro nas comunidades indígenas, isto é, de uma pessoa comum que frequenta os espaços urbanos para a figura do índio, dando ênfase a figuração dessa invenção que o *meme* representa.

É interessante, também, assinalar que as pessoas sabem da exploração das florestas, do desmatamento que se eleva a cada dia, principalmente, pela política do atual governo do país, que liberou a entrada de empresas nas áreas indígenas em nome de um *progresso* para a região e o Brasil.

Numa contramão, podemos abalizar algumas dessas gravuras com o aspecto de sarcasmo, de ironia, de um fazer cotidiano de resistência, como de fato há alguns que trazem essa figuração. Contudo, trouxemos esta mídia cultural para delinear como essas visões de Amazônia ainda são recorrentes, como pessoas e lugares,

por suas ideologias, de seus interesses e produto do seu contexto socioespacial (re) inventam-na.

O que é aludido por Péres (2017), quando assegura que os valores, costumes e visões de mundo que prevalecem em um terreno que se veem refletidos nos atos comunicativos que ocorrem e hão de ocorrer e, como, tais imagens são erigidas a partir de um espaço concebido e não vivido, fazendo repercutir as incessantes invenções.

Portanto, pelas letras euclidianas foram (re) inventando-se discursos que instituíram à Amazônia um aspecto de *isolamento*. Através de Euclides, de seus enunciados, outros foram tomando-o em dialogismos, reproduzindo esse *isolamento*, solidificando-o a partir de suas escritas. Autores de renome como Alberto Rangel e Leandro Tocantins; jornalistas como Daniel Piza e por meio da criação dos *memes*, os inventos foram sendo ecoados através das descontinuidades, pois, como nos lembra bem Garcia Gonçalves, “as invenções não têm origem, elas são inventadas nestes interstícios” (GONÇALVES, 2015, p. 18) e cada uma delas é, para Foucault (2003), uma ruptura, por um lado, e por outro, um pequeno começo.

Após tais elucidações, de uma (re) invenção da Amazônia a partir de Euclides da Cunha, das interdiscursividades, e nos *memes*, no capítulo a seguir, objetivamos trazer outro efeito de verdade que, em suma, contrasta, embate e visa (des) construir as imagens instituídas ate aqui como sendo únicas, homogêneas e verdadeiras, a visão do ser amazônico.

Essa outra invenção nasce a partir de uma relação ser e espaço, das afetividades, alteridades, enfim, da produção e/ou ressignificação do mundo circundante e do ser inserido nele. São olhares endógenos que vêm, em seus sujeitos, tomar forma e serem ecoados através de suas vivências e lugaridades.

CAPÍTULO IV

UMA OUTRA INVENÇÃO: A PARTIR DO ESPAÇO VIVIDO

Vista do pôr do sol da/na Amazônia Acreana
Foto: bancos de dados do autor, 2016.

“Mil nações
Moldaram minha cara
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
O meu país
É meu lugar de fala
Ser feliz no vão, no triz
É força que me embala
O meu país
É meu lugar de fala”.

Elza Soares

Neste capítulo, dar-se continuidade aos construtos sobre a Amazônia, ou seja, suas invenções. Contudo, essa figuração será manifestada de dentro, pelo ser amazônico que, desse modo, vem de embate as outras visões construídas, a de Euclides da Cunha, na primeira metade do século XX e a dos *Memes*, no XXI.

Para tal criação, serão usados os estudos fenomenológicos de filósofos e geógrafos, como Martin Heidegger, Eric Dardel, Yi-Fu Tuan, Acosta e outros, que nos servirão como pavimentação para caminharmos rumo a uma análise da relação imbricada entre o ser e o terrestre, ou seja, a existencialidade desse sujeito amazônico que se dá em um espaço circundante, a relação sociedade-natureza; alicerçada por uma “ciência compreensiva e filosófica, que desvia da geometria em busca da geografia. Essa grafia é a própria existência humana em sua relação orgânica com a Terra” (DARDEL, 2011, p. 13).

Aqui, ecoará outras vozes, resistências e embates aos outros construtos e seus efeitos de verdade, pois, para a geografia humana, essa finalidade de veracidade como realidade só se emite, se pronuncia por um espaço vivido e não meramente observado, em concordância com aquilo que afirmou Marondola Junior (2012), onde o terreno não pode ser aquilo que alguém pensa, mas sim, o que alguém vive. Logo, não pode ser pensado e/ou influenciado através de visões exógenas da Amazônia, e, por meio dessa relação ser-lugar, suas experiências, desaguará em um bem viver desse sujeito e do seu mundo, provocando tensões e um embate, resistência à sociedade de desempenho e aos micropoderes enunciativos pautados no outro, de outro lugar.

4.1 Um bem viver pela (s) cidade (s) amazônica (s)

Dardel e Heidegger destacam que necessita uma relação entre a natureza e o

ser, ou seja, por meio do existencialismo humano dentro de um mundo circundante, que vai além do físico, é onde o ser mantém sua vivência consigo, com a terra e com o outro, pois, segundo os autores supracitados por meio do dialogismo, “para a ciência há uma presença do terrestre que é o ser-no-mundo, e entre o homem e a terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser” (DARDEL, 2011, p. 6).

Besse, em uma releitura de Dardel, enfatiza que é

> O mundo da existência, um mundo que agrupa certamente as dimensões do conhecimento, mas também, e, sobretudo, aquelas da ação e da afetividade. A geografia está implicada em um mundo vivido, um mundo ambiente da existência cotidiana dos homens. (BESSE, 2011 *apud* DARDEL, 2011, p. 114)

Consonante a esta ideia, o ser em imbricação com seu espaço passa a vivê-lo, a dar sentido após ser por ele também significado e, dessa maneira, abre-se um caminho para o bem viver. Esse espaço é múltiplo e o ser também.

A cidade, como espaço vivido, é permeada de heterogeneidade, de costumes, crenças, comidas típicas, linguagens, enfim, de muitas culturas. É justamente na variedade, na multiplicidade que a urbe mantém suas singularidades diante de outras, o que ocorre, com maior ênfase, em regiões diferentes.

Na região amazônica, por exemplo, é mais comum encontrar semelhanças entre elas, pois cultivam uma ligação íntima entre o urbano e a mata, os rios que, para Loureiro (2001, p. 65), a cultura do “mundo ribeirinho se espraia pelo mundo urbano, assim com aquela é receptora das contribuições da cultura urbana. Esses mundos interpretam-se mutuamente".

Ancorados nessa visão, observamos como os laços culturais são fortes, a exuberância da natureza, a alimentação que seduz esses dois meios coexistentes, o que conota a cidade não como um modelo único. “O extrativismo gerou cidades (fenômeno mais recorrente na Amazônia com a exploração da borracha), não só no espaço físico, produziu subjetividades muito fortes entre seus habitantes” (IBAÑEZ, 2015, p. 95), as quais geram um fascínio, um encantamento entre o ser e o seu espaço.

Além desses fortes vínculos, há, em muitas cidades amazônicas, a inserção desse "espaço ribeirinho": o rio, o ser, a pesca, a colheita, as canoas, barcos, etc. A

natureza gera fascínio no ser urbano, chama-o, ressignifica-o, e faz com que alguns se tornem resilientes e, posteriormente, constituem-se subversivos aos discursos do capital e dos outros micropoderes que dele e da sociedade se edificam perante ao homem/mulher.

A cidade passa a ganhar então espaços privilegiados de afetividade, emoções, que se tornam fugas, dispersão das teias de poder.

O homem passa a ser "ordinário", insurgir com microrresistências, tornando a cidade não mais inimiga pela vida corriqueira do trabalho, de produzir mais, do consumismo, da ansiedade, pelo contrário, seus espaços passam a se relacionar com o ser, e vice-versa, e estes com outros, por meio da tomada de consciência, a empatia, a "aceitação" de si e do diferente, da austeridade à natureza, sem espoliá-la em nome de um desenvolvimento que não chegou a todos.

A natureza “não está aqui para nos servir, até porque nós, humanos, também somos natureza e, sendo natureza, quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos” (ACOSTA, 2016, p. 15).

Destarte, conforme asseverado, o ser só se fará reinvenção de si e da sociedade, conforme destaca Oliveira (*et al.*, 2018, p.45), "através dela" (a natureza).

Antes de darmos prosseguimento, é relevante esclarecemos o que seria essa passagem do homem ao ordinário, e as microrresistências.

Para tal empreendimento, utilizaremos aqui os estudos de Michel de Certeau (1998) em seu livro a *Invenção do Cotidiano*, os quais se harmonizam às concepções de Foucault quanto ao pensar o poder, em conformidade com Silva e Silva (2016, p. 10), como “fluxo, um movimento, nem localizável e nem pertencente a algum grupo, tensionado, ora usado para constituir estratégias de opressão e ora requisitado nas táticas de sobrevivência”.

Logo, se apropriaremos de seu pensamento de resistência não só diante do poder da governabilidade, das amarras do capital, mas das tensões em sociedade, das invenções, dos regimes ou efeitos de poder.

> Homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. (…) Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na

multidão do público. (CERTEAU, 1998, p. 57)

Essas resistências estão correlacionadas ou são manifestadas no cotidiano do sujeito amazônico. É justamente o ser que passa a tornar-se ordinário através das invenções cotidianas, da arte do fazer. Logo, ele pode estar nas rodas de conversa, nas brincadeiras e/ou reuniões de amigos, no encontro do barzinho, do sentar-se e contemplar o rio, no namoro na praça, no aconchego do lar, nos braços da pessoa amada numa noite lancinante; na observação atenta à natureza, entre tantas outras formas.

Podemos testemunhar tais fugas ou microrresistências a começar de imagens e algumas falas breves desse ser, pois a figura fala por si só, evoca pensamentos, lembranças, lugares, afetividades, emoções, etc. De igual modo, o contemplar a natureza em meio à cidade enfatiza mais ainda essa arte do fazer cotidiano em embate com o poder da sociedade do consumismo, do desempenho e das figurações e/ou invenções da Amazônia a partir do outro, de discursos “de fora”, que apenas observaram-na, mas não a viveram, pois, espaço percebido pela imaginação “não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. É vivido em sua positividade, mas com as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1993, p. 19).

O espaço amazônico, nessa acepção, não deve ser aquele visto com indiferença, ele tem que ser imaginado enquanto vivência e não por olhares alheios de quem não o viveu ou não o vive. Dessa maneira, as imagens a seguir dão a tonalidade das experiências nesses palcos amazônicos por meio da interação ser e natureza.

Figura 20- Contemplação do rio Acre na capital acreana.

Fonte: Banco de dados do autor.

Evocamos Relph (1979), para quem os espaços possuem lugares da memória, e vamos adiante, ao pensar que os lugares, as imagens, os sons, o sabor, etc., vão levando o ser para suas memórias mais antigas e felizes, acionam dispositivos que remontam ao seu lugar, à sua terra, à sua vivência, à saudade, parecendo que esses a transfiram para lá, como o bater dos calcanhares de Alice. Todavia, ao olhar, ao sentir, ao ouvir, ou, ainda, recorrendo a Tuan (1986) sobre o que ele chamará de memória do bem viver, podemos observar que ela se manifesta a partir de algumas imagens que traduzem o contato, como o afetivo.

Quando refletimos sobre a viagem que a imagem, um espaço, um som, etc, pode trazer ao ser, pensamos na figura acima. Nessa fotografia (figura 20), datada de 2016, Andressa Silva era estudante em Rio Branco-AC, e relata brevemente o que significava olhar àquele lugar, saudades de casa, da minha família, nesse momento que olhava para o rio Acre, ela era levada ao seu lar, era como se “eu estivesse olhando para o rio Muru, no seringal onde nasci, Novo Porto, perto do

Jordão, no Acre, e se sentisse em casa, no meu lugar, onde era feliz e sentia paz”[48].

Ora, o rio Acre, com suas águas barrentas, o som de sua correnteza, com seus barrancos floridos pelo verde da mata a levara às águas do Muru, a fez viajar quilômetros, concebendo a ela se sentir no aconchego do lugar apenas ouvindo e olhando para ali.

Além disso, manifesta-se seu modo de vida no seringal, da criação de animais, do andar pela mata, no mover-se de barco, o gosto da comida de caça, ou seja, emerge o modo de vida do ser, de sua subsistência, a qual tinha ali, um bem viver, que fora acessado pela natureza da cidade.

O ser ordinário emerge dessa relação afetiva que a transfere para seu lugar, momento de fuga. Assim, podemos notar essas resistências na figura a seguir.

Figura 21- Pessoas reunidas no calçadão da Gameleira-Acre.

Fonte: Ascom- UFAC.

A imagem elucida bem essas “fugas” do ser amazônico. Nela são observadas várias pessoas à beira rio, mais precisamente, no Calçadão da Gameleira, localizado em Rio Branco-Acre, às margens do rio Acre. As pessoas encontram sossego, encontram paz ao olhar às águas barrentas em movimento, ao resistir e/ou fugir da sociedade de desempenho, provocando tensões e, por consequência, rupturas.

[48] Relatos e/ou depoimentos do Banco de Dados do autor, coletados entre os anos 2017 e 2020.

Exemplo disso é o depoimento de uma dessas pessoas, a professora de Ensino Fundamental da Rede Estadual de Educação do Acre, Rilane Fernandes, de 45 anos, nascida na estrada de Boca do Acre, BR 317, km 58, rodovia que liga os estados do Acre e Amazonas. De acordo com ela, logo após sair da aula, no período vespertino, sempre vai sentar na beirada do rio e ver os movimentos de suas águas. "Gosto da paz que a água me transmite, até mesmo andar no rio sinto tranquilidade, uma alegria inexplicável [...] Quando estou cansada ou estressada, olhar para a água me acalma. Não trocaria esse lugar por nenhum outro"[49].

Muitas pessoas vão, a cada dia, se transmutando, ganhando consciência que tudo o que tem já é motivo de felicidade, que não precisam de mais, de enriquecer, da ganância. Que são felizes com o que fazem, se aceitam do jeito que são, que é o essencial para viver, não meramente; da natureza se nutrem, se tornam parte dela, palco fértil para o desenvolvimento e/ou florescimento de um bem viver, visto que, "o espaço, o grande espaço, é amigo do ser, portanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia-a-dia (sic), num 'canto do mundo'" (BACHELARD, 1993, p. 211).

Esse espaço que Bachelard cita acima se refere a um espaço vivido que só pode existir a partir do ser em ação que, para Heidegger (2015), é onde o ser-aí é lançado para efetivar-se como um ser-no-mundo. Logo, esse espaço vai ganhando uma conotação, o que chamamos de lugar. Ele é aquele em que o indivíduo se "encontra ambientado, no qual está integrado. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas" (COSTA; ROCHA, 2010, p.37), pois "o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que vivo" (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 14).

O ser só pode exteriorizar seu mundo pela sua relação com a natureza e com o outro que coabita com ele. É dessa relação que emerge uma tonalidade afetiva, um viver bem que enfrenta as invenções amazônicas a partir do outro - aqui, Euclides e os *memes* -, haja vista que "a realidade geográfica [...], a 'geografia' permanece, habitualmente, discreta, **mais vivida que exprimida**" (DARDEL, 2011, p.34, grifo nosso), desse modo, Dardel nos embasa para enfatizar que a figura da Amazônia terá, apenas, uma nuança de realidade através do próprio homem em sua existência. E essa será a terra fértil para florescer um bem viver que vai de encontro

[49] Relato e/ou depoimento do Banco de Dados do autor, coletados entre os anos 2017 e 2020.

às outras ideações de fora desse espaço, fazendo surgir uma invenção de dentro.

O bem viver ainda é um processo, é um conceito ainda em construção, cremos, que seja uma contínua criação em meios aos acontecimentos e rupturas históricas. Nesse bojo, ele também incorpora a contemplação. As imagens de lugares, como o por do sol (conforme figura 22), o céu estrelado, as matas, rios, a arte visual (*vide* imagem 23) e tantos outros cenários esplendorosos que as Amazônias oferecem ao observador.

Nesse sentido, pelas falas do ser amazônico, seus modos de vida, seus sorrisos, seus lugares múltiplos, essas experiências saltam aos olhos de outras pessoas, uma vez que, para Tuan (1986), existe um brilho de reconhecimento no olho do outro, que não nos deve surpreender. Esse brilho pode ser visto e refletido por meio dessas ilustrações da paisagem humana, ou da arte, em conformidade com as imagens a seguir.

Figura 22- Por do sol em Xapuri-Acre.

Fonte: Denilson Almeida, 2020.

Figura 23- Arte visual de um menino à beira do açude.

Fonte: Artista plástico Leandro Costa, 2016.

A arte visual é uma enunciação carregada de vivência do ser e o ambiente, do seu contexto geográfico e histórico, destarte, é também ideológica, conforme Bakhtin já dizia, “um instrumento [ou imagem] pode ser convertido em signo ideológico” (BAKHTIN, 1995, p. 32). Ele faz referência ao caso da foice e do martelo como emblema da bandeira da União Soviética, segundo o autor, “a foice e o martelo possuem, um sentido puramente ideológico” (BAKHTIN, 1995, p. 32).

A tela vem até nossos olhos curiosos, nossa imaginação sedenta com ressonância de um terreno vivido pelo artista. Podemos observar um menino à beira de um açude ou igarapé, sentado sobre o capim, com os pés descalços, com um livro nas mãos, sem blusa, vestido apenas com um calção, fazendo nos transportar a um cenário que o envolve, uma paisagem comum da/na Amazônia, assim como o lindo por do sol (*vide* figura 22).

Mergulhos alternados com a leitura para afugentar o calor do sol que queima a pele em brasa e, ao mesmo tempo, o prazer de viajar por outros mundos através da apreensão, de flutuar pelas águas que lavam muito além do corpo, banham a alma. Dão sentindo e ânimo num prazer que se relaciona com essa natureza. Ao

entardecer, o vento mais frio prenuncia o anoitecer e ele sente o sol dizer-lhe: “até breve!”. Os animais que cantam ao seu redor, a natureza o abraça e ele se sente aconchegado, protegido, parte dela. Desprendido de preocupação, de um mundo legislado pelo capital. Sente-se feliz com esse mundo que o circunda, faz parte dele, o concebe sorrir, é seu.

O lugar é contemplativo e relacional ao ser, logo, assim como essas ilustrações, a poesia também transita, imana para o outro, a partir dessas experiências, o transmuta para um viver bem, um gozo, uma experimentação através da imaginação empática que o guia.

Para aclararmos isso, recorremos aos dizeres poéticos do amazonense Thiago de Mello.

O animal da floresta

De madeira lilás (ninguém me crê)
se fez meu coração. Espécie escassa
de cedro, pela cor e porque abriga
em seu âmago a morte que o ameaça.
Madeira dói?,
No crepúsculo estou da ribanceira
entre as estrelas e o chão que me abençoa
as nervuras.
Já não faz mal que doa
meu bravo coração de água e madeira[50].

O poema acima transcrito nos mostra a relação de imbricação, embrionária entre ser e natureza, quando o poeta declama "da Madeira lilás, (ninguém me crê) se fez meu coração", harmoniza com a afirmativa de Dardel (2011, p. 112), “em que o terrestre e o humano se ajustam a uma medida original”. Mello, também, caminha pela linha de frente da resistência, do embate do *bien vivir*, quando denuncia e convoca o ser para uma conscientização que a modernidade destrutiva e exploratória ameaça a natureza amazônica, quando afirma que a "espécie escassa de cedro, pela cor e porque abriga em seu âmago a morte que o ameaça".

Além disso, o poeta nos conduz pelo imaginário empático que suscita sua experiência ao nosso pensar, sentir. É como se fechássemos os olhos, e fôssemos transfigurados dentro de seus ecos como um bem viver acessível a ele e, através

[50]Poesia de Amadeu Thiago de Mello. Disponível em: http://www.jornaldepoesia.jor.br/tmello.html#ani. Acesso em: 14 de abril de 2020.

dele, a nós, quando tece "pergunta quem me vê os braços verdes, os olhos cheios de asas. Por mim responde a luz do amanhecer que recobre de escamas esmaltadas as águas densas que me deram raça e cantam nas raízes do meu ser". Haja vista que “a experiência pode [...] ter a mais ampla ressonância, como os poetas têm mostrado” (TUAN, 1986, p. 7).

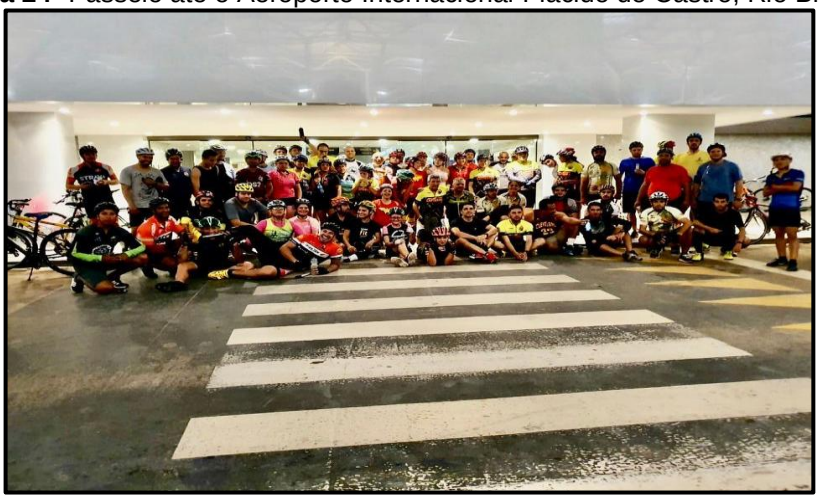
É justamente do ser lançado à natureza, que a vive, que reluz a ele uma espécie de revelador das práticas sociais, que passa a ser a referência central, que repousa o bem viver. Pois, entender em qual condição vivem homens e mulheres da Amazônia “não pode ser pretendido apenas sob o olhar de dados, números, mapas, catalogação de espécies. Há algo subjetivo e muito maior que se dá no interior dos habitantes tradicionais" (MARQUES, 2010, p. 80).

Além das fugas, das aversões, das imagens e/ou da natureza que se apresenta ao sujeito, do sentido e sentimento de lugar, das lembranças, das transformações em seu ser, sua empatia, etc, que concebem o bem viver se presentificar na cidade, há outros modos para sua aparição através dos grupos que são formados com o interesse de se integrar, Oliveira (*et al.*, 2018).

Os quais provocam relações dos sujeitos consigo mesmos, e com o mundo urbano, através de um coletivo que defende ou realize espécies de projetos ambientais, como revitalização de praças, nascentes; turmas de ciclistas ou de caminhadas à observação, sensação de interagir andando pela localidade, etc., buscando "direcionar o olhar para a cidade não ficcional, sem descuidar do lúdico; miram a cidade real, suas contradições e segregados socioeconômicas e espaciais" (OLIVEIRA *et al.*, 2018, p. 45). Para ela esses são exemplos de bem viver.

Nas cidades amazônicas há diversos desses grupos que poderíamos citar. Os das *bikes,* como a *Equipe Capivara* em Rio Branco-AC, que faz pedal pelas lugaridades da urbe do Acre, ou os Moto clubes da Amazônia, como os *Abutres 1%*, que constitui o mesmo passeio pelas cidades amazônicas, trabalho social, entre outros (conforme ilustram as figuras 24, 25 e 26), embora, nossas aspirações de bem viver não estão centradas nestes. Entretanto, trouxemos algumas imagens com o intuito de elucidarem vocês, leitores, além de embasarem nossas tessituras.

Figura 24- Passeio até o Aeroporto Internacional Plácido de Castro, Rio Branco.



Fonte: Grupo da Equipe Capivara.

Figura 25- Reunião dos Motoclubes Abutres da região Norte.

Fonte: Página dos Abutres 1%.

Figura 26- Trabalho Social nos bairros.

Fonte: Página dos Abutres 1%.

Vale lembrar que o bem viver, segundo Acosta, “não pode excluir possíveis contribuições da vida comunitária não indígena dentro dos próprios sistemas de dominação dominantes de uma colonização que já dura mais de quinhentos anos" (ACOSTA, 2016, p. 77).

É importante, nesse momento, destacarmos e elucidarmos um elemento crucial que ganha notoriedade nos estudos sobre bem viver, que é a questão da empatia, do seu desenvolvimento; da transformação até a transfiguração do sujeito em ser pensante da alteridade na praticidade do dia a dia.

Para Tuan (1986); Oliveira (*et al.*, 2018); Rifkin (2011); Acosta (2016) no ser, a imaginação empática ou empatia se dará de forma sempre relacional dentro da existencialidade dele que, é um ser-aí lançado num mundo circundante (HEIDEGGER 2015), ou seja, numa relação com a natureza e com o outro, pois é "ela (empatia) que nos religa com a comunidade, à humanidade, às outras espécies, à biosfera" (OLIVEIRA *et al.*, 2018, p. 43); que "é uma consciência vivida de ser tanto um 'eu' particular quanto um 'eu' com o universo", acrescenta Tuan (1986, p. 18).

Byung-Chul Han (2017) endossa o coro nesse relacional humano que precisa de alteridade para se libertar das amarras narcisistas do consumismo, do mundo capital que é capaz por meio do *eros*.

> O sujeito (narcisista) mergulha e se afoga em si mesmo. O eros, ao contrário, possibilita uma experiência do outro em sua alteridade, que resgata de seu inferno narcisista. Ele dá curso a uma degeneração espontânea do si mesmo, um esvaziamento voluntário de si. (HAN, 2017, p. 11)

Nesse mundo de esvaziamento, nos advêm os sentimentos, o erotismo, as paixões, que são esse *eros* numa "relação com o outro, que se radica para além do desempenho e do poder" (HAN, 2017, p. 25), que se dão num espaço vivido como experiência do amor, do erotismo e que farão desse um lugar de memória, de um bem viver. Assim como enfatiza Maturana (1997, p. 185) "a socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre".

Podemos observar e/ou propor, de tal modo, um diálogo entre Han e Tuan, já que, para este último, "a memória do bem viver é necessariamente preenchida com imagens do contato humano - erótico, afetivo, cortês e intelectual" (TUAN, 1986, p.

17). Esse contato, ou experiência, pode ser do outro, ou até mesmo nossa, a partir dessa relação que o bem viver se constitui no sentir-se por ele e por mim enquanto imaginado, pensando.

Logo, esse amor, o erotismo se torna uma subversão e rompe os discursos do capital baseado num falso desenvolvimento, na exploração da natureza, ou em outros micropoderes que aprisionam o ser da cidade. O erotismo apresenta esse espaço como acontecimento de sua experiência de bem viver e, logo, a partir desse bem viver em sua localidade como campo de suas realizações e afetividades.

Pensando de tal modo, percebemos emergir na cidade esse bem viver. Pois, a urbe urge, serena e profana, entre risos e prantos estranha e encanta. Na urbe arde sedenta, sangra, na madrugada fria, queima e insana. As luzes acesas, frenesi em todo lugar, de repente o silêncio rompe, e a escuridão cai a abrigar os enamorados que se afagam, olhos cheios de ternura a se fitar, os abraços que se entrelaçam na urbe a se amar. Ela inflama, instiga e atemoriza, entre amores e paixões, a urbe ganha vida.

Nesse ganhar vida e no despertar do amor, dos abraços acalorados, dos olhos a se fitar, do sentir-se incendiando, o ser amazônico desperta em bem viver e com isso vai se desprendendo dos discursos frívolos que ressoam efígies estereotipadas, onde esse sujeito estava destinado a não se realizar e nada produzir, não ter cultura, não ser feliz, não ter harmonia, preso num inferno verde, atrasado, isolado.

Esse espaço de vivência, aqui em destaque a cidade, e de todas as experiências de alteridade, empatia, do amor e dos lugares da memória que essa despertou em muitos homens e mulheres da Amazônia, sente-se o bem viver.

É nela que esses seres amam, são felizes, se realizam, mantêm suas afetividades consigo, com o outro e com seu lugar, rompendo com "o inferno do igual, que vai igualando" (HAN, 2017, p. 8),[51] (homogeneizando), cada vez mais a sociedade e o espaço amazônico; indo ao embate dessas visões distorcidas do outro, exógenas, fazendo, desta forma, ecoar suas próprias lutas, resistências, experiências, invenções, seus efeitos de verdade a partir de um espaço vivido, de

[51] Han (2017) faz alusão ao inferno do igual ao eu narcisista fruto de uma sociedade consumista para fazer referência aos outros - de fora -. Logo, apropriando-se do autor, vemos esse eu narcisista de outro lugar que inventa e reinventa a Amazônia a todo instante recorrendo ao seu lugar, as suas ideologias, ao que é vinculado erroneamente pelas mídias, pelos *memes*, por um espaço imaginado sem vivencia-lo, sem experimentá-lo.

um bem viver que contrasta os outros discursos de invenção, como, por exemplo, o de Euclides da Cunha e dos *Memes*.

4.2 Um bem viver pela (s) floresta (s) amazônica (s)

Não obstante, podemos observar essas criações, construtos de dentro através de uma análise sobre os modos de vida dos povos da "floresta", do *bien vivir* deles. Todavia, inseridos nas florestas há uma diversidade de povos, uma multiplicidade de culturas, meios de subsistências, de relações sociais e com o mundo circundante, o que acarretaria numa pesquisa extensa, numa investigação onde demandaria mais tempo e nos conduziria a abrir novas perspectivas adentro de nossa escrita.

Como o objetivo desse capítulo reside em expor uma invenção da Amazônia endógena por meio do espaço vivido, sem prolongamentos, neste tópico vamos nos ater as vivências ribeirinhas no ambiente da região e de como a partir de tal aflora discursos que vão de encontro aos outros que circunscreveram esse espaço como isolado, atrasado, infernal, isto é, esse lugar ganha enunciações do "lar-doce-lar", de afetividades, memórias, empatias, paixões, amores, partidas e chegadas, uma localidade de boa existência entre si e a natureza, congruente aos dizeres de Carneiro (1956), para quem os vizinhos estão rio abaixo ou acima, ou sobre as águas dele, e é sobre a superfície líquida que se dão os encontros, que se efetuam os negócios, que se transmitem as notícias.

Este palco de experiência não é o curso d'água do prisma euclidiano ou dos *memes* ou de Guimarães Rosa, como "ciclo infernal de isolamento" ou de "natureza vingativa", como nos reintera Foot Hardman em análise às obras de Cunha sobre a Amazônia:

> Na vertigem do rio, é representado o drama das 'estradas' circulares dos seringais ou dos cauchais, vistas como labirintos modernos e transfiguradas pela soledade em alegorias de uma história interrupta ou sequer começada, como desenhos do ciclo infernal e arruinado daquelas vidas fronteiriças. [...] Esse rio que se propaga e se repete a si mesmo é um fluxo de desterro, da morte e, ao contrário de uma metáfora muito frequente, seu fluir representa antes que qualquer *thélos*, a suspensão da história. [...] Diante da melancolia e da desilusão do progresso (o rio não leva a nenhuma parte) não é possível tampouco erigir uma pátria a ser compartilhada, uma nação a ser dividida [...]. (HARDMAN, 2009, p. 300-301)

Ao contrário, ele se torna aqui figura de preponderante importância ao processo de embate aos outros inventos e um próprio, pois o rio, ou melhor, os rios se tornaram lugares de trocas afetivas e culturais, de fluxos e movimentos que possibilitaram aos moradores dessa vasta região, os "povos da floresta", se locomoverem, comercializarem, amarem, sobreviverem, enfim, permitiram que ela (a vida) fosse concretizada.

> O rio [...] símbolo dos símbolos, símbolo de experiências temporais, o rio é igualmente símbolo das experiências espaciais, pela contemplação (devaneante, poética dos homens) e a obtenção da sobrevivência, pois no rio: 'O homem pesca a lida/ e seus milagres./ Aqui, fundou-se o tempo./ Aqui, lendou-se a idade'. Mas no rio também 'o homem mais se pesca do que o peixe (...)', ou seja, constrói com e a partir da interação com o rio sua identidade. Mas, se o homem se reconhece pelo rio, no rio que conhece na Amazônia: 'A natureza e o homem se prospectam', pois do rio retira sua sobrevivência, no rio também encontra a morte, a incerteza do destino e o sentido da vida. (PEREIRA, 2008, p. 184)

As palavras de Pereira (2008) corroboram com as acepções heideggerianas e dardelianas, quando o autor destaca *"o homem se conhece pelo rio"*, *"a partir da interação com ele", "experiências", "a natureza e o homem se prospectam*", ou seja, a existência do ser e seu sentido, sua compreensão, só se dão diante de um espaço de ação, do *Dasein* que se lança ao mundo criando em torno de si, segundo Heidegger (2015), um lugar, o qual o indivíduo irá conceber pela geograficidade.

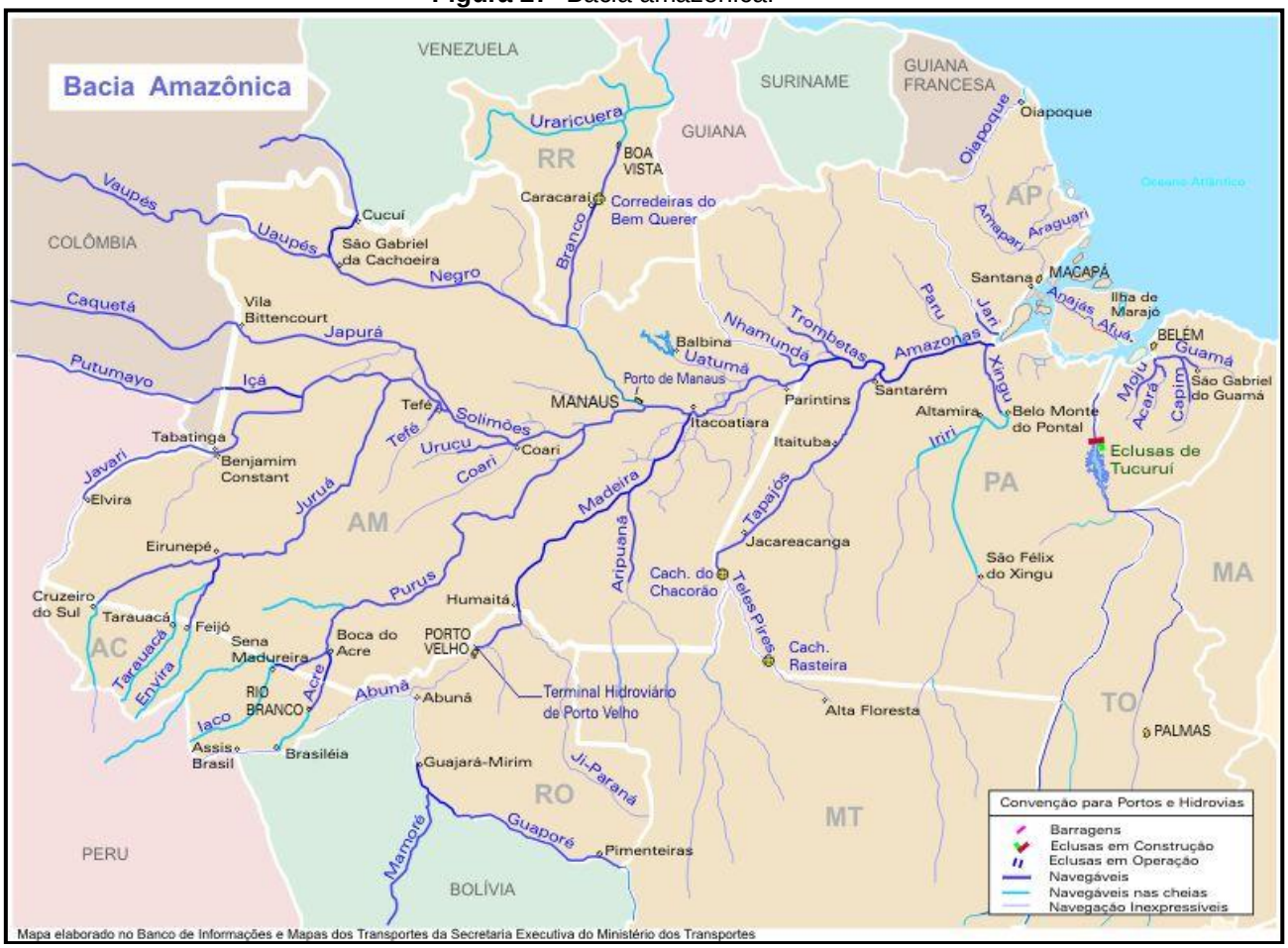
Esse conceito cunhado por Dardel explicita, segundo Holzer (2011, p. 291, *apud* DARDEL, 2011) o conteúdo existencial do sujeito, em que se apropria desse ambiente, se tornando parte dele, o corpo e a matéria se apoiam, e "esse espaço primitivo que, uma vez apropriado pelo homem, se torna 'lugar'". Logo, o rio é palco de encenações, a água aparecendo, segundo Bachelard (1993), como tendo um corpo, uma alma, uma voz, dessa imbricação entre o indivíduo e a natureza.

A região Norte do país é cortada e recortada por essas espécies de veias e artérias líquidas, como podemos observar na figura a seguir, sendo meio crucial na vida do seu povo, em sua cotidianidade, corroborando com a enunciação de Tocantins.

> Os rios são as estradas naturais, permitem a mobilidade humana. Sem eles não haveria nada [...] Pelos rios navegam, num constante navegar, todos os

> tipos de embarcações, que trazem alimentos e utilidades, para as vidas. Pelos rios se fazem as relações sociais importantes, [...] através dos rios, eles mantêm seus vínculos de interesse e solidariedade com as Casas Aviadoras de Manaus e Belém. Nos rios estão as esperanças de chegar e de sair [...] (TOCANTINS, 2003, p. 40).

Figura 27- Bacia amazônica.



Fonte: Wikipedia.
Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hidrografia_do_Brasil. Acesso em: 01.05.2020

São nessas teias aquáticas que a vida se concretiza, pois esses cursos se tornam caminhos, como já dizia o poeta Raul Bopp em *Cobra Norato* (1931), esse rio é a nossa rua. Essas vielas, por exemplo, permitiram e permitem que a comunicação aconteça através das embarcações, os trânsitos humanos, o que vai desconstruindo uma penumbra geográfica, pois, o homem nela se locomove, reside, mantém sua existencialidade como um ser-no-mundo que trabalha, se alimenta, etc., assim como podemos notabilizar nas figuras seguintes.

Figura 28- Pesca sustentável do Pirarucu no rio Solimões-AM.

Fonte: O progresso.

Figura 29- Ribeirinhos do rio Envira, no município de Feijó-AC

Fonte: Denilson Almeida, 2020.

Na imagem 28, observamos uma das formas preponderantes de atividade no Território amazônico, a pesca. Dela, os sujeitos se conectam com o ambiente natural, relaxam, se nutrem, comercializam, sendo uma das principais fontes de renda das comunidades.

Na figura 29, o homem se debruça sobre as águas com os cascos móveis, sejam as ubás[52], chatinhas[53], regatões[54], batelões[55], gaiolas[56], vapores, canoas, lanchas, etc.; é agenciado por elas, tira proveito e, ao mesmo tempo, se presentifica, harmoniza, ganha sentido no seu existir, produz cultura, têm suas vidas erigidas nesse cenário verde e barrento das águas, com os cantos dos bichos o que contrasta com os construtos de Cunha e do *memes* no que concerne ao *isolamento* do ser e do espaço das Amazônias, haja vista que,

> O homem e o rio são os dois mais ativos agentes da geografia humana na Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional. (TOCANTINS, 1983, p. 233)

Seguindo essa acepção dos fluxos fluviais como lugar, cenário das experiências vividas, paira neles um aspecto de boa vida, onde a “relação entre todos os seres deve ser encarada como social, entre sujeitos, em que a cultura e a natureza se fundem em cultura viva”, como afirma Acosta (2016, p. 15).

Uma boa vida que surge desse relacional vivenciado, por exemplo, emerge no habitar, uma forma de ocupar o espaço, de agir sobre ele construindo sua habitação, pois, segundo Franco e Cornelis (2012), é por meio dela que se faz a relação do homem com sua localidade.

É no residir ribeirinho, em suas práticas cotidianas, que se erguem discursos de invenção da Amazônia a partir de dentro do seu lugar. Como é o caso do casal, Roni Adamasceno e Nete Adamasceno[57], que morava à beira do rio Abunã, situado na vila Extrema, pertencente ao município de Porto Velho, Rondônia, em detrimento de um campo de pesquisa, no ano de 2017, realizado pelos pesquisadores do

---

[52] Pequenas embarcações feitas com a técnica rudimentar dos índios, equivalente a uma canoa.
[53] Embarcação a vapor movida por roda à polpa. O nome vem do formato do casco chato para melhor vencer os baixios e paus nos altos rios da Amazônia.
[54] Embarcações usadas para o comércio ambulante nos rios e igarapés.
[55] Embarcação pequena com toldo e motor a polpa.
[56] Embarcação de hélices movida a vapor. Desempenhou, junto com a chatinha, o mais importante papel nos transportes acreanos.
[57] Relatos e/ou depoimentos do Banco de Dados do autor, coletados entre os anos 2017 e 2020.

GEPCULTURA.

Roni e Nete habitaram em terras bolivianas, na divisa com o Brasil, por mais de vinte anos. Ali encontraram harmonia, felicidade. Tinham suas criações de galinhas, porcos e gado. Plantavam e cultivavam, além da coleta de castanha e da pesca. Criaram seus filhos, viviam bem, como eles mesmos afirmaram.

Contudo, foram desapropriados de suas terras, de seu lar pelas autoridades bolivianas, sendo alocados num casebre na ponta do Abunã e, posteriormente, no município de Bujari, no Acre. No decorrer de seu breve depoimento, dona Nete demonstrava uma tristeza profunda no tom de sua voz e, também, no semblante de seu rosto, ao falar da perda de sua casa.

Foi nessa agonia visível dela que pudemos resgatar aquilo que muito bem enfatizou Bachalerd (1993) em relação à moradia, “um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (BACHELARD, 1993, p.36). No existencial humano, “a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida” (BACHELARD, 1993, p. 26).

Isso porque, para o autor, (1993, p. 24), “a casa é o nosso canto do mundo [...] o nosso primeiro universo [...] todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1993, p. 24-25). Logo, a casa além de se tornar lugar de acolhimento, de lembranças afetivas e, prontamente, um espaço vivido, se torna ponto de partida para o lançar-se ao restante do mundo, corroborando com Heidegger (2015).

A casa, assim, “abriga o devaneio, protege o sonhador, [...] permite sonhar em paz, [é] uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (BACHELARD, 1993, p. 26).

Com a perda de seu lar, dona Nete perdeu também um pouco de sua alma, de seus sonhos, como se a morada fosse uma espécie de pele que habitava em si, porque “a imagem da casa se torna a topografia do nosso ser íntimo” (BACHELARD, 1993, p.14), como se a moradia fosse corpo e espírito da senhora e vice-versa.

Sendo assim, antes de perder seu terreno, ela nos disse da felicidade que era habitar aquela paragem. Recorda da criação dos filhos que se deu lá, da fartura de alimentos advindos da roça, da coleta, da caça e da pesca; dos passeios de barco, do anoitecer dos dias que viveu em harmonia com seu lugar.

É na fala do senhor Roni, todavia, que essa sensação de paz e equilíbrio com o ambiente se volve mais enfática, assim como o bem viver e, consequentemente, a invenção do ser e do seu mundo amazônico, de onde erige construtos que colidem com outros olhares, resistindo e criando efeitos de verdade.

Ao subirmos o Abunã, através do batelão, seis horas rio acima, de Extrema a Nova Califórnia, no estado de Rondônia, o qual era conduzido por ele, nos narrou sua vivência naquele espaço.

Para o senhor Adamasceno aquela região fazia e faz parte de sua condição existencial. Lá os seus filhos foram criados, a lida era feita todos os dias e viviam bem. Não havia necessidade de desmatar a natureza, dela era tirado o essencial: a madeira para fazer a casa, o galinheiro e o curral; o plantio para subsistência e, às vezes, vender na feira; do rio o banho e a pesca, da mata a extração da castanha e a caça.

Ele continua relatando que foi duro ser expulso de sua terra, ter que deixar seus animais e só vir com a roupa do corpo e mesmo que tenha sido realocado, sente falta. Diz que lá parecia ter mais amor entre ele e sua esposa, que agora não era a mesma coisa. “hoje eu e minha mulher somos aposentados, ganhamos cerca de seis mil reais, entretanto, a gente era muito mais feliz lá na colônia”.

Adamasceno continua, “nós não temos necessidades, eu continuo plantando no assentamento em Bujari e aqui às margens do Abunã. Acordo cedo, faço o que tenho de fazer e depois já vou pra casa”. Dessa fala, o senhor Roni nos deixa claro o desprendimento do tempo.

Ele não liga para a contagem do relógio, não é controlado por ele e sim pelo próprio ritmo de trabalho, isto é, de acordo com sua vontade, contrariando essa lógica da sociedade de consumo.

Para ele há uma temporalidade diferenciada mesmo que a contagem das horas seja a mesma, vivendo numa mesma época, numa mesma duração que outras pessoas, por exemplo, os trabalhadores de uma fábrica na urbe.

Dessa forma, resolvemos denominar essa distinção de temporalidades simultâneas, tendo em vista que estão e/ou comportam o período presente, em que estamos inseridos, ou seja, no mesmo momento histórico, todavia, se tornam distintos para indivíduo em suas associações ou dinâmicas espaciais, enquanto lugar de ação, de habitação, no seu interior.

No campo, é comum ter um ritmo diferente do escorrer da areia da

ampulheta, pois ali, não é ele o ditador dos compassos, das marchas, ao contrário, o homem se desvencilha dessa amarra, se liberta em sua arte cotidiana que é uma possibilidade a caminho de um bem viver, um equilíbrio com a natureza, tirando dela o necessário para sobreviver, significando-na e sendo ressignificado.

Roni Adamasceno encerra a conversa com um sorriso no rosto, ao ser perguntado se ele se achava isolado naquelas paragens e se trocaria essa vida para viver na cidade. “Pois bem, achava certa dificuldade no início, pois não tinha estrada, era um varadouro que ora caminhávamos, ora íamos de carroça puxada por bois, mas o importante era que chegávamos. Nunca me achei isolado, demorava um pouquinho, porém sempre chegava”. À segunda pergunta, aumentando o tom de voz na tentativa de superar a zoada do batelão, ele continua rindo e diz: “não trocaria por nada essa vida que aqui levei”.

Desse modo, é nítido, em suas existências enquanto sujeitos amazônicos, um construto que enxerga esse espaço como um lugar de memória, de boas experiências, de produção de cultura, da paz, do aconchego, do amor, da realização, de sua imbricação íntima com o mundo circundante, de sua condição humana desprendida das teias de poder do capitalismo e dos efeitos de verdade dos discursos euclidianos e dos *memes*, reinventando um enunciado que não só afronta os outros, mas produz seu próprio sentido verossímil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU PONTO DE PARTIDA PARA OUTRAS (GEO) GRAFIAS?

Estas tessituras não tiveram o desejo de encerrar o assunto como se dele houvesse se esgotado e nada mais houvesse a falar. Pelo contrário, assim como tivemos e/ou traçamos um ponto de partida para a análise em questão, ensejamos que estes escritos sirvam de novos começos para outras pesquisas.

Parafraseando Bauman (2005), esperamos que esta tese seja um espécime de morto-vivo, que sempre possa ser ressuscitada do mundo dos mortos para que seja lida, devorada, que se parta dela para uma continuação ou, simplesmente, a uma negação, à (des) construção.

O importante é que ela seja revivida, desenterrada, revolvida, que sirva, quem sabe, em nossa pretensão, para balançar alguma estrutura ou fazer que, pelas frestas, saiam ideias, embates, resistências.

Decerto, vale pensarmos que toda tomada de decisão, seja política, econômica, cultural, social, pessoal, é um abrir e um fechar, ao mesmo tempo, de possibilidades. Uma vez que, quando abrimos uma porta, outras se fecharão e nossos passos analíticos tomarão um percurso deixando outro para trás.

Tendo essa premissa em mente, objetivamos mostrar como as Amazônias da região Norte do Brasil foram inventadas por um complexo discursivo a partir do outro, de um lugar diferente. Essas falas, desde o século XVI, foram sendo, nas descontinuidades históricas, erigidas frente ao espaço amazônico e seu povo como um paraíso habitado por monstruosidades, atrasado, fantasioso, exótico, isto é, figurações depreciativas, além de uma espécie de justificação para a exploração das drogas do sertão, que eram produtos oriundos da floresta, madeiras nobres, frutos, óleos, ervas, látex, etc.

Nessas rupturas temporais, nos debruçamos sobre a nova forma de governo do país, a República, instaurada em 1889, após por fim na monarquia que vigorava no Brasil, enquanto independente, desde 1822.

Nesta nova conjuntura, alinhada com o paradigma dominante, o capitalismo, e com um discurso de trazer progresso e civilização para todo o território, os governantes resolveram empreender uma identidade nacional.

Além de anexar áreas de grande potencial exploratório devido suas riquezas, como o Amapá e o Acre.

Interessados nas riquezas naturais, na escravização dos indígenas, e no ouro descoberto final do século XIX, além de não reconhecerem sua diversidade cultural, sua humanidade e nem a diversidade da(s) Amazônia(s).

No final do século XIX há a descoberta de ouro na região, acirrando de uma vez a disputa com conflitos armados entre o Brasil e a França. Finalmente, segundo Furtado (2011), foi em 1 de dezembro de 1900, que o Conselho Federal Suíço confirma a atualidade do Tratado de Utrecht[58], estabelecendo o rio Oiapoque como fronteira entre os dois países, graças à experiência do diplomata José da Silva Paranhos Junior, o Barão de Rio Branco, que anos depois resolve, também, a questão do Acre, visando os interesses na borracha.

Nesse bojo, Rio Branco, com uma diplomacia implacável e assegurando os interesses republicanos, se serve, como ele mesmo afirmara, dos literários para ganhar apoio da população visando resolver o agora imbróglio com o Peru pelas terras acreanas, angariando a participação de Euclides da Cunha como chefe da Comissão de Reconhecimento ao Purus (1905) e, evidentemente, de sua alcunha de grande escritor reconhecido no Brasil.

Antes disso, dá fim ao conflito entre a Bolívia e o Estado brasileiro, pelo atual estado do Acre com a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, onde foi pago ao governo boliviano uma quantia de dois milhões de libras esterlinas para indenizar um consórcio de investidores norte-americano que arrendaram essas terras, em 1901, conhecido como *Bolivian Syndicate,* e a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré.

Era de interesse republicano, como já mencionado outrora, uma busca por uma impressão tupiniquim sobre seu território, que viesse embater aos construtos enunciativos erigidos pelos europeus, haja vista que desejavam introduzir uma escrita autêntica brasileira, como asseverou Tocantins (1966), com menor influência europeia diante da verdadeira natureza amazônica que sempre foi tecida pelo outro, pelo colonizador, pela gente adoidada, como fez alusão, Euclides aos cronistas europeus, que ergueram imagens descabidas sobre a região e, nesse momento, ele

[58] O chamado **Tratado de Utrecht,** instituído em 1713, constituiu um conjunto de imposições à Espanha e à França determinado pelos países vencedores da **Guerra de Sucessão Espanhola.** As resoluções desse tratado redefiniram parte da geografia da Europa e colaboraram para acelerar o processo de ruptura com o **Pacto Colonial** (ou Exclusivo Colonial) da Espanha com suas colônias na América. Ou seja, uma de suas diretrizes era o estabelecimento do rio Oiapoque como fronteira entre Portugal e França, o que asseguraria o atual território do Amapá (FURTADO, 2011, p. 69).

vingaria a Hileia, então.

Todavia, o próprio autor d'Os sertões, acalcanhado de leituras positivistas europeias e de uma conjuntura sócio-histórica e espacial outra, (re) inventa à Amazônia um olhar mais brutal e desolador, "terra sem história", onde o "homem está destinado a não ter cultura", lugar de isolamento. E que a procura por uma identidade nacional gerou outro discurso, também colonizador, ou seja, uma vontade descolonizadora e "vingativa" transformou-se, novamente, em desejo colonizador.

É válido realçarmos que essa termologia vai transcendendo sua simples grafia, pois dela emanam outros significados, conotações, num ir além do geográfico, haja vista que transcursa se revestindo do elemento cultural, econômico e político, isto é, de tudo o que é avesso aos ideais norteadores do paradigma dominante: o *progresso*, a *civilização* e o *desenvolvimento*.

A partir da escrita euclidiana, em *À margem da História*, resultante de sua expedição ao Purus, em 1905, e da notoriedade que o autor ganhara com o livro, Os sertões, de 1902, Euclides reinventa o espaço e o ser amazônico e/ou consolida visões estereotipadas da/sobre (a) região de uma forma excepcional, causando um efeito de verdade grandioso, ressignificando-na a um isolamento, sinônimo de inferno verde.

Para delinear essa invenção, metodologicamente, caminhamos por uma acepção foucaultiana sobre o que é um autor. Neste trajeto, Foucault (2001), nos traz uma reflexão de há autores que fundam características tão marcantes que dão origem e/ou solidificam discursos.

Esta função autor é um resultado do que Foucault (2001) chamou de operação complexa que constrói um certo ser da razão que se chama autor, dando-lhe *status* realista: instância 'profunda', poder 'criador', um lugar originário (FOUCAULT, 2001).

São nestas descontinuidades históricas, que as imagens sobre a Amazônia tornam-se mais vívidas, no início do século XX e depois no século XXI. A partir de 1905, essas efígies são validadas principalmente pelo viés do conhecido autor Euclides Rodrigues da Cunha que, por meio de interlocuções com linhas positivistas, naturalistas e deterministas do século XIX, atribui a este espaço um *isolamento*, conferindo a ele esse "título" de (re) inventor da Amazônia, em destaque à Amazônia Sul Ocidental, pois dar um sentido de valor, de verdade e aceitação na condição de uma obra ser marcada pelo seu nome.

Foucault (2001) sobre o que é um autor, seu papel, não exclui *essas operações* fundadas em épocas e contextos particulares e tipos de discursos circundantes, numa cadeia de interlocuções e trans/interdiscursividades. Já que o autor, para o filósofo francês, sempre é esse momento histórico definido e ponto de encontro de certo números de acontecimentos, fazendo o autor ser um sujeito do discurso.

É nessa direção que essa ideia se torna fundamental, pois Euclides, em seus discursos, se torna terra firme para outros autores se debruçarem em suas tessituras a partir de interloções e/ou por meio da transdiscursividade, coadunando com a perspectiva bakhtiniana, onde se reafirma que sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras da arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem (BAKHTIN, 2003).

Assim se tornaram os textos euclidianos, seu nome trouxe o ar de veracidade para esses construtos, após os seus, sendo um fundador e instaurador de discursividade, isto é, não sendo apenas autor de suas obras, de seus livros, estabelecendo uma possibilidade infinita de discursos a partir dos seus, dado devido as suas alocuções não se tornarem apenas certos números de analogias, mas tornar “possível (e tanto quanto) um espaço para outra coisa diferente dele e que, pertence ao que ele fundou” (FOUCAULT, 2001). O que podemos observar nas tessituras de Alberto Rangel, Leandro Tocantins e tantos outros, até meados da década de 1970.

Ainda calcados numa perspectiva foucaultiana, a qual foi nos mostrando e elucidando nossos objetivos, pousamos em suas descontinuidades da história, uma vez que é um autor que rotura com a narrativa retilínea, contínua, sem rupturas, revelando uma deterioração e/ou enfraquecimento da noção do Homem e, logo, do eu que falo, do autor, pois o discurso vai se tornando uma reflexão de si, falando por si mesmo, de acordo com o contexto sócio-espacial, seus interesses, tendo, assim, condições de funcionamento, renascendo em cada um de seus pontos, absolutamente novo e “inocente”.

Dessa forma, para Foucault (2001), o discurso reaparece sem cessar em todo seu frescor erigindo novas invenções, como é o caso do discurso memético sobre a Amazônia e sua população, que consolida, (re) funda, (re) inventa-na com o estigma de atrasada, homogeneizada e isolada.

É nesse momento, que surge em nós, a vontade de figurar uma invenção outra, porém, a partir do sujeito amazônico, de suas experiências, do seu viver.

Para isso, resolvemos então nos debruçar sobre outro método, o fenomenológico, o qual permitiu erigir um diverso invento do território e do seu povo, por meio do espaço vivido, isto é, pelo existencialismo humano inserido na natureza, no mundo circundante e, logo, de uma relação íntima que brota da reciprocidade entre o ser e o lugar.

Poderíamos continuar nossos passos pela análise discursiva, todavia, resolvemos seguir caminho pela fenomenologia por nos permitir um olhar mais íntimo e direto através da própria vivência desse ser que experimenta o mundo, que o sente, que é significado por ele e o ressignifica. Ao mesmo tempo, que dessa relação embrionária ecoa discursos que (re) inventam a Amazônia endogenamente.

As vivências das cidades e as ribeirinhas no ambiente da região amazônica afloram discursos que vão de encontro aos outros que circunscreveram esse espaço como isolado, atrasado, infernal, isto é, esse lugar ganha enunciações do “lar-doce-lar”, de afetividades, memórias, empatias, paixões, amores, partidas e chegadas, enfim, do bem viver, erigindo, assim, um efeito de verdade desse ser amazônico, que embate, nega, resiste, “(des) constrói” a fala do outro, de um espaço divergente do seu.

Dessa forma, abre-se um olhar, até então implume, à possibilidade de resistências cotidianas a partir do ser-estar-no-mundo que se lança à natureza com respeito, admiração e vivência em cumplicidade, fazendo ecoar epistemologias e invenções amazônicas, ou seja, com o olhar endógeno na produção de efeitos de verdade à ciência.

REFERÊNCIAS

1- Artigos, livros, dissertações e teses:

ACOSTA, Alberto. **O bem viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda – São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

AGOSTINHO, Santo. As confissões**.** *In*: **Santo Agostinho os pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. **Águas da Amazônia:** sentidos, percepções e representações. 1998. 222f. Tese (doutorado) - Setor de Ciências da Terra do Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. História e historiografia do Acre: notas sobre os silêncios e a lógica de progresso. *In* **Revista Tropos**. Rio Branco: 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Territorialidades e identidade do coletivo Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia:** "Orevaki Are" (reencontro) dos "marcadores territoriais". Tese de Doutorado em Geografia. Curitiba: SCT/DG/PPG/UFPR, 2010. 301 p.

ALTHUSSER, Louis, **Aparelhos Ideológicos de Estado.** 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. **Obra crítica.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1966. v. 4 (1901-1910).

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero:** revisitando o debate. *Psicol. clin.* [online]. 2005, vol.17, n.2, pp.41-52. ISSN 0103-5665. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004. Acesso em 1 de julho de 2019.

ATHAYDE, Tristão de. Política e letras. *In:* CARDOSO, Vicente Licinio (org.). **À margem da historia da republica (ideaes, crenças e affirmações).** Inquerito por escriptores da geração nascida com a republica. Rio de Janeiro: Laemmert, 1924.

BACHELARD, Gastón. **A Formação do Espírito Científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2005.

BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal.** Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Trad. Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. "Dialogismo, polifonia e enunciação". *In*: FIORIN, José Luiz (Orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade:** Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994. (Coleção Ensaios de Cultura).

BASTOS, A. Miranda. **A conquista do Acre**. Rio de Janeiro: Revista Epopeia, 1955.

BASTOS, Abguar.**Terra de Icamiaba (romance da Amazônia)** Hersen Editor: Rio de Janeiro, 1934.

BASTOS, Abguar. **A conquista acriana.** Rio de Janeiro: SPVEA, 1958.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – Formação Social e Cultural.** 3.a ed. – Manaus: Editora Valer, 2009.

BENCHIMOL, Samuel. **A Amazônia:** um pouco-antes e além-depois. Manaus: Humberto Caldero, 1984.

BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da batalha da borracha.** Imprensa oficial, Manaus, 1992.

BERNARDI, Rosse-Marye. "Uma leitura bakhtiniana de Vastas emoções e pensamentos imperfeitos, de Rubens Fonseca". *In*: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BLOM, P. **Os anos vertiginosos:** mudança e cultura no ocidente -1900-1914. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço.** Curitiba: Editora UFPR, 2008.

BOMFIM, Manoel. **A América latina:** males de origem [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

BONNUCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária- Abordagens históricas**

e tendências contemporâneas. 3ª Edição revisada e ampliada. Maringá: Eduem, 2009.

BOPP, Raul. **Cobra Norato.** São Paulo: Irmãos Ferraz, 1931.

BÓRQUEZ, Luciano Concheiro (Org.). **Argumentos - Estudios críticos de la sociedad.** México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2014.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2003.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade.** 2ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 11-27.

BRAIT, Beth. **Bakhtin:** outros conceitos-chave. Beth Brait, (org.) – São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth. **Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise.** Gragoatá – Publicação do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, n. 20, p. 47-62, 1º sem. 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRITO, Ronaldo Correia. Como Euclides da Cunha criou o mito do sertão em sua obra-prima**.** *In:* **Jornal online Estadão**, dia 15 de junho de 2019, referente à homenagem pela Flip 2019.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da Historiografia. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Carões, caras e caretas:** salão de humor e de outros humores. [S.l s.n.], [19--]. Mimeografado.

CALIXTO, Valdir. FERNANDES, Josué. SOUZA, José. **Acre:** uma história em construção. Rio Branco: Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Acre, 1985.

CÂMARA Yls Rabelo; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo. Campos de concentração no Ceará: uma realidade retratada por Rachel de Queiroz em o Quinze (1930). *In:* **Revista Entrelaces**. Ano V – nº 06 – jul.-dez. 2015 - ISSN 1980-4571. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23403/1/2015_art_ymrcamarayrcamara.pdf Acesso: 16 de julho de 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CARNEIRO, Edison. **A conquista da Amazônia.** Rio de Janeiro: Coleção Mauá, 1956.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **A fundação do Acre:** uma história revisada da anexação. Rio Branco: EAC, 2015a.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **A formação da sociedade econômica do Acre: "**sangue" e "lodo" no surto da borracha (1876-1914). Rio Branco: EAC, 2015b.

CASTRO, J. Plácido de. Relatório de governo do Alto Acre- 1907. *In:* CASTRO, Genesco. **O Estado independente do Acre e J. Plácido de Castro:** excertos históricos. Brasília: Senado Federal, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. **Por uma interdisciplinaridade "focalizada" nas ciências humanas e sociais.** Trad. Renato de Mello e Renata Aiala de Mello, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** 13 ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 125.

CIDREIRA, J. H. **Os meios de comunicação do Acre-** e o (contra) discurso do desenvolvimento econômico nos anos 1970. Rio Branco: EAC, 2015.

CIDREIRA, J. H. **Discurso e resistência na Amazônia acreana.** Rio Branco: EDUFAC, 2016.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural***.* Florianópolis: Editora da UFSC; Ed. Or., *La géographie culturelle.* Paris, Nathan, 1995.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia.** Florianopolis: Editora UFSC, 2001.

COELHO, Davi de Barros. **A Amazônia animada:** a representação da região amazônica no cinema de animação brasileiro. Dissertação de Mestrado, 293f. – PUC, Rio de Janeiro, 2012.

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da liberdade. A escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil.** São Paulo, 1983.

COSTA, Craveiro. **A Conquista do Deserto Ocidental**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

COSTA, Emily Monteiro; ZOUEIN, Maurício E. **Um paraíso perdido:** a Amazônia de Euclides da Cunha. Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação. Roraima: UFRR, 2013. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1338-1.pdf Acesso: 30 de junho de 2019.

COSTA, Fábio R.; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia:** conceitos e paradigmas - apontamentos preliminares. Campo Mourão, 2010.

COSTA, Francisco Pereira. **Seringueiros, patrões e a justiça no Acre Federal (1904/1918).** Rio Branco: EDUFAC, 2005.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Contrastes e confrontos.** Universidade da Amazônia-UNAMA, Belém, s/d. Disponível em www.nead.unama.br. Acesso: 3 de junho de 2019.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** Domínio Público. São Paulo: Três, 1984.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido:** reunião de ensaios amazônicos. Brasília, Senado Federal, 2000.

CWIK, Christian. **A disputa sobre os limites entre Guiana Francesa e Portuguesa (1801-1817).** *In* Revista Outros tempos, V. 12 N. 20, 2015. Disponível em: www.outrostempos.uema.br Acesso em 04 de maio de 2020.

DAWKINS, Richard. **The Selfish Gene.** England: Oxford University Press, 1976.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil:** um estudo de história ecológica. São Paulo: Nobel, 1989.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 01. São Paulo: Ed. 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 02. São Paulo: Ed. 34, 1995b.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 03. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DEL PRIORE. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.

DIAS, Maurício. **Monteiro Lobato e suas proximidades a filosofias racistas.** In Carta Capital, 2013. Disponível em http://www.conexaojornalismo.com.br/colunas/internacionais/monteiro-lobato-e-sua-proximidade-a-filosofias-racistas-leia-artigo-de-mauricio-dias-85-10417 Acesso: 12 de julho de 2019.

DOMINGUEZ, Bruno Camarinha. **Charges e Discurso:** Episódio da Febre Amarela. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação de Comunicação e informação Científica de Tecnologia em Saúde, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2012.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **Do "mando" ao guardião da floresta.** Rio Branco: EDUFAC, 2010.

FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1985.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002.

FERREIRA, Luiz Felipe**. Iluminando o Lugar**: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.

FIGUEIREDO, LUÍS CLAUDIO. **Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar).** Tempo soc. [online]. 1995, vol.7, n.1-2, pp.136-149. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20701995000100136&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso: 15 de março de 2020.

FONTANELLA, Fernando. **O que é um meme na internet? Proposta para uma problemática da memesfera.** Trabalho apresentado no III Simpósio da ABCiber. São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso***.* 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro, NAU Editora, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits – 1954-1988.** Vol. IV. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. **El poder una bestia magnífica.** (Trad. Horacio Pons). Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade clássica.** São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1972.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** *In*: **Ditos e escritos** - Estética, literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, Renato Ferreira; VAN STRALEN, Cornelis Johannes. O espaço de habitação e sua importância para a produção de subjetividade. *In:* **Psicologia em Revista.** V. 18, n. 3, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: periodicospucminas.br Acesso em: 01.05.20.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** 50ª edição. Global Editora, 2005.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almedina, 1976.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Guerra, diplomacia e mapas:** Guerra de Sucessão Espanhola, o Tratado de Ultrecht e a América portuguesa na cartografia de D'Anville. Topoi, v. 12, n. 23, jul-dez., 2011, p. 69.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GALLINO, L.. **Dizionario di Sociologia.** Turín, UTET, (voces Neopositivismo e sociologia y Tecnica), 1978.

GIZBURG, Jaime. **Euclides da Cunha, a Amazônia e a barbárie.** Estudos Avançados. São Paulo, v. 24, n.69, 2010.

GEORGE, Pierre. **Os métodos da geografia.** Algés, Ed. Difel, 1986.

GOMES, Pimentel. **A conquista do Acre.** São Paulo: Edições Melhoramento, 2008.

GOMES, Maurício Gonsalves. **A beiradeira e o grilador:** ocupação e conflito no Oeste do Pará. São Paulo: USP, 2008. (Dissertação em Geografia).

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia.** São Paulo: Marco Zero, 1994.

GONÇALVES, J. F. G. (2015). **Foucault, a descontinuidade histórica e a crítica da origem.** Revista Aulas. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/aulas/article/view/1926. Acesso em 27 de março de 2020.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Euclides da cunha na Amazônia:** descontinuidades históricas nos modos de ver e narrar a floresta. Santa Catarina, UFSC, 2010.

HAESBAERT, Rogério e BRUCE, Glauco. **A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari.** Rio de Janeiro, NUREG (Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização), artigo, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Centauro Editora, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do eros.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARDMAN, Francisco Foot. **A Vingança da Hiléia – Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HATOUM, Milton. Euclides não teve tempo de vingar a Hiléia. In: **Jornal O Estado de são Paulo.** Especial Euclides da Cunha – A obra e o legado de um intérprete do Brasil. Domingo, 23 de agosto de 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo.** São Paulo: Moraes, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **El ser y el tiempo.** Madri: Fondo de cultura econômica, 2000.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In **Ensaios e conferências.** Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Parte I, 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback, 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** Companhia das Letras, Edição comemorativa 70 anos. 2006.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. 235f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. *In*: Território. Rio de Janeiro: Garamond – LAGET/UFRJ, 1997, n. 03, p. 77-85.

HORTA, Natália Botelho. **Meme como linguagem da internet:** uma perspectiva semiótica. 2015. 191f. Dissertação (mestre) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

IBAÑEZ, Mario Rodríguez. Buen vivir nas cidades. *In:* BARROS, Joana; GUTTERRES, Anelise e SILVA, Evanildo Barbosa da. (Orgs.). **Território de utopia:** resistências aos impactos dos projetos de desenvolvimento no Brasil. Rio de Janeiro: FASE, 2015.

JACKSON, Joe. **O ladrão do fim do mundo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

JÚNIOR, Peregrino. Grupo Nortista. *In*: COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Larragoiti, 1955.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para pesquisadores, estudantes e cidadãos. *In*: **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 84, p. 77-82, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval.** Lisboa: Ed. 70, 1989.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora:** Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LIMA, Simone de Souza. **Amazônia babel:** línguas, ficção, margens, nomadismos e resíduos utópicos. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios:** natureza em ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Ed. UNB, 1999.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica:** Uma poética do imaginário. Belém: Editora CEJUP, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

KEHL, Renato. A eugenia no Brasil. *In*: **Actas e trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia.** RJ: 1929.

KLEIN, Daniel da Silva. **Quando os seringueiros falam:** o trabalho nos seringais e convocações para os combates pela posse do acre no início do século xx. Cuiabá, 2018.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; FILHO, Sylvio Fausto (orgs). **Da percepção e cognição a representação:** reconstruções teóricas da Geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

KRIZ, J. (1988). **Facts and Artefacts in Social Science. An Epistemological and Methodological Analysis of Empirical Social Science Research Techniques**. Nueva York, MacGraw-Hill, 1988.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Doeira e Nelson Boeira. - 9. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2006.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MACIEL, Maria Eunice S. **A eugenia no Brasil.** Porto Alegre: Lume, 1999.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. *In:* **Revista Geografia**. Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, 2012.

MARQUES, Marcos Aurelio. **Interdisciplinaridade e poder em Michel Foucault: encontro com a geografia.** Revista Espaço Rural, ano XVI, v.16 n. 32,2015. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/12842/8897 Acesso: 24 de março de 2020.

MARQUES, Marcos Aurelio. **Literatura e geografia:** a poética do lugar em Thiago de Mello. Dissertação de Mestrado, 103f. Universidade Federal de Rondônia. Programa de Pós-Graduação em Geografia: PPGG/UNIR. Porto Velho-RO, 2010.

MARQUES, Marcos Aurelio. **Territórios poéticos e poética da multiplicidade em Affonso Romano Sant'Anna.** Tese, 174f. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra. Curitiba: PPGG/UFPR, 2016.

MARRADI, Alberto. **Método como arte.** Papers 67, 107-127, 2002.

MARTINELLO, Pedro. **A "batalha da borracha" na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o vale amazônico.** Rio Branco, UFAC, 1988.

MARTINELLO, Pedro. Formação e expansão da empresa gumífera e importância da borracha na Segunda Guerra Mundial. *In*: SOUZA, Carlos Alberto Alves de. (Org). **15 textos de história da Amazônia.** Rio Branco: UFAC, 1998.

MATURANA, Humberto R. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto R.; VARELA G., Francisco. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Psy II, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTEIRO. Benedicto. **Aquele um.** 3º ed. Belém: CEJUP, 1995.

MORAES, Péricles. **Os intérpretes da Amazônia**. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

NASCIMENTO, Maria das Graças. **O trabalho silencioso da mulher no interior da floresta amazônica.** Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente. Porto Velho: UFRO, Março, 1998, Nº 11, V. II.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **O espaço ribeirinho.** São Paulo: Terceira Margem, 2000.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva & SILVA, Joseli Maria. **Interseccionalidades, Gênero e Sexualidades.** Ponta Grossa, Toda Palavra, 2014.

NICOLAZZI, Fernando. **À sombra de um mestre**: **Gilberto Freyre leitor de Euclides da Cunha**. *História* [online]. 2010, vol.29, n.1, pp. 254-277. ISSN1980-4369.

OLIVEIRA, Cila Maria F. Fonseca de; PEREIRA, Rélenny V. B. Cerqueira. **Discurso euclidiano em Amazônia, terra sem história.** Revista de Linguagem, Cultura e Discurso: Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717 V. 08, N. 2 (julho-dezembro de 2017).

OLIVEIRA, Valmir Martins de. *Et al.* Cidades afetivas: uma via ecológica para o bem-viver. *In:* **Revista eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais E-metropolis.** Ano 9 nº 32, 2018. Disponível em: www.emetropolis.net. Acesso: 10 de abril de 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2ª ed., 2005.

PACHECO, Alexandre. **As fronteiras entre história e literatura na narrativa de Leandro Tocantins sobre a exploração científica do rio Purus.** Natal: ANPUH BRASIL, 2013.

PACHECO. Alexandre; SILVA, Adriana Conceição dos Santos. O homem ‘À margem da história” por Euclides da Cunha. *In*: **Revista de História e Estudos Culturais.** 2012. Disponível em: www.revistafenix.pro.br Acesso: 27 de julho de 2019.

PASSOS, Filipe Caldas Oliveira. **Linguagem, verdade e poder em Heidegger e Foucault:** confrontações com a história do pensamento metafísico. Revista Lampejo, volume 5 nº 2. Fortaleza- CE, 2017. Disponível em: http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/?page_id=1262 Acesso: 20 de março de 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso –** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas; EDUNICAMP, 1997.

PEREIRA, Mirlei Fanchini Vicente. Uso do território e território usado no sudoeste da Amazônia: Considerações a partir do sistema hidroviário. *In* **I Simpósio de Pós-**

Graduação em Geografia do Estado de São Paulo / VIII Seminário de Pós-Graduação em geografia da UNESP, campus Rio Claro. Rio Claro: AGETEO, 2008.

PÉREZ SALAZAR, Gabriel. El meme como recurso expresivo: un acercamiento desde los Estudios Culturales. En Pérez Salazar, G. **El meme en Internet. Identidad y usos sociales** (p. 99-152). México: Fontamara / Universidad Autónoma de Coahuila, 2017.

PÉREZ SALAZAR, Gabriel *et al.* El meme en internet. Usos sociales, reinterpretación y significados, a partir de Harlem Shake. *In*: BÓRQUEZ, Luciano Concheiro (Org.). **Argumentos - Estudios críticos de la sociedad.** México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2014.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas.** São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina:** a Mulher e o espaço público. Revista Brasileira de História 18, ANPUH/Marco Zero, 1989.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sociabilidade, Justiça e Violência: práticas e representações culturais no cone sul (século XIX e XX)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PICKLES, John. **Phenomenology, Science and Geography:** spatiality and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PICCOLI, Jacó Cesar**. Sociedades Tribais e a expansão da economia da borracha**. São Paulo: PUC, 1993.

PISSETTI, Rodrigo Fernandes; SOUZA, Carla Farias. Art Nouveau e Art Déco, confluências. *In*: **Revista Imagem.** v.1. n.1. RS, 2011. Disponível em: http://revistaimagem.fsg.br/_arquivos/artigos/artigo72.pdf Acesso: 10 de julho de 2019.

PIZA, Daniel. **Amazônia de Euclides:** viagem de volta à um paraíso perdido. São Paulo: Leya, 2010.

POPPER, Karl R. **Conjunturas e refutações.** Brasília: Editora da UNB, 1980.

QUEIROZ, Francisco da Silva. Amazônia: inferno verde ou paraíso perdido? Cenário e território na literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha. In. **Nova revista amazônica** - ano v - volume 3 - setembro 2017- issn: 2318-1346.

RABELLO, Sylvio. **Euclides da Cunha.** Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1966.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. 1. ed. São Paulo: Expressão

Popular, 2008.

RAFFESTIN, Claude. Pourquoi navons-nous pas lu Éric Dardel? *In*: **Cahiers de géographie du Québec** Vol. 31, no 84, décembre 1987, 471-481.

RANCY, Cleusa Maria. **Raízes do Acre (1870-1912).** Porto Alegre: PUC, 1981.

RANGEL, Alberto. **Inferno verde:** cenas e cenários do Amazonas. Valer (edições do Governo do Estado). 5. ed. Manaus: 2001.

REIS, Arthur C. Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1953.

REIS, Roberto. Cânon*. In*: JOBIM, José. **Palavras da crítica.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RELPH, Edward. **Place and placeless.** London: Pilon, 1976.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. *In*: **Geografia**, Rio Claro, v. 04, n. 07, p. 01-25, 1979.

REVISTA PROJETO HISTÓRIA: HISTÓRIA E CULTURA. Entrevista com Michelle Perrot. *In*: **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, 1993.

RIFKIN, Jeremy. **A terceira revolução industrial –** como o poder lateral está transformando a energia, economia e mundo. São Paulo: M. Books, 2012.

ROUANET, S. P. A gramática do homicídio. *In*: FOUCAULT, M. *et al.* **O homem e o discurso:** a arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 91-139, 1996.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, Patriarcado Violência.** 2ª edição. São Paulo. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, W. Lotman: comunicação, código e cultura. *In:* **Comunicação e Semiótica.** São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTANA, Francisco Marquelino **Os brasivianos do rio Mamu:** modos de vida e a poética fenomenológica do viver. Produção esta feita no Programa de Pós-Graduação de Geografia da Universidade Federal de Rondônia, 2019.

SANTANA, Marcílio Ribeiro. **Os "Imperadores do Acre"**: uma história da recente expansão capitalista na Amazônia Ocidental. Brasília, UNB, 1988.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos:** ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Edições Afrontamento, 1987.

SANTOS, Fernando Rodrigues. **História do Amapá.** 6ª ed. Macapá: Valcan, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma nova Geografia:** da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: HUCITEC, 1980.

SARAMAGO, Ligia. **Entre a terra e o céu:** a questão do habitar em Heidegger. Rio de Janeiro, 2011.

SCHWARCZ. Lilia Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. *In*: **História, Ciências, Saúde –** Manguinhos. Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p. 225-242.

SCOTT, JOAN. **Gênero uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação & Realidade. Vol. 15, nr.02 – Jun/dez. 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SKEWES, Juan Carlos; HALISKI, Antonio Marcio (Orgs.). **El buen vivir:** interculturalidades y mundialización, uma mirada desde América Latina. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

SILVA, Francisco Bento da. **Acre, a Sibéria tropical:** desterros para as regiões do Acre em 1904 e 1910. Manaus: UEA Edições, 2013.

SILVA, Adnilson Luiz da.; SILVA, Divino José. **Governo, subjetividade, e resistência:** Foucault e Certeau. UNESP- Franca, 2016. Disponível em: https://www.franca.unesp.br/Home/Posgraduacao/planejamentoeanalisedepoliticaspublicas/iisippedes2016/artigo_-governo_subjetividade-e resistencia_foucault.pdf. Acesso: 02 de abril de 2020.

SILVA, Joseli Maria; NABOZNY, Almir; ORNAT, Márcio José. A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas. *In*: **Abordagens Geográficas** - volume 1, número 1, 2010: out.nov., p. 23-41. Disponível em: http://abordagensgeograficas.geo.puc-rio.br/media/Artigo_2.pdf Acesso: dia 2 de julho de 2019.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre:** novos temas, nova abordagem. Rio Branco: Editor Carlos Alberto Alves de Souza, 2005.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **Aquirianas:** mulheres da floresta na história do Acre. Rio Branco: Instituto de Pesquisa, Ensino e de Estudos das Culturas Amazônicas, 2010.

STEPAN, NL. Eugenia no Brasil, 1917-1940. *In*: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar:** ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 330-391. ISBN 978-85-7541-311- 1. Available from SciELO Books. Disponível em http://books.scielo.org/id/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111-11.pdf Acesso: 10 de julho de 2019.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **Servidão humana na selva:** o aviamento e o barracão nos seringais da Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2009.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2009.

TOCANTINS, Leandro. **Estado do Acre:** geografia, história e sociedade. Volume 1, Rio Branco: Tribunal de Justiça, 2003.

TOCANTINS, Leandro. **Estado do Acre:** geografia, história e sociedade. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984. (Coleção Redescobrimento do Brasil, Vol. 2).

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992.

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**: tentativa de interpretação de uma presença singular na Amazônia e a consequente evolução de um pensamento sobre a paisagem étnico cultural, histórica e social brasileira, alargando-se nos horizontes da história continental. Manaus: Governo do Amazonas, 1966.

TOCANTINS, Leandro. **Formação histórica do Acre**. Brasília: Senado Federal, 2001, Vols. I e II.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida:** uma interpretação da Amazônia. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yu Fu. **The good life.** The University of Wisconsin- Madison, 1986.

TOULMIN, S. E. (1972). Human Understanding, vol. I: **The Evolution of Collective Understanding.** Princeton University Press [Madrid, Alianza, 1977].

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha e a República.** São Paulo: USP, 1994.

VENTURA, Roberto. **Visões do deserto:** selva e sertão em Euclides da Cunha. *In*: BRAIT, Beth. **O sertão e os sertões**. São Paulo, Arte e Ciência, 1998.

VIEIRA, Nuno. Posfácio ao romance **Terra de Icamiaba**, de Abguar Bastos. Rio de Janeiro: Andersen- Editores, 1934.

1.2- Publicações e/ou matéria de periódicos e documentos:

1.2.1- Artigos e/ou matéria de periódicos

Jornal *A peble*, ano I, nº 1, de 09/06/1917, p. 1. Acervo Biblioteca da USP.

Jornal online *Estadão*, dia 15 de junho de 2019, referente à homenagem pela Flip 2019.

Revista *Dom Casmurro*, 1946.

Revista *O malho*, ano II, nº 20, de 31/01/1903, p. 7. Acervo FBN.

Revista *O malho*, ano III, nº 117, de 10/12/1904, p. 18. Acervo FBN.

Revista *O malho*, ano IX, nº 432, de 24/12/1910, p. 19. Acervo FBN.

1.2.2 Documentos

Diário de marcha da Comissão Mista Brasileiro-Peruana. São José do Rio Branco: Printac, 2006 *In* Piza, Daniel. **Amazônia de Euclides:** viagem de volta a um paraíso perdido. São Paulo, Leya, 2010.

Ficha histórica de José Felipe Nery de 14/05/1974, fl. 02. In: ASSEF, Eduardo. Documentos do seu acervo guardados no Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural do Acre:

Lei Federal nº 380 de 10 de setembro de 1948.

1.2.3 Simpósios, Colóquios e Encontros:

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Conferência de abertura do VII Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaços e Representações- NEER, em Diamantina- MG, em outubro de 2018.

Encontro entre pesquisadores realizado no período de dois em dois anos pela **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.** Na edição do ano de 2017, a realização foi na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Encontro:*"Saberes Geoecológicos Tradicionais e Diversidade Socioterritorial"*, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG apoiada pela CASLA- Casa Latino-americana e o Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, ancorado nos princípios da Universidade Itinerante, em outubro de 2017.

SOUZA, Carlos Alberto Alves. Mesa redonda intitulada *A pesquisa em história do Acre:* diálogos de experiências na **XVI Semana de História, "a pesquisa e o ensino:** conhecimento histórico, meio ambiente e diálogos sociais", em dezembro de 2013.

VII Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaços e Representações-NEER, em Diamantina- MG, em outubro de 2018.

XVI Semana de História. **"A pesquisa e o ensino:** conhecimento histórico, meio ambiente e diálogos sociais", em dezembro de 2013.